



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANACI DE JESUS ALVES VENEGEROROLIS SILVA

CARTAS E VIVÊNCIAS: SOLIDÃO, RACISMO E AFETO DE
ESTUDANTES NEGRAS CAMPESINAS

Amargosa-BA

2024

ANACI DE JESUS ALVES VENEGEROROLIS SILVA

CARTAS E VIVÊNCIAS: SOLIDÃO, RACISMO E AFETO DE
ESTUDANTES NEGRAS CAMPESINAS

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de Professores (CFP), como requisito para conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ana Cristina Nascimento Givigi.

Amargosa-BA

2024

**CARTASEVIVÊNCIAS:
SOLIDÃO, RACISMO E AFETO DE ESTUDANTES NEGRAS CAMPESINAS**

Relatório Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação do Campo do Centro de Formação de Professores (CFP), vinculado a Linha 3 - Cultura, Raça, Gênero e Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), para fins parcial da Titulação de Mestra em Educação do Campo, cujo parecer será emitido pela seguinte Banca Examinadora: Profa. Dra. Maíra Lopes dos Reis; Profa. Dra. Mariana Martins de Meireles; Profa. Dra. Silvana Carvalho da Fonseca sob a orientação de Ana Cristina Nascimento Givigi.

Documento assinado digitalmente
 **ANA CRISTINA NASCIMENTO GIVIGI**
Data: 02/09/2024 16:59:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ana Cristina Nascimento Givigi – Orientadora
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB Doutora em Educação – UFS

Documento assinado digitalmente
 **MARIANA MARTINS DE MEIRELES**
Data: 02/09/2024 09:04:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mariana Martins de Meireles - Avaliadora Interna
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB Doutora em Educação
Contemporaneidade – UNEB

Documento assinado digitalmente
 **MAIRA LOPES DOS REIS**
Data: 02/09/2024 09:09:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Maíra Lopes dos Reis – Examinadora Externa
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB
Doutora em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo – UFBA

Documento assinado digitalmente
 **SILVANA CARVALHO DA FONSECA**
Data: 02/09/2024 11:36:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Silvana Carvalho da Fonseca – Examinadora Externa
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB Doutora em Literatura e
Cultura – UFBA

Amargosa-BA, 15 de março de 2024

RESUMO

Esta pesquisa, de cunho autobiográfica e interventiva, nasce a partir das inquietações como mãe, filha e professora. Foi fomentada pelas discussões apresentadas no Mestrado Profissional da Educação do Campo UFRB-CFP, durante as atividades do Componente Curricular: Estudos Feministas e Educação do Campo, onde gatilhos foram acionados sobre a ausência de discussões voltadas para a solidão da mulher negra camponesa. As leituras provocaram sensibilidades e pude rememorar feridas, dores e amores da minha infância, das experiências com minha mãe e irmãs, com minhas filhas. Dei-me conta das solidões que atravessavam e atravessa as mulheres da minha família, e posteriormente com minhas alunas, e com as estudantes da Escola Dinorah Lemos, em Amargosa/BA, quando fui inteirada enquanto Coordenadora Pedagógica de casos de automutilações de estudantes negras. Buscando contribuir para escrituras do feminismo negro, voltado para o campo e entender o processo de solidões das estudantes negras camponesas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, desenvolvemos ciclos de discussões intitulados de Cirandas, a partir de vídeos e textos, onde debatíamos sobre solidão, afeto, racismo e feminismo. Culminado por narrativas epistolares autobiográficas de estudantes adolescentes e/ou jovens negras, camponesas das turmas dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – Anos Finais da Escola Municipal Monsenhor Antonio José de Almeida, em Amargosa, BA.

Palavra chaves: Cartas, solidão, afeto, Educação do Campo, interseccionalidade

ABSTRACT

This research, of an autobiographical and interventional nature, was born from concerns as a mother, daughter and teacher. It was fostered by the discussions presented in the Professional Master's Degree in Rural Education UFRB-CFP, during the activities of the Curricular Component: Feminist Studies and Rural Education, where triggers were triggered about the absence of discussions focused on the loneliness of black peasant women. The readings provoked sensitivities and I was able to remember wounds, pains and loves from my childhood, experiences with my mother and sisters, with my daughters. I became aware of the loneliness that went through and goes through the women in my family, and later with my students, and with the students at the Dinorah Lemos School, in Amargosa/BA, when I was informed as Pedagogical Coordinator of cases of self-mutilation among black students. Seeking to contribute to the writings of black feminism, focused on the countryside and understanding the process of loneliness of rural students in the Final Years of Elementary School, we developed cycles of discussions called Cirandas, based on videos and texts, where we debated about loneliness, affection, racism and feminism. Culminated by autobiographical epistolary narratives from teenage and/or young black peasant students from the 8th and 9th year classes of Elementary School – Final Years of the Monsenhor Antonio José de Almeida Municipal School, in Amargosa, BA.

Words Keys: Letters, loneliness, affection, Rural Education, intersectionality,

SUMÁRIO

1- PRIMEIROS PENSAMENTOS E ESCRITOS SOBRE O TEMA	
1.1. Sobre mim: solidões e estratégias cotidianas interseccionadas pela classe, raça e gênero	07
2- O QUE DIZEM AS CARTAS?	13
2.1 Carta 01 – Mainha Amada	13
2.2 Carta 02 – Querida filha	17
2.3 Carta 03 – O que vejo da minha janela?	23
2.4 Carta 04 – Carta a pequena Dilma	24
2.5 Carta 04 – Vida difícil	25
2.6 Carta 04 – Uma carta à minha avó	26
3- POR QUE FIZ ESTA ESCOLHA?	26
4- QUAIS ERAM MINHAS PRETENSÕES	26
4.1 O que pretendo especificamente?	32
5- DESENHO INICIAL DOS MEUS CAMINHOS	32
5.1 Por quais ideias me motivo?	32
5.1.1 Um pouco mais sobre meus caminhos	32
6- PASSOS NUM CAMINHO EM BUSCA DE RESPOSTAS: COMO SE DARÁ A MATERIALIZAÇÃO DA PESQUISA?	37
6.1 Vídeos e textos explorados	38
6.2 Questionário	38
6.3 Ciranda	40
6.4 Escrita em Cartas	42
6.5 Produções e Exibições das Cartas Curtas	42
7- A LINGUAGEM: NARRATIVAS E ESCRIVIVÊNCIAS FEMINISTAS A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE	48
7.1 Letramento racial: interseccionando gênero e classe.....	4
8- NOSSAS MEMÓRIAS, NOSSOS TERRITÓRIOS AUTOBIOGRÁFICOS, NOSSOS ACHADOS EM CARTAS	57
8.1 Das experiências estudantis nas turmas de 8º e 9º ano: Análise dos questionários.....	59
8.1.1 Do Endereço	60
8.1.2 Da Família	62
8.1.3 Da Escola	62
8.1.4 Da Solidão: Sentir ou não solidão	64
8.2 Solidões e afetos em cartas: a indumentária das estudantes negras camponesas.....	68
8.2.1 A Solidão que destrói o amor e o direito de amar	75
9- A GUIA DA CONCLUSÃO	78
10- REFERÊNCIAS	86
11- ANEXOS	89
1- Questionário (01)	
2- Questionário (02)	
3- Diário de Bordo	
QUADRO 01 –Vídeos e textos que nortearam as discussões dos Questionários	
QUADRO 02 –Vídeos e textos que nortearam as discussões da Ciranda (1ª parte)	
QUADRO 03 –Vídeos e textos que nortearam as discussões da Ciranda (2ª parte)	
QUADRO 04 –Resumo das etapas	
QUADRO 05 – Matrícula das estudantes camponesas da Escola Dinorah	

QUADRO 06 – Contingente do alunado

QUADRO 07 – Caracterização das estudantes a partir do questionário censitário

QUADRO 08 - As colaboradoras da pesquisa

1- PRIMEIROS PENSAMENTOS E ESCRITOS SOBRE O TEMA

1.1 - Sobre mim: solidões e estratégias cotidianas interseccionadas pela classe, raça e gênero

Antes mesmo de apresentar-se quero dizer a vocês que escrevo para espantar o que é invisível à vocês e tão sentido por nós, negras, a solidão, como um afeto existencial presente na nossa formação. Este trabalho busca contribuir para escrituras do feminismo negro, voltado para o Campo e entender o processo de solidões das estudantes negras camponesas dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Monsenhor Antonio José de Almeida, em Amargosa, BA. Conversamos sobre solidão, afeto, racismo e feminismo, que culminaram em narrativas epistolares autobiográficas *destas* estudantes adolescentes e/ou jovens negras. Descubri tantas coisas sobre dizer de si. Vamos lá à essa imersão.

Vou apresentar-me com dois poemas que dizem muito do que eu sou em construção e também por gostar muito desse gênero, que nos permite dizer o indizível de sonhos e expectativas de forma literária e leve, que nos permite biografar no anonimato, confessar vivências e experiências das mais superficiais às mais profundas entranhadas em nós. Construo-me e reconstruo-me entre perdas e remendos. Talvez, daqui a seis meses esses poemas não me representem mais, pois sou fugaz, sou bruma, sou vento, sou ventania e tempestade.

Sou feita de retalhos

Cris Pizzimenti.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês que fazem parte da minha vida pelos retalhos deixados e que permitiram engrandecer minha história, encorpar minhas narrativas e estampar expectativas, ideologias e sonhos realizados. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos e costurando um imenso bordado de “nós”, uma rede de apoio, de intelecto, de representatividade para nossas ancestrais, atuais e sucessoras.

A arte de perder

Elizabeth Bishop

A arte de perder não é nenhum mistério;
Tantas coisas contêm em si o acidente
De perdê-las, que perder não é nada sério.
Perca um pouquinho a cada dia.
Aceite, austero,
A chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Depois perca mais rápido, com mais critério:
Lugares, nomes, a escala subsequente
Da viagem não feita.
Nada disso é sério.
Perdi o relógio de mamãe.
Ah! E nem quero lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Perdi duas cidades lindas.
E um império que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles.
Mas não é nada sério.
– Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo que eu amo) não muda nada.
Pois é evidente que a arte de perder não chega a ser mistério por muito que pareça
(Escreve!) muito sério.

Esse poema me acompanha desde quando minha mãe, meu bem inestimável partiu fisicamente da minha vida. Desde muito cedo aprendi a perder, sempre caminhando em frente, rumando em direções que iam desenhando minha trajetória. Fui mãe adotiva aos 18 anos, me interessei pelas questões voltadas para os grupos sociais que somam minorias de acesso aos direitos sociais desse país, pois, me vejo perfeitamente cabível nesses grupos. Fui me conscientizando e sensibilizando cada vez mais pelas questões voltadas para o meio ambiente e os animais, como mulher negra

periférica me constitui professora da Rede Municipal de Amargosa. Atualmente, moro sozinha, experiência carregada de perdas e novas perspectivas.

Sentia necessidade de juntar minha voz àquelas vozes que projetariam, minimamente, meus anseios nas possíveis esferas deliberativas. Nesse sentido, mesmo leiga, já reconhecia e legitimava as contribuições importantíssimas dessas instituições de luta e resistência contra o estado colonizador, sejam elas ocupadas e organizadas pelas mulheres, pelas religiões, cultura, pelos movimentos dos grêmios estudantis, pelos sindicatos, ou pela militância que discutia raça em nossa sociedade. Interessada por política, filiei-me ao Partido dos Trabalhadores/PT, no ano de 1999, quando cursava Magistério, sob indicação da professora Andréia Ioná e do, então professor, ex- Reitor dessa Universidade, Fábio Josué. Nesse ínterim, na luta para eleger Lula à Presidência da República, apoiamos a Marcha do Sem-terra, que inclusive, passou pela nossa cidade e militamos pela interiorização da Universidade/UFRB e implantação do Campus em Amargosa, o que se concretizou.

A minha trajetória acadêmica se inicia e caminha até hoje com a UFRB/CFP desde 2006, quando fui estudante da primeira turma da Pedagogia, fiz parte da luta pela interiorização dessa mesma instituição, vi e vivi sua implementação e consolidação, de um espaço educacional de nível superior que mudaria para sempre o cenário educacional e sociocultural do município de Amargosa e região, principalmente a minha vida que assim como tantas outras pessoas fui a primeira da família a cursar o nível superior.

Fiz parte do programa de egressos da UFRB, em 2014, objetivando uma especialização *Stricto sensu*, especializei-me em História da África, etapa muito importante para a construção de minha identidade antirracista. Em 2015, ingresso no Curso de Letras, o qual não conclui e, em 2019, fui selecionada como aluna especial pelo Componente Curricular Estudos Feministas e Educação do Campo, uma das experiências mais incríveis que vivenciei no âmbito acadêmico. Já em 2022, finalmente, depois de diversas tentativas, tornei-me uma mestranda pela Linha 03 - Cultura, Raça, Gênero e Educação do Campo no Mestrado Profissional em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Formação de Professores (CFP).

Como produções acadêmicas do Componente Curricular supracitado, escrevi duas cartas que, pretensamente, dediquei às estudantes pretinhas que não estão inseridas num seio familiar nuclear colonialmente hegemônico, àquelas que não tiveram os direitos de crescer nas suas famílias biológicas, dediquei às minhas alunas do Campo que foram doadas para seu tio, a fim de realizarem as atividades domésticas, as quais julgavam impossíveis de serem realizadas por um homem solteiro; às estudantes que saem do Campo todos os dias para estudar nos centros urbanos cheios de preconceitos e racismo, e à memória a minha saudosa mãe e, em especial, para minha filha Gabrielle Venegerolis.

Conheci as Cartas como forma de acessar a vida interior e como espaço narrativo das singularidades que mobilizam a formação do sujeito. Também, pela metodologia que nos ensinam a narrar sobre si nas teias de relações sociais. As cartas acionam memórias, traumas, questões íntimas que podem ser vistas socialmente como sem importância, ou de menor valor, mas para nós mulheres que vivenciamos constantemente um projeto pensado pelo e para o patriarcado, sabemos da importância dessas biografias, que, com liberdade disparamos no papel de forma descolonizada, fruída, poética, responsável e insurgente, uma linguagem que abre possibilidades de inclusão, sociabilidade de uma forma de escrita que valoriza, respeita e perpetua as memórias e especificidades do ser humano, onde nós mesmas podemos ser a expectadora e protagonista. Como afirma Kiki Givigi:

A literatura negra acessa uma textualidade que vai da oralidade à escrita sem se opor, cadenciando ritmos às palavras, rememorando inscrições que, por restrição ou por limite, não chegaram ao texto dos cânones. Ao acessar o tempo passado, o reinventa tornando viva a expectativa de um futuro que parecia perdido (GIVIGI, 2020. p. 05).

Sou um tanto da minha mãe, um tanto de minha filha, um tanto do que vivi, um tanto do que sofri e um tanto do que ainda não descobri. Cunhada à premissa pela classe, que se materializou na total ausência do Estado, da inexistência de emprego formal, que por gerações não contemplou nenhum membro da minha família, da extrema deficiência no que diz respeito à formação escolar, sendo eu a primeira a concluir o Ensino Fundamental, Médio Superior, da fragilidade da proteção familiar e carência alimentícia, da frustração por nunca termos sido chamadas para um casamento, aniversário, por nunca sermos escolhidas para daminha de casamento ou para anjo nos cortejos das igrejas, ou para rainha do milho ou jenipapo nas escolas.

A questão da classe, de pertencer a um lugar de expropriação do trabalho, da terra, do teto e espoliação da pessoa estava posta há gerações na minha família, e sem dúvidas, foi o primeiro motor das minhas construções sócio histórica. A indignação e questionamentos sobre minha condição de mulher negra e pobre, filha de mãe solteira, se juntavam à esperança de ter uma vida mais digna. Com mainha eu vivia a lida nas fazendas de café na Lagoa do Morro, Pedro Antônio, e Zona Rural de Amargosa/BA, vaidosas com nossa habilidade de enchermos, por dia, pelo menos cinco caixotes com grãos de café, depositá-los em duas ou três sacas e depois arrastá-las por centenas ou até milhares de metros nos labirintos de terra fofa e vermelha para serem recolhidas e medidas em um local próximo da “casa grande”. Era um lugar de um frenesi sem igual, pessoas que andavam em procissão vigiando sua produção, contestando a medição quase sempre injusta. Quando o sol já se punha no horizonte deitando no mar do cafezal, nossos corpos exaustos celebravam a produção do dia.

O dinheiro recebido com a *panha do café*, que para tristeza da minha mãe era sazonal, nunca deu para suprir os gastos, mas ainda era um pouco melhor nesses períodos. A lida nos cafezais enquanto criança era uma enorme diversão e prioridade, em detrimento da escola, diversão que só se quebrava quando alguém morria afogado na enorme represa de águas pretas da fazenda Lagoa do Morro, hora picados(as) por animais peçonhentos, ou no trânsito quando os caminhões tombavam, deixando nas estradas alguns bóias-frias esmagados.

Dessas vivências, o momento mais tenso era na hora das refeições que sempre sobrava gente com fome. Repetidas vezes meus irmãos se perdiam pelos cafezais, mas sempre apareciam com alguma fruta ou comida, que prefiro acreditar que era doada, quando nada tínhamos para comer ou beber. A nossa matriarca nos oferecia o leite excedente dos seus pequenos seios alegando que a caçula, que estava em casa com sede, fazia vazar e doer o peito. Então eu, com uns oito anos e meus irmãos, chegando aos doze, nos alimentávamos com alguns goles de leite materno para logo reiniciarmos o trabalho, numa disputa para vermos quem colhia mais café. Acredito que eram uns dos poucos momentos que tínhamos para nos conhecermos melhor e brincarmos.

O trabalho sempre foi o lazer da nossa família. Durante os festejos de largo, lá estávamos nós, empurrando o carrinho de mão quando não estava quebrado, o leva e traz de mercadorias, quitutes e utensílios que montava a barraca de lanches, espetinhos

de carne e bebidas. Final de ano, com a chegada do verão, aproveitávamos as excursões para Ilha de Itaparica e lá estávamos nós, procurando um lugar “ao sol” para vender cervejas. Às noites, escutando músicas ou noticiários, que ecoavam das casas vizinhas, passávamos pilhas e pilhas de “roupas de ganho”, varando a noite. Minha mãe fazia a maior parte do trabalho, nunca a vi dormindo, dormia depois de nós e acordava bem antes, não descansava mesmo quando estava doente, morreu aos 65 anos de câncer no fígado, no dia 05 de junho de 2011.

Após longo período de luto, percebi que teria que dar continuidade à minha vida, minhas filhas cresciam e eu tinha muito pouco para oferecer-lhes, foi aí, que em 2014, fiz uma pós-graduação em *História da África, da Cultura Afro-brasileira e africana* pela UFRB-CFP e, a partir das discussões sobre raça, fui constituindo-me como uma pessoa antirracista e fui reencontrando-me novamente. Pude conhecer as lutas, as vitórias e derrotas, as delícias e os horrores de nascer negra. Desde então, meus interesses literários partem, sobretudo, da questão racial não descolada da classe.

Meu contato novo com o Campo e suas teorias surge quando nem me lembrava mais da lida nas fazendas de café, de certo que as lembranças estavam apenas adormecidas, num lugar que não gostava de acessá-las. Tive a oportunidade de lecionar na zona rural em 2015, um desafio enorme, que me levou a lugares nunca antes acionados. Comprometida com as discussões sociais concernentes a classe e raça, pude vivenciar, na prática, as questões do latifúndio e do sem-terra, da agricultura familiar e da pecuária extensiva. Pude ver o filho do fazendeiro e a filha do vaqueiro compartilhando narrativas e saberes na classe multisseriada da Escola Municipal João Paulo II, situada na Comunidade Ribeirão do Cupido, uma das paisagens mais bonitas que já vi.

A escola, infelizmente, foi fechada em 2017 alegando falta de estudantes, e os que restaram foram remanejados para outras localidades. A comunidade fica em área de difícil acesso, vizinha à Mata do Timbó, as casas bem espaçadas esconde as crianças. Em 2015 havia doze estudantes, em 2016, sete estudantes compuseram a turma, sendo que quatro deles(as) no próximo ano iria cursar o 6º ano do Ensino Fundamental/Anos Finais oferecido apenas na sede da cidade. Então fui transferida para lecionar na zona urbana e a escola fechou as portas, deixando um enorme pesar.

2- O QUE DIZEM AS CARTAS?

Continuarei essa escrita com trechos de uma carta (in memoriam) para a minha mãe, parte da carta dedicada a minha filha Gabrielle e às tantas estudantes pretas campesinas estudantes da Escola Municipal Professora Dinorah Lemos da Silva, assim como, as cartas das colaboradoras, estudantes da Escola Municipal Monsenhor. É desse lugar de memórias e experiências que pretendo falar, pesquisar e compartilhar saberes e vivências de trajetórias de solidões que atravessam gerações entre dores e amores, ou seja, fragmentos das cartas estarão costurando esse texto, acionando gatilhos. Estas cartas são costuradas pela historicidade da vida no campo, como objetos confessionais, mas também fontes de contextualização da existência de pessoas da roça e da cidade, marcadas pelo racismo, pelas potencialidades e/ou tristezas do Campo, pelo preterimento negro, pela escola que exclui, pelas dores advindas da ansiedade.

CARTA 01

Mainha amada,

A senhora era uma agricultora, que viveu as piores formas de violência e, de tão cansada, morreu. Honorina, mulher, que na sua vida estafada não pode estudar, nem descansar um só dia. Aos dois anos de idade ficou órfã de pai e apenas a senhora, entre seus oito irmãos, foi doada à seu padrinho, casado e com dois filhos, ambos menores de três anos. Cresceu assumindo todas as responsabilidades domésticas e da lida árida e solitária na roça, entre medos e heroísmos de criança.

Recordo-me dos seus “causos”, que para mim eram histórias como as que contamos para as crianças dormirem. Lembro-me de quando você contava que aos cinco anos uma aranha caranguejeira (tarântula) lhe perseguia pela roça de mandioca no terreno íngreme, onde só conseguira se livrar quando chegou ao riacho que ficava no córrego. Eu dava gargalhadas das peripécias, achava heroico. Mas, hoje tenho consciência das violências que teve de enfrentar, desde criança sendo explorada na lida solitária da roça. Tenho também consciência de que inventar alegorias para uma vida dura é de uma habilidade sem tamanho. São estratégias de uma mãe que quando não podia oferecer nenhum bem aos seus filhos, lhes omitia a realidade e suavizava as agruras; estratégias de mainha.

Lá na roça, lugar de terra fértil, plantava-se de tudo - mandioca, frutas diversas, hortaliças, etc.- sobreviviam da agricultura familiar. Seu padrinho vivia comercializando as produções no lombo dos burros, em comitivas que duravam dias, sua madrinha cuidando da casa e a senhora tocando toda a roça. Você fez questão de retornar lá conosco por duas vezes, para minhas filhas também conhecerem o lugar onde a senhora cresceu, paisagem exuberante, na Zona da mata, no município de Brejões. Foi uma festança, sua madrinha bem idosa e acamada, seu irmão adotivo, pessoa de fala mansa e receptiva, recebeu-nos alegremente. Durante o percurso da viagem você nos mostrava onde ficava a casa de farinha, onde você morou recém casada, onde foi seu roçado, muitas memórias colocavam sorrisos em seu rosto e, às vezes, franzia a testa. Uma pena não ter dado tempo de conhecermos a Fazenda Olhos D'água da Jaqueira, onde a senhora nasceu.

Nos seus relatos, posso presumir, hoje com mais critério, o quão grande era sua solidão. A lida nas capoeiras e roçados não era fácil, mas crescer sozinha com seus medos, incertezas, curiosidades, sem mãe e sem irmãs para compartilhar suas experiências e expectativas. Deve ter sido, sem dúvida, uma grande solidão. Imagino quando menstruou pela primeira vez e não teve para quem contar e achava que estava doente, quando costurou seu próprio enxoval, pois teve casamento arranjado, casando-se com o primo de primeiro grau aos dezenove anos, sem amor ou qualquer contato afetivo antes do casamento. Um homem rude e violento- isso deu tempo de nos contar- às vezes que chegava em casa para violentar você e meus irmãos mais velhos. Posso imaginar sua solidão, quando teve seus quatro primeiros filhos na roça, com a parteira, enquanto o marido estava se alcoolizando.

Você migrou para a zona urbana, acredito que em busca de melhorias, pois a vida na roça, sem teto e sem-terra não era fácil. Quando se separou já era mãe de quatro filhos e uma filha. Deixou para trás um casal, levou consigo o mais velho e os dois mais novos. Hoje me pergunto o que levou a senhora, na década de 1970, ao se separar ter deixado com seu ex-marido a única filha, que, de acordo com nossa herança patriarcal lhe seria tão útil para cuidar dos irmãos menores? Foi isso, me lembro o quanto a senhora se mostrava arrependida de tê-los deixado. A senhora havia deixado seu filho e sua única filha, talvez por uma escolha tomando como critério o recorte racial, pois, ambos eram os mais retintos dos irmãos? Ou seu esposo obrigou a deixá-los porque se pareciam mais com ele? São perguntas que minha irmã não soube responder,

mas ela sofreu muito com sua ausência. Certamente, não faltava amor, mas me parece que o preconceito existia preterindo os irmãos mais retintos e favorecendo a escolha daquelas que não eram brancos, mas na escala da brancura, eram menos pretos e os três herdara pares de olhos verdes.

Depois de outros relacionamentos, nasceram mais três filhas, todas sem o reconhecimento paterno, inclusive a que vos escreve, somando um total de oito filhos e filhas. Foi muito bom ter mais mulheres dentro da nossa casa, obrigada mainha! Sei que você convivia com o arrependimento pela filha e filho que deixara para trás. Ficou tudo bem! Você está fazendo falta, consegui formar na faculdade, estou estudando novamente, sua filha tem conseguido muitas coisas legais, todas através dos estudos, tenho muito orgulho da senhora e vou te amar infinitamente.

Lendo Lia Vainer Schucman (2018, p. 89-98), entendi outras coisas sobre nós. Ela apresenta na sua pesquisa sobre *famílias inter-raciais* o relato de Mariana e sua família, onde detalha os atos racistas da sua mãe branca, desferidos à Mariana, desde sua primeira infância e, a seu pai, ambos pretos. Levou-me a refletir como as relações familiares são uma versão em miniatura do que acontece na sociedade brasileira. De acordo com Schucman, a imersão de Mariana na sua família construiu uma trajetória de dor e sofrimento a partir de sua racialização. As classificações raciais construídas na relação familiar e a falta de acolhimento levou Mariana a afirmar o quanto era sofrido nascer em uma família inter-racial, um espaço onde se estruturava o racismo (SCHUCMAN, 2018, p. 133-134).

Mainha, você carregava muitas solidões e feridas que fizeram com que perdesse a vontade de viver, atentando contra própria vida. A senhora era o que tínhamos de mais precioso, pois, não tínhamos casa, educação, não tínhamos móveis, brinquedos, comida, dinheiro e, quase sempre, não tínhamos irmãos e irmãs, sempre havia dois ou três trabalhando na casa de alguém, na fazenda de alguém, vendendo picolé para alguém, servindo de companhia para alguém.

Você era uma lindeza, uma flor macia com caules aparentemente resistentes e espinhosos, uma combinação perfeita esculpida no seu corpo de fragilidades, criatividade, inventividade, solidariedade e muita alegria. Possuía o frescor de uma grande árvore, se doava em sutileza, complacência e benevolências, talvez para não nos mostrar a face da negligência, da miséria, das intempéries que tentaram tombá-la por

diversas vezes e pela ausência de direitos que sempre atravessou nossa família (ESTES, 2007, p. 9-26).

O Campo já não supria as necessidades da família, que só aumentavam, os filhos do seu padrinho também já constituíam família e a roça passou a ser herança dos filhos legítimos e para a senhora restava alguma pequena roça que colocava de meia, não tinha trabalho para o marido e o que produzia era apenas de subsistência. Então, a senhora decidiu tentar a vida na cidade, período marcado pela ditadura onde tudo era muito difícil, sobretudo, para mãe negra e camponesa. Passou a ser feirante aos sábados, quartas e sextas feiras, vendia café, bolos, mininico. Acordava-nos por volta das 3:00 pm. Criou-nos, praticamente, nas feiras livres, nas festas de largos, e nos demais dias lavava “roupas de ganho”¹, assim como nós, as crianças, e catava café. Os cuidados com os filhos ficava a cargo de nós mesmas, os maiores ajudavam os menores...

A senhora fez a passagem em uma data que significava muito para ti, o dia da apresentação da minha monografia, sua primeira filha a ter nível superior estava concluindo o curso de Pedagogia, seria “professora formada”. Meu mundo perdeu o sentido, mas isso não era para a senhora saber, te causaria muita tristeza, não tinha aprendido a amar sem você fisicamente. Via-me sem alma, sem felicidade, sem leveza e sem frescor. Minha voz ficou abafada e o meu sorriso não mostrava mais os dentes por, pelo menos, três longos meses. Tornei-me uma pessoa sem crenças, sem sonhos e sem objetivos, rancorosa, pois sabia que sua morte precoce foi também foi por conta da ausência do Estado, da assistência médica adequada e principalmente pela falta de políticas.

O seu corpo estava por todo o meu, estatura, massa corpórea, cabelo, mãos e tantos outros traços físicos e psíquicos. Com você foram todos os desejos, pois, em todos eles você estava.

Mainha se foi sem realizá-los, e eu fiquei sem tê-los realizados, dessa forma restava, a dor e a frustração dos sonhos não cumpridos e uma vida vazia sem ideologia, vagando por alguns duros anos.

¹ Lavagem remunerada de roupa

Conclui a graduação dias depois, em 2011. Foi muito triste aquela apresentação sem você. E depois da sua partida, as coisas foram um pouco difíceis. Por três anos nada aconteceu. Professora contratada, concursos sem bons resultados, o PT havia perdido a disputa eleitoral municipal em 2012, e eu fiquei desempregada, distante dos processos acadêmicos até 2014. Muitos entes familiares se foram, prima, irmã, tios, tias, seus amigos, painho, etc. Buguelo, seu último companheiro, que dizia te amar, parece que estava falando a verdade, morreu de tristeza, uma depressão que lhe tirou a vida. Tia Davina, sua irmã mais próxima e companheira de barraca, também, ambos com Alzheimer.

A vida aqui minha mãe, aos poucos foi se retomando, a morte não é mais uma surpresa para nós. Nesse interim, tive contato com a literatura *Velórios* de Rodrigo M.F. de Andrade (1974), foi um deleite. Divertia-me e, ao mesmo tempo, chorava o que ainda não tinha chorado pensando em você. De fato minha vida foi rumando satisfatoriamente, suas netas cresceram e aquilo que sabiamente você previa e que, discretamente, dizia-me sobre elas tem se confirmado. Só tenho a te dizer minha querida mãe, que a senhora continua muito viva em mim e muito obrigado por ter feito por nós o que era possível.

Com saudades eternas,

Sua filha,

Anaci

Amargosa, 23 de novembro de 2022.

CARTA 02

Filha querida,

Quero falar um pouco do que vejo e interpretava da vida, quando você, Gabrielle, chegou. Eu sou Anaci, mãe, mulher negra, professora. Fui escolhida para ter filhas, aos 18 anos, quando sequer havia terminado o Ensino Fundamental. Presenteada com uma criança calada e forte, assim era como eu a via. Seu corpinho imprimia um registro físico, sobre o qual, eu jamais imaginaria, que algumas condições estruturais dessa sociedade colonial lhe causaria tantos sofrimentos posteriores. Estou falando de um corpo afrodescendente, que aprende o que é ser negro de forma dolorosa, ou o que é

bem pior, que ser negra em nosso país seria conviver com diversas solidões, com a segregação e com a invisibilidade.

Parece que isso não acontece só por aqui, minha filha. Uma intelectual negra, Grada Kilomba (2019), narra vários episódios racistas que aconteceram na Alemanha. Um deles é o caso da afro-alemã Alícia, que tem sua nacionalidade o tempo inteiro questionada, ou sua mãe branca lhe chamando de *neger*; também o caso da afro-estadunidense Katheen que sofre o racismo cotidiano com seu namorado branco ou tem sua negritude negada por sua amiga branca. Entretanto, quando atravessamos de volta o oceano e nos deparamos com uma das maiores diásporas africana, o Brasil, as histórias são tão convergentes.

Gabrielle, minha filha, nascera numa família de negros e negras, dessa forma foi recebida como tal. Era vista e compreendida como negra. Mas, quando tiramos nossos pés de casa, imediatamente, nos deparamos com práticas de “invasões fóbicas”. A família do meu ex-cônjuge era altamente racista e preconceituosa, muito embora, tão negra quanto nós, entre tias, tios, primas, primos e avó, minha filha ia sofrendo violências sutis que se corporificavam no seu cotidiano.

Filha, recordo-me hoje, com mais critérios, das demarcações de estereótipos aos quais você, tão pequenininha, já estava submetida. “O nariz não é tão grande, a pele é clara, os cabelos são finos...” que responsabilidade para uma vida de apenas sete meses de idade!!! Na tentativa de protegê-la, só confiava em sua segurança, quando estava comigo.

Bia, como você gosta de ser chamada, não viveu experiências como noite de pijama, dormir na casa de colegas, ou parentes. Você foi crescendo, descobrindo novas formas de preconceitos e construindo uma identidade extremamente frágil, violável, pautada por critérios hegemônicos e hierárquicos, sexistas, que a colocava no lugar de inferioridade.

Dessa forma, parafraseando Grada Kilomba (2019), minha filha sempre foi forçada a viver no lugar do outro, um doloroso papel de invisibilidade. A autora traz o relato de Alícia, para explicar como o racismo perverso faz a pessoa

não se aceitar, pois, se vê sob a lente da branquitude (KILOMBA, 2019, p.145-166).

Tudo foi intensificado quando sua irmã chegou à sua vida de apenas seis anos. Duas crianças com fenótipos bem diferentes. Acredito que, a partir do momento que Isabel nasceu, você, Gabrielle foi enquadrada ainda mais duramente no lugar do racismo, porque as comparações não deixavam de existir nos olhares, nas falas e na sociabilidade em geral. Um processo, muitas vezes velado, sutil, mas, que foi delineando em você uma trajetória de solidão. Nesse período, eu ainda não conhecia o que viria ser letramento racial. Creio que, por diversas vezes, devo ter anulado sua negritude como o casal de pais brancos que adotaram a menina negra Alicia, da narrativa de Kilomba (2019), mas, como pais negros que também não tinham uma identidade afrodescendente consolidada.

Você foi crescendo numa sociedade tóxica, onde as pessoas encontravam parâmetros na sua irmã mais nova para te classificá-la como inferior e negativamente diferente, primeiramente quanto à sua estética e depois, por todas as condutas sociais. Mas, queria te dizer meu amor, que sempre acreditei em você e respeitei suas diferenças, embora, deveria ter feito mais. Por diversas vezes, retrocedi.

Minha filha negra estava tão encaixada no poema de Victoria Santa Cruz musicalizado por Nina Simone “Gritaram-me negra”!E gritaram diversas vezes e eu não soube te ensinar a reagir como negra, a identificar-se como negra, me omiti, te silencieei, ensinei a ser obediente e, numa tentativa de preservá-la, evitava as saídas em público com as duas irmãs, pois uma vez juntas, quase sempre vivenciava a invisibilidade de sua beleza negra em razão da “beleza” da irmã mais nova. Minha filha cresceu ouvindo as pessoas atribuir a boniteza à sua irmã, sempre que estavam juntas.

Você quase sempre era privada da convivência com a irmã Isabel, que também foi privada tantas vezes de estar conosco, tendo que conviver mais com sua avó materna e sua tia.

Quando saíamos só nós duas, você era vista e “elogiada” com a exclamação: *que morena bonita!* O termo *morena* sempre foi utilizado até por mim, como se fosse uma tentativa de deixá-la menos preta. O processo de auto reconhecimento até poderia acontecer dentro do nosso lar, onde você era representada na sua avó, na sua mãe, no seu pai. Bia, tantas outras estudantes pretas, assim como eu, não tínhamos bagagem política, epistêmica, cosmológica para entender a força do mito da democracia racial no Brasil e, nem tampouco, para nos apoderarmos do letramento racial, uma vez que a estrutura sócio colonial marcava estereótipos que nos inferiorizavam. “Essa cena retrata a luta à qual o sujeito negro é submetido, uma luta para se identificar com o que se é, mas não como se é visto no mundo conceitual branco – uma ameaça”. (KILOMBA, 2019, p. 166).

No ano de 2022 tivemos eleição para Presidente, governador, deputados e senador. Um episódio que ganhou repercussão nacional. O candidato a governador da Bahia, ACM Neto da União Brasil, declarou à justiça eleitoral ser pardo e, ao se justificar, reafirmou ser pardo, mas negro “jamais”. A polêmica deveria ser por conta da contradição, uma vez que são consideradas negras todas as pessoas pardas e pretas. No entanto, a população adversária utilizou a polêmica para problematizar o oportunismo da ‘recente’ negritude do candidato. Esta questão emblemática ilustra a resposta de Kabenguele Munanga, (2004, p. 52), ao lhe fazer a seguinte pergunta: “Quem é negro no Brasil? É um problema de identidade ou de denominação?” Podemos pensar numa resposta contundente de Munanga, mas, segundo ele, não é nada fácil. Reconhecer-se negro no Brasil é uma questão política e social, como é o caso de ACM, ele poderia sim se identificar como negro, levando em consideração nossa origem afrodescendente. Mas, no caso do candidato, certamente estava querendo tirar proveito dessa condição, inclusive se bronzeando para ficar mais retinto e, possivelmente, ganhar a simpatia do eleitorado negro, baiano. Polêmicas como essas podem acontecer ainda com as quotas. No momento que é para tirar proveito de uma política afirmativa que beneficia aos negros, as pessoas acionam sua afrodescendência, mas quando a questão é a luta antirracista, essas mesmas pessoas podem não abrir mãos dos seus privilégios eurodescendentes. Ao ser questionado sobre a escola pública, Munanga afirma que a escola também precisa ser estruturada por políticas de enfrentamento ao racismo pois, segundo ele, o negro ainda enfrenta problema com a alienação da consciência (MUNANGA, 2004, p. 54).

“Que morena linda!” é tão atual usual e extra continental. Ao descrever relatos de Kathleen, uma jovem, que perdeu sua mãe negra, que se sentia tão deslocada num ambiente tão hostil, que feria sua essência, o seu direito de existir ao ponto de tirar sua própria vida, sendo assim, dona de si em uma atitude extrema que é o suicídio, Grada Kilomba aponta mais uma forma de sustentação do racismo, o jogo de palavras doces e amargas, uma combinação que o mascara e pode matar (KILOMBA, 2019, p. 187-188).

Minha filha, você foi violada durante sua infância, adolescência e juventude, foi se tornando calada, rebelde, renunciando à escola, às reuniões familiares e, como a barata de Franz Kafka, foi minguando. Quando encontrava forças para sair de debaixo do cobertor, extrapolava, desrespeitava e transgredia quase todas as regras de convivência toleráveis e voltava novamente para sua metamorfose.

Aos 16 anos Gabrielle começou a namorar com um rapaz branco, ela ganhou corpo e forma de mulher linda e exuberante, foi amplamente seduzida e sexualizada, ainda tentava se descobrir sexualmente, mas a sociedade cisheteropatriarcal tratou logo de classificá-la como mulher.

Então, você carregou uma responsabilidade que não lhe cabia no corpo. Com um relacionamento altamente abusivo, ficou imersa nos cobertores. Seu namorado, junto com seus familiares sempre a atacando da maneira mais humilhante, mais vil, e foram adentrando e destruindo toda autoestima que lhe restava. Seu sopro de vida vinha pelas investidas de seduções, por tantos outros rapazes e moças, pelas redes sociais, mas, sem demora voltava a minguar e murchar, recolher-se no cobertor.

Aos 20 anos, você perdeu um bebê e carregou consigo o peso de não querer ter um filho sozinha, justamente, no momento em que trabalhava numa creche cuidando de crianças, às quais demonstrava afinho, carinho e responsabilidade. Você era muito querida pelas crianças. Seu namorado não assumiria o bebê e já questionava a paternidade. Acredito que a perda do rebento tenha te deixado ainda mais solitária. Durante sua trajetória, somada a tantas histórias e episódios de negação, de silenciamento, de rejeição, de preconceitos e racismo você foi se fragilizando, na medida em que era cada vez mais assediada, mais solidões somavam aos seus dias. Uma garota altamente efetiva na noite e totalmente introspectiva durante o dia.

Os cobertores eram seu alento, poucas palavras, poucas amizades, cada vez mais distante de mim, da irmã e do pai. Em meio às brigas, e breves saídas de casa, as idas e vindas com seu namorado lhe deixava cada vez mais fragilizada.

Tudo que falo de você são sentimentos meus, a partir de minhas observações de mãe, interpretações de narrativas curtas, acompanhamento de momentos em família. O pouco que ouvi de tu e de como pensava foi através de uma carta de despedida que deixara antes de tentar suicídio. Portanto, acredito que você desejava se enquadrar no perfil da sua irmã mais jovem para me agradar, mas era praticamente impossível. “O suicídio pode assim, de fato, ser visto como um ato dramático, performático da própria existência imperceptível em outras palavras, o *sujeito negro* representa a perda de si mesmo, matando o lugar da Outridade” (KILOMBA, 2019, p. 189).

A convivência entre nós sempre foi muito tensa, hoje um pouco menos. Não fui sensível o suficiente, tampouco amiga para compreender suas dores, minha filha. Em todas as confusões que você se envolvia, imediatamente eu a reprimia duramente e você retrocedia. Não aceitava que destoasse do que eu a ensinava e tinha projetado para ti.

E numa das nossas brigas você conseguiu externar sua angústia quando gritou nunca ter tido um lugar na nossa família, embora, eu discorde com veemência. Você sempre tentou burlar suas dores que, provavelmente, a consumia, com rispidez, como deixar de estudar, fugir de casa, o uso de entorpecentes e investidas amorosas.

Você vive dubiamente no que diz respeito à sua condição de filha, de irmã, à sua condição amorosa e sexual, à sua própria existência. Em alguns momentos você é declarada “supermulher de pele escura”, em outros momentos está acuada, fragilizada debaixo do cobertor. Talvez, ainda não saiba que não tinha problema em ser frágil. Durante a entrevista com Sueli Carneiro, outra intelectual negra, lhe foi questionado: *As mulheres negras sempre estiveram no espaço público...* o que Sueli Carneiro afirma: Há tanto a coragem e força com que fomos revestidas, mas também a opressão que existe nisso. Eu costumo falar para as jovens negras, quando tenho a oportunidade: nós temos que lutar pelo direito à fragilidade (CARNEIRO, 2017).

Há exatamente dois anos e um mês (referente a que tempo?? Dois anos e um mês...talvez seja melhor colocar o ano, você, tentou de uma forma muito dolorosa acabar com sua própria vida. Agora carrega em seu corpo as marcas e cicatrizes de uma

investida infeliz. Diagnosticada com estenose esofágica após a ingestão de soda caustica, faz dilatação periódica no esôfago, o qual foi perfurado trazendo consequências gravíssimas, a deixando vinte e um dias hospitalizada. Hoje, tenta dia pós dia, se convencer de que vale à pena viver. Como mãe, tenho que agradecer às energias positivas e o privilégio de tê-la em minha vida. Você faz parte da minha construção e do que sou hoje, tentarei compreendê-la, e nos fortaleceremos juntas a cada descida e em cada subida.

Ousei escrever essa carta autobiográfica, sobre minhas próprias dores, o que me saiu muito caro. Relembrei as minhas feridas, para que possa incentivar a projeção das vozes que se encontram caladas, silenciadas, acobertadas. Desejo que sejamos tão logo interseccionais, que ocupemos as fraturas com insurgências às opressões, as avenidas identitárias que nos conformam e que de forma coletiva pautemos agendas que contemplem a menina negra, a mulher negra.

Desejo, que você filha se aceite frágil e se una às outras mulheres para denunciar todas as formas de opressão. Desejo que nos fortaleçamos, não pelas mulheres suicidas, que, talvez para se auto afirmarem precisaram chegar às consequências tão trágicas, tirando suas próprias vidas, mas, como as mulheres negras que resistem e recriam os mecanismos de afirmação e de lutas.

Com amor de mãe,

Anaci.

Amargosa, 22 de novembro de 2019

CARTA 03

Esta carta é de uma estudante que se mostrava bastante solícita, assídua, que participava das cirandas, com olhos brilhantes, após solicitar as escritas epistolares, fui abordada dias depois com essa carta dobradinha, a qual foi entregue como que em segredo, esta mesma carta foi apresentada para submissão de nota durante a aula de

Língua Portuguesa. Esta estudante escreveu essa carta para o seu eu futuro. Quanto a estrutura tentei reproduzi o mesmo formato da carta.

O que eu vejo através da minha janela?

Através da minha janela, eu vejo um mundo cheio de oportunidades que eu não consigo aproveitar, vejo pessoas que só pensam em si, vejo pessoas que fazem-me com que eu me sinta insuficiente, vejo pessoas que não estão nem aí se estão espalhando o ódio, mas também vejo pessoas que aparentemente me amam e se importam comigo.

Através da minha janela eu vejo muitas coisas, erradas e, às vezes sinto-me culpada por não poder fazer nada para evitar, vejo pessoas espalhando o ódio por não saber amar, vejo pessoas preconceituosas que saem falando da vida alheia mesmo sem saber de nada, vejo pessoas cheias de inseguranças por conta de comentários inúteis, vejo pessoas que se privam de fazer coisas, por medo de serem julgadas.

Através da minha janela, eu vejo um mundo que poderia ser diferente, mas, há pessoas que só pensam no bem próprio.

Através da minha janela, eu me vejo, uma menina com medo de desrespeitar as pessoas ao meu redor, vejo uma menina que odeia se sentir só e que morre de medo. Vejo uma pessoa que sempre quis cuidar das dores de todos que ama e no fim esquece de si própria, vejo uma criança que gostaria muito de voltar no tempo e ver o que fez de errado e o porquê de não ser suficiente, vejo uma menina que ama receber carinho e atenção, e só quer dar orgulho a todos, por fim, vejo uma menina que se perdeu tentando ser o que todos querem que ela seja.

Espero que você/eu tenha parado com essas manias de viver para os outros, e percebido que tudo passa e que não adianta se desesperar.

E aí, como você está?

Tem os mesmos traumas?

Já se assumiu bi?

Seu ciclo de amizade continua?

E aí, os gatilhos foram embora?

Militar...



Lia

Amargosa, BA. 11/07/2023

CARTA 04

Esta carta foi escrita a partir da solicitação de que escrevessem uma carta para o “seu eu” criança. Havia oferecido uma premiação para a carta que fosse entregue atendendo a proposta. E essa estudante me entregou esta carta, enviada pelo whatsapp, ela também me ajudou adicionando as colegas em um grupo de whatsapp criado para estreitar nossa comunicação de forma remota. Ela escreveu assim:

Carta à pequena Dilma

Oi pequena, se você não sabe quem sou eu, eu sou você do futuro mais velha, atualmente com 13 anos. Não, não vai ser possível contar tudo aqui, mas quero dizer algumas coisas importantes. Atualmente, o mundo se tornou mais ‘tecnológico’. Num ponto de vista é bom, mas no outro nem tanto, as pessoas se tornaram egoístas, desprezíveis, cuidando do que a, não se apegue muito não, não será fácil, mas coragem pequena. Olha, você vai se auto julgar por ser gorda, vai se achar feia, até os dias de hoje faço isso, infelizmente. Uma última coisa, ao completar 12 anos, depois desse ano, em 2022, você conhecerá três garotos que você acha que vai gostar, não acredite nenhum deles sabe que isso aí é mal e você.

Amargosa, BA. 9º A Matutino

Data: 20/08/2023

CARTA 05

Esta estudante também bastante assídua, escreveu esta carta a partir de um formulário enviado via Google forms. Ao perceber que as estudantes estavam relutantes para produzir suas memórias a partir da escrita. Decidi fazer alguns questionários, nos quais, acredito que tenham facilitado a organização das ideias. Confesso que fiquei muito impactada com esta carta. Não soube o que fazer com essas confissões que denunciavam solidões extremas.

Vida difícil,

Para eu minha vida não tá fácil no mundo mais eu vou superar a vida para eu aprender mais, mas eu Ana Santana Brito prefiro estudar mais pra eu mim formar como professora de física e libras e advogada e juíza e cantora pra eu poder ajudar minha

família lá no futuro pra elas não passar fome mais eu também quero (quero) ajudar muita gente nesse mundo tipo os médicos, os doentes, e os que não tem condições para cuteta (consultar) ossa (nossas) famílias que eu possa fazer com o coração limpo. Amo o posimo (próximo) que (quero) lê amo tbm (também) mais eu preferiria morrer minha vida tá mal de mais peferia mim cota (cortar) que mim acalma de véi (vez). Ana Santana Brito. Minha vida. Eu Ana gosto muito de eduda (estudar) pra eu se (ser) professoras de física e professora de libras e advogada e juíza mas para cocegi (conseguir) eu pesizo (preciso) estudar muito mais fé em Deus eu consigo eu tenho 17 anos meu nome é Ana eu co (sou) do 9º ano A matutino eu co (sou) a mais certa (quieta) da sala ei (em) 2024 eu vou pra o primeiro ano peço (penso) ei (em) cocui (concluir) tchau bjs (beijos) obrigada professora.

Amargosa, 21/09/2021

CARTA 06

Esta colaboradora, também bastante solícita e assídua, me chamou a atenção quando respondendo a um formulário deixou transparecer o desconforto que tinha com sua avó, então pedi que ela me falasse um pouco mais a respeito, então ela escreveu esta carta.

Uma carta à minha avó

Vó eu sei que por um tempo a senhora teve preconceito com migo por uma briga de criança por coisas de meninas quando eu fui fala pra você mesmo que você não sabia como foi as coisas você me tratou com desprezo e com preconceito por cor porque minha prima era mais clara e por ela morar perto da senhora mais apesar de tudo eu faço tudo pela senhora o amor que eu tenho por você ela não tem não, ela não faz o possível e impossível para ajudar em tudo. Tem vezes que eu deixo de ajudar minha própria mãe e meu pai pra te servir agora você diz que me ama, que gosta de mim, mas o trauma que eu tenho a senhora não sabe, a senhora não sente ansiedade que eu tenho, ninguém sabia, só Deus sabe as vezes que eu choro ao lembrar só eu sei as vezes que eu tento me matar quando brigam comigo.

Bell

Amargosa, BA. 03/10/2023

As cartas tem me ensinado muitas coisas. Desde 2019, na minha primeira experiência com a escrita epistolar mediante a vivência em construção de pesquisadora pude experienciar o indizível, o intocável, como falou a professora Dra. Mariana Meireles que esteve na minha banca de qualificação “o silêncio das palavras nessas

cartas é difícil escrever com palavras o que se inscreve no corpo”. E para acrescentar a tudo que já foi dito, escrito, denunciado, performado, com a grata orientação da banca de defesa: As Dras. Mariana Meireles Silvana Carvalho, ambas citou Conceição Evaristo que Brillantemente faz esse poema que diz muito que ainda não havia dito, pelo menos com essa poesia.

Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância

O eco da vida-liberdade.

3- POR QUE FIZ ESTA ESCOLHA?

No ano de 2019, após duas tentativas frustradas por aprovação em um curso *stricto sensu*, fui contemplada como aluna especial pela Linha 03, Cultura, Raça e Gênero e Educação do Campo, através do Componente Curricular *Estudos Feministas e Educação do Campo*. Notei-me povoada e contemplada pelas leituras e discussões que me conectavam com mulheres pretas, que construíram ao longo do tempo, a minha história ancestral, a história da minha matriarca e tantas outras mulheres, contrariando a lógica estrutural da sociedade supremacista branca. Vi no âmbito acadêmico um espaço de pensar e debater projetos com maiores possibilidades de nos vermos e nos fazermos vistas. A partir das discussões junto à turma fui me compreendendo como feminista interseccional em construção, pois gatilhos foram acionados sobre a ausência de discussões voltadas para a solidão da mulher negra campesina. As leituras provocaram-me sensibilidades e pude rememorar feridas, dores e amores da minha infância, das experiências com minha mãe e irmãs, com minhas filhas, com minhas alunas, com as estudantes da Escola Dinorah e tantas outras mulheres.

Jamais havia parado para pensar o quanto o patriarcado era presente no controle de nossos comportamentos, dos nossos corpos, apagando e/ou silenciando tantas vivências e memórias que nos circundavam, ao ponto de não me ver e nem ver essas outras mulheres como quem precisavam de serem vistas, ouvidas e compreendidas. Conviver com minha, numa casa gerida unicamente por ela, mãe de oito filhas e filhos, casar-me aos 18 anos e conviver por 25 anos com um homem alcoólatra e autoritário, conhecer a história das minhas alunas da Escola João Paulo, Comunidade Ribeirão do Cupido, Amargosa/BA, que moravam com seu tio porque o mesmo não tinha esposa e precisava delas para os afazeres domésticos, lidar com a adolescência e juventude da minha filha que não sabia suportar suas dores, e por fim, tomar conhecimento de uma série de casos de estudantes negras, alunas da Escola Dinorah, que se auto mutilavam são questões que foram atravessando toda minha existência onde formas adormecidas, apagadas e, silenciadas vieram à tona, principalmente com minha inserção no Mestrado em Educação do Campo.

Só me dei conta mais nitidamente de que estas questões cunhavam o que eu sou e o que eu viria ser quando tive contato com as literaturas e discussões no mestrado, com as colegas da turma, mulheres de narrativas fortes e fundamentadas, sobretudo,

pelo feminismo, que deram visibilidade linguística às questões tão intrínsecas das nossas vivências, resgatando as memórias delas e minhas. As experiências de mães solteiras, de mulheres pretas e camponesas foram leituras que me despertaram para problemas como o sexismo, o patriarcado e, principalmente, a solidão da mulher negra, que se delineava como uma ponte, onde todas nós tivemos que atravessar com as marcas da raça, do gênero, classe, região e idade.

De acordo Ana Cláudia Pacheco (2013), a solidão pode ser lida como um signo imbricado pela raça, classe, gênero, idade e tantas outras categorias que se materializam na dominação do corpo negro feminino. Mediante sua investigação sobre a experiência da solidão vivida por dois grupos, somando 25 mulheres na capital da Bahia, Salvador, a autora concluiu que, a solidão pode ser experienciada tanto de forma negativa, no que diz respeito a ausência de um parceiro, do afeto, do companheirismo, da relação sexual etc., ou lida de forma positiva pela maioria das entrevistadas, como uma experiência de libertação. A solidão é uma categoria ambígua e circunda as mulheres negras, principalmente ao serem preteridas, seja pelo desnível intelectual, social, racial, ou pela estética. Estas mulheres tendem a subverter a solidão enveredando-se pela política. Nesse caso, tornam-se mulheres ativistas e/ou investindo no seu próprio corpo pelo autocuidado, o lazer, famílias, amigos, experiências profissionais, aquisição de bens materiais e imateriais; são todos mecanismos de subversão à solidão. Em todos os casos, a narrativa de solidão é algo que se pode ser ouvido e vivido com facilidade por mulheres negras.

Esse trabalho justifica-se pela pretensão em escutar quem quase sempre foi (é) silenciada: as estudantes negras camponesas e dialogando com minha experiência de filha, mãe e professora. Estabelecerei discussões e reflexões partindo do princípio da interseccionalidade raça e gênero, na tentativa de contribuir com a literatura de resistência e combate ao apagamento da mulher negra, partindo das escrevivências como instrumento de luta e escritas autobiográficas que vão de encontro à supremacia literária cunhada pelo cisheteropatriarcado² colonizador (AKOTIRENE, 2019, p.19, 20, 118). Tomarei como referência as escrevivências das estudantes dos 8º e 9º anos da Escola Municipal Monsenhor José de Almeida, situada no Centro, em Amargosa/BA, que se

² Produtor de avenidas identitárias que sobrepõe gênero, raça e classe. É um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, ancorado pela hierarquização religiosa, sexista definidora de papéis binário.

reconhecem negras e camponesas e minhas experiências a partir da herança cultural da minha filha Gabrielle e da minha mãe Honorina que se fazem intercessoras deste trabalho.

Deixe-me dizer como cheguei até a construção desta proposição na Escola Monsenhor. No início de 2018, ao ter uma conversa com a psicóloga da Escola Municipal Dinorah Lemos da Silva, onde estava Coordenadora Pedagógica, fui informada que um grupo formado por estudantes estavam, recorrentemente, se auto mutilando e que suas características fenotípicas as colocava no lugar de negras, na sua maioria, camponesa. Esse grupo se dispersou, devido o fechamento da escola em decorrência da pandemia, causada pelo vírus do SARS-CoV-2, no início do ano de 2019. Esse contingente, possivelmente, não será mais articulado, entretanto, sabemos que essas pessoas existem e estão ocupando outras instituições, ou podem estar em casa, isoladas nas suas angústias ou, quem sabe, se posicionando de outros modos.

Os episódios de auto mutilação em estudantes com características fenotípicas negras e oriundas, sobretudo da zona rural, aconteceram entre os anos de 2016 a 2018. A gestão da escola ficou extremamente preocupada, pois a situação estava saindo do controle e o número de estudantes machucadas só aumentava, utilizando-se de estiletes, agulhas e lâminas de barbear, provocavam repetidos cortes em braços, pernas e barrigas, logo após vestiam-se com blusas de mangas longas para cobrir os ferimentos. A escola acionou o atendimento psicológico, onde articulou um coletivo com estas estudantes. Segundo a psicóloga, eram realizadas rodas de conversas, escutas e escritos, onde possivelmente, elas se expressavam, e por conduta ética a profissional não revelou o teor das escritas e discussões.

As escolas municipais dos anos finais do Ensino Fundamental, na cidade Amargosa/BA, situam-se na sede, entretanto, estas escolas são nutridas, na ordem de centenas, por estudantes camponesas das diversas comunidades rurais, onde todas as famílias se conhecem, as (os) estudantes deixam suas escolas, muitas vezes, de classes multisséries, por conseguinte passam a adentrar as escolas com numerosas turmas, numa dinâmica bastante diferente daquela vivida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, acredito que, travando uma luta diária contra a invisibilidade, segregação, as divergências sócio/culturais, dificultadores da adaptação e permanência na Escola Urbana.

A partir das discussões do Componente Curricular como aluna especial e, posteriormente, como mestrande me compreendi feminista, antirracista e, por estar inserida na Linha 03 *Cultura, Raça, Gênero e Educação do Campo*, percebi que a realização desta pesquisa contribuiria com a produção acadêmica do patrimônio imaterial das escrituras, uma literatura e política, enfrentando a *cisheteronormatividade*³, uma literatura a partir das narrativas e experiências. Embasei-me das discussões de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), uma vez que, segundo elas, as escrituras ganharam mais visibilidade a partir da década de 1980 no Brasil, com umas das precursoras, que, inclusive se destacou no Festival Latinidades, Conceição Evaristo (COLLINS, BILGE, 2021, p.40).

A escritura, cunhada especialmente por Conceição Evaristo, desvela narrativas que interpretam nossas experiências para o mundo. A partir das suas narrativas podemos experimentar as dores e amores de sermos mulheres pretas e proletariadas. Na sua Obra “Olhos d’água” podemos conhecer as histórias, todas elas envolvendo mulheres encharcadas pelas marcas que rotulam, classificam e condenam as mulheres às amarras da solidão. Evaristo biografava narrativas que desvelam a vida como ela é, escancara com poesia a dificuldade de se nascer mulher preta em nosso país. Gostaria de descrever cada conto da obra supracitada, mas me atreei a alguns deles como o “Maria” (EVARISTO, 2022, p. 39-43). Esse conto me fez desejar morrer mais depressa, ao mesmo tempo em que arrancou de mim uma força para ressuscitar e levar comigo as minhas irmãs negras para um lugar melhor, mais seguro, remetendo-me a letra da música Stand Up de Cynthia Erivo. *Maria* representa todas as mulheres pretas, que criam suas proles sozinhas, que vivem de trabalhos subalternos, que são vítimas do feminicídio, que experimentam a solidão como a indumentária que recebemos antes mesmo de nascermos. As Marias genitoras só estão emendando o fio que faz girar o ciclo das gerações.

Desde a colonização, nós perpetuamos um ciclo ininterrupto de negações, racismo, desigualdades, violências, preconceitos, solidão, mecanismos criados e convalidados por uma sociedade altamente patriarcal, machista para nós, mulheres pretas e pobres. Evaristo nos remete ao lugar do ancestral, do choro que faz inundar e deixar translúcido os olhos, escondendo qualquer outra cor que não seja o da água,

³ Termo utilizado por AKOTIRENE (2019)

águas que denunciam a fome, o preterimento, a solidão, o aconchego do colo da mãe. As escrituras dessa obra representam experiências das nossas memórias e das nossas narrativas. Busquei imediatamente os olhos da minha mãe que, por muitas vezes, eram tão iguais aos olhos da protagonista (EVARISTO, 2022, p. 15-21).

As escrituras são uma forma de produzir narrativas a partir das experiências. Narradora personagem, pesquisadora protagonista, a escrita de si e com as outras caracterizam e performizam, forjando a literatura biográfica e (auto) biográfica. Quantos filhos Natalina teve? EVARISTO (2022, p. 43-51), conto que nos remete imediatamente à ausência do Estado com relação a infância e juventude. Natalina representa as meninas que são abusadas, exploradas, violentadas, estupradas, vistas como uma máquina de parir e de fazer-se mãe sem nem mesmo desejar. A autora nos faz repensar na negação dos Direitos Humanos, na legalização do aborto. As escrituras de Conceição Evaristo inauguram e consolidam uma maneira de fazer literatura que referenciará minhas humildes narrativas nas Cartas.

Com o rigor e cuidado produzimos este relatório de pesquisa e produzirei por meio de Cartas. Quando cursei o Componente Curricular *Estudos Feministas e Educação do Campo*, tanto como aluna especial quanto como mestranda, como atividade avaliativa produzimos cartas e as editamos em vídeos curtos. Tais atividades permitiram a socialização de temas caros para nós, mulheres, que fomos silenciadas, negligenciadas, estigmatizadas e, a partir de biografias e/ou (auto)biografias, foi possível resgatarmos memórias, inclusive ancestrais, através das escritas e reescritas das nossas vivências de saudades, de lembranças, de solidões e resistências. Como trabalho avaliativo escrevi uma carta sobre e para Gabrielle, e posteriormente, sobre/para *in memoria* da matriarca, minha mãe. Ambas atentaram contra própria vida e essas biografias costurarão toda nossa intenção de forjar uma escrita biográfica que servirá como instrumento para Educação do Campo, para coletivos femininos, para enfrentamento ao patriarcado e racismo, para o deleite de mulheres que se encontram no lugar da solidão e/ou subverteram à ela, para as mais velhas e para as mais novas.

Assim, esta pesquisa apresenta como centro de sua problemática os seguintes questionamentos: De que forma a ausência de políticas de enfrentamento ao racismo, cisheteropatriarcado tem provocado solidões e adoecimentos às estudantes negras campesinas? Como as narrativas de estudantes negras campesinas podem repercutir

como instrumento de visibilidade, representatividade e letramento racial? Como a escola pode ser um espaço de visibilidade, debate e respeito às diferenças interseccionadas pela raça, classe, gênero, sexo, regionalização, idade e educação?

Diante do exposto compreendo meu compromisso e responsabilidade contributiva como estudante e pesquisadora em construção, com as questões que chegam até mim de modo sensível e incitam também meu compromisso intelectual com as mulheres e com a Educação do Campo. É de extrema relevância a produção de conhecimentos para/na educação do campo, sobre/com mulheres e estudantes negras camponesas, uma vez que esta subárea de conhecimento é carente desta temática. Proponho-me a produzir Cartas e narrativas (auto)biográficas e biográficas, que, além de gerar a visibilidade, atuará no enfrentamento do racismo, sexismo, colonialismo e solidão da mulher negra camponesa.

4- QUAIS ERAM MINHAS PRETENSÕES?

Desejava compreender a solidão das estudantes negras do Campo, por meio das narrativas biográficas em Cartas, que dão acesso à dimensão da formação escolar, fomentando a criação de mecanismos e meios de empoderamento feminino afro, camponês na luta contra a solidão, o racismo e o sexismo percebidos principalmente, a partir das memórias e vivências das estudantes dos 8º e 9º nos – Anos Finais do Ensino Fundamental.

4.1 O que pretendo especificamente?

- Entender como as narrativas autobiográficas de estudantes negras camponesas podem repercutir como instrumento de visibilidade e letramento da mulher negra;
- Perceber a escola como espaço de visibilidade, debate e respeito às diferenças interseccionadas pela raça, classe, gênero, sexo, regionalização, idade e educação.
- Contribuir para reflexão e produção literária a partir da compreensão das fraturas e possibilidades de insurgências à solidão a partir das cartas de estudantes camponesas negras na perspectiva da escrevivências.

5- DESENHO INICIAL DOS MEUS CAMINHOS

5.1 Por quais ideias me motivo?

A pesquisa parte do viés qualitativo convergindo com André e Ludke (1986) e Ivani Fazenda (2006). Despida das dicotomias qualitativo x quantitativo, prezamos pela investigação confluída sob o rigor científico, pela responsabilidade com a ciência e com a humanidade. Munindo-nos das discussões pautadas pelo método (auto)biográfico compreendemos que a pesquisa não cabe em uma metodologia estanque e engessada, pois a mesma lidou com inscrições (auto)biográficas, a partir da oralidade, narrativas de pessoas, atravessadas pelos mecanismos de opressões, da racialidade, da afetividade, crenças e culturas, que tem em comum as marcas da solidão.

A pesquisa foi realizada com estudantes do 8º e 9º anos da Escola Municipal Monsenhor Antônio José de Almeida, aplicou-se ao estudo de “causos”, sobretudo, do ouvir e falar de si. Construimos mecanismos de entendimento, a partir de (02) questionários, sendo um de caráter censitário e outro com questões abertas, (04) formulários, seguidos e/ou intercalados das Cirandas, a fim ouvi-las para, juntamente com elas, fazermos enfrentamento à estrutura patriarcal que tanto colabora para a solidão da mulher negra campesina.

Uma metodologia visceral, desnuda de certezas, e comprometida com muita sensibilidade e responsabilidade, uma pesquisadora em construção que pretendeu alçar narrativas, qualificar e investigar as múltiplas e densas relações concernentes às solidões que atravessam mulheres pretas, e assim, repensar estruturas no âmbito educacional e quiçá, das atribuições do currículo voltado para estudantes negras campesinas. Nossos caminhos são enveredados pela pesquisa qualitativa e coadunam com Maíra Lopes dos Reis que afirma:

Para realização da pesquisa elegi o caminho das metodologias qualitativas de investigação para compreender as trajetórias dessas mulheres a partir de suas narrativas, através de uma escuta sensível, que traz à tona os aspectos subjetivos e singulares presentes na memória das mulheres através do suporte metodológico das Narrativas (auto)biográficas. Esse instrumento de pesquisa oferece um suporte essencial nos estudos sobre narrativas orais, dando possibilidade de analisar as trajetórias de vida como uma construção histórica e social a partir da técnica da entrevista narrativa (REIS, 2022, p. 25).

Elizeu Clementino de Souza e Mariana Martins de Meireles (2018), apresentam uma discussão sobre o modo de fazer pesquisa e inscrever narrativas a partir da perspectiva (auto)biográfica tendo como experiência o mapeamento das produções do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, seus documentos pessoais, desde escrita a objetos pessoais; e as entrevistas biográficas. As biografias, por sua vez, ganharam bastante relevância na área da educação, no que diz respeito às pesquisas que levam em conta os modos e contextos das narrativas a partir do olhar, da escuta e da subjetividade de cada fonte histórica, sendo ela material ou imaterial consolidada pela epistemologia da abordagem qualitativa (MEIRELES, SOUZA 2018, p.283-285).

A discussão apresentada por Meireles e Souza aponta para a urgência de fazer ciência levando em conta as narrativas e reflexões sobre vivências e experiências de si e do outro, do subjetivo e do coletivo. Partindo da escuta e da partilha, convalidando uma ciência colaborativa e implicada com a subjetividade, com a prática, com a forma de pensar, de olhar e de sentir o humano e, assim construir o conhecimento partindo do princípio da singularidade que entrecruza o pessoal e o social (MEIRELES, SOUZA. 2018, p.286-285).

Os estudos com imigrantes feitos pela Escola de Chicago nas primeiras décadas do Século XX instauraram o modo de fazer pesquisa das Ciências Sociais baseada nas histórias de vida. Diferentes percursos empíricos e sociológicos investigavam o modo de vida e suas consequências advindas do capitalismo, sob a tônica qualitativa. Tomavam como fontes históricas os documentos pessoais, cartas, diários e fotografias. A Ciência Social foi abrindo novas perspectivas no âmbito da pesquisa até se consolidar como uma ciência acadêmica, mesmo que ainda coexistida pelas investigações quantificáveis. O início do século XX celebra uma forma de se fazer ciência na perspectiva da subjetividade, contrapondo-se com métodos tradicionais descontextualizados. A ciência pautada na história de vida, pelo método (auto)biográfico, fora utilizado na área educacional na década de 1970 (MEIRELES, SOUZA. 2018, p.286-289).

Nesse embate teórico e metodológico, a história oral, enquanto Campo da nova história, abriu possibilidades para que o indizível na voz do ator social fosse investigado a partir das narrativas, lembranças, memórias e implicações com o vivido, fugindo ao estático do documento escrito (MEIRELES, SOUZA, 2018, p.289).

O conhecimento da escrita e relatos de memórias, através de biografias ou (auto)biografias, sejam elas efêmeras ou ancestrais tangíveis, ou sublimadas, inteligíveis ou enigmáticas vem despertando novos olhares da ciência, contrapondo-se aos entendimentos, sob prismas unicamente eurocêntricos, contados por uma única lente. Leonor Arfuch (2010) nos convida a viajar no mundo literário contemporâneo, onde o privado (biográfico) do sujeito ganha destaque propagável. O “ator social” imprime novos mecanismos para ser inscrito, para extrapolar os intramuros dos corpos ou das memórias adormecidas. As ciências têm demonstrado interesses nas narrativas desse sujeito, o “eu”. De acordo com a autora os anos 90 foram marcados pelo avanço dos meios tecnológicos, onde propagou-se a comunicação em massa, visibilizando a cultura da nudez do privado. Dessa forma, as narrativas linguísticas performáticas, religiosas, artísticas, intelectuais ou não ganharam espaço nas plataformas digitais propagando o que antes era privado, subjetivo em escala mundial.

Essa multiplicidade de ocorrências, que envolve tanto as indústrias culturais como a pesquisa acadêmica, fala simultaneamente de uma recepção multifacetária, de uma pluralidade de públicos, leitores, espectadores, de um interesse sustentado e renovado nos infinitos matizes da narrativa vivencial (ARFUCH, 2010. p. 15-16).

Essa pesquisa ancora-se no método biográfico, por entender a minha responsabilidade enquanto mulher negra e mestranda em fortalecer as narrativas contadas a partir das vivências de estudantes campesinas e das minhas vivências profissionais e familiares. Os métodos biográficos, segundo Arfuch, se inscrevem como uma cartografia da trajetória individual, da possibilidade de novas inscrições contadas a partir de entendimentos do próprio sujeito investigado, com a lisura que os casos e fatos narrados merecem. Se levarmos em conta as narrativas canônicas brasileiras, quase sempre contadas pelo colonizador, podemos entender como a estrutura da literatura hegemônica, binária, pautada nos cânones da academia fortaleceu, sobretudo, o patriarcado. Arfuch propõe a descentralização desse modo de fazer ciência a partir do método biográfico contemporâneo.

Ao fazer um breve Estudo da Arte sobre o tema aqui desenvolvido pude perceber que, convergindo com Meireles e Souza (2018), assim como, Arfuch (2010), houve um aumento significativo de produções voltadas para sujeitos que possivelmente tinham uma retórica marginal, desprestigiada pelos interesses acadêmicos por desvirtuarem do que era convencional e tradicional. Grande quantidade de vídeos, Pod

Quests, canções, artigos, performances, dentre outros, vem protagonizando inclusive o feminino, entretanto, essas produções vão se estreitando na medida em que a questão de gênero é interseccionada com a raça, chegando a percentuais mínimos quando intersecciona-se à regionalidade e idade. Mapear narrativas que falem da adolescente/jovem negra campesina não foi fácil, pois, diante das buscas feitas em depositórios e no Google Acadêmico ainda não encontrei nenhuma dissertação, tese ou produção artística acerca do tema “solidão da estudante negra campesina”.

Durante as buscas por referências que abordassem a temática supracitada, destaco: a dissertação intitulada: *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo* de Claudete Alves da Silva Souza, considerada precursora do tema. Encontrei também “Sozinhas” (2017) - Violência contra mulheres que vivem no campo⁴, essa narrativa me doeu demais, remeteu-me à vida de solidões da minha mãe, as produções do Projeto *MUKANDA*⁵ que discute as possíveis marcas da branquitude na Educação do Campo, a partir das narrativas autobiográficas de mulheres negras vinculadas ao Mestrado Profissional da Educação do Campo, discutirei este último mais adiante.

5.1.1 Um pouco mais sobre os caminhos

Tomaremos como instrumentos metodológicos da pesquisa, Questionário, Cirandas e Cartas. Primeiro, aplicamos um questionário censitário (Anexo 1) com 25 estudantes do sexo feminino declaradas na matrícula, onde apreendemos questões como lugar de origem, residência atual, gênero e raça, após a primeira seleção do nosso público de interesse composto pelas estudantes negras campesinas, aplicamos outro questionário (anexo 2) de autoreconhecimento, com questões mais abrangentes e subjetivas, que nortearam a outra etapa da pesquisa constituída pelas Cirandas (rodas de conversas), estas foram administradas com o auxílio de vídeos e textos, a partir de momentos de audições, debates, reflexões, trocas de experiências e letramento racial, interseccionado por raça, gênero, classe, região, idade e outras categorias que, porventura, surjam durante as conversações.

⁴ Reportagem de Ângela Bastos ao Jornal catarinense, exibida no Globo Repórter. in: <https://www.youtube.com/watch?v=XEuJ9XT2yX8>.

⁵Projeto coordenado por pela Profa. Dra. Kiki, coordenadora do Mestrado Profissional em Educação do Campo/UFRB.

A primeira parte da Ciranda aconteceu na própria escola constituída por (04) encontros, sendo que (02) encontros em momentos coletivos com cada turma do 8º e 9º Ano durante as aulas de Religião. Essa experiência não foi muito exitosa, na medida em que não conseguia direcionar a atenção de nossas colaboradoras, munida apenas com uma lista de chamada e as estudantes campesinas sabotavam a chamada. As turmas numerosas e frenéticas demonstraram pouco interesse pela dinâmica da reflexão após os vídeos. Alguns estudantes pediram as referências dos vídeos e questionaram porque a pesquisa também não seria feita com eles. A partir do encontro (03), construímos momentos apenas com nossas colaboradoras. Inicialmente, idealizamos que ao término de cada encontro as estudantes escreveriam suas impressões a partir dos vídeos exibidos e das leituras e reflexões dos textos, no entanto não conseguimos esse resultado, o grupo da pesquisa também demonstrou-se reticente, no que dizia respeito à escrita. Cada encontro desse está detalhado no Diário de Bordo (Anexo 03).

A segunda parte da Ciranda, também com quatro (04) encontros foram administrados também com a utilização de vídeos, textos socializados pelo whatsapp e (03) formulários, de forma remota e presencial. Os encontros de forma remota foram um mecanismo encontrado para possibilitar um diálogo mais individual, pois, percebi que durante as Cirandas, as colaboradoras não sentiam-se à vontade para produzir suas narrativas. Pretendíamos extrapolar os muros da escola, fazer encontros extraclasse, mas essa dinâmica não foi possível, primeiro pela logística do traslado zona rural e urbana, segundo, porque as colaboradoras não quiseram se apresentar em público. Embora a intenção da metodologia dessa pesquisa estivesse na escrita e produção de vídeos das narrativas, tivemos que trabalhar apenas com as narrativas epistolares, pois, as colaboradoras não gravaram as cartas em vídeos.

Temos a intenção de, a partir deste trabalho, gerarmos discussões com outras escolas e também nos utilizarmos do Centro de Artes de Amargosa - Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade(CASA do DUCA), onde poderemos exibir as Cartas, entretanto, essa intenção encontra-se em negociação.

Desta feita, esta pesquisa refletiu sobre as interseccionalidades que permeiam raça, gênero, sexo, idade, região e classe as multirreferências sob os olhares de estudantes, campesinas. Os sujeitos de pesquisa são adolescentes e jovens campesinas autodeclaradas negras e pardas, matriculadas e cursando o 8º e/ou 9º ano do Ensino

Fundamental - Anos Finais da Escola Municipal Monsenhor Antônio José de Almeida na cidade de Amargosa, BA.

A metodologia dessa pesquisa está, como já dissemos, no âmbito do método (auto)biográfico e aquilo que ele nos permite desenvolver para ouvir/escrever/. Dessa forma, assumiremos todas as responsabilidades com o rigor que uma pesquisa carece, e tomamos como parte importante o consentimento livre e esclarecido da gestão da escola e das estudantes pesquisadas, bem como seus responsáveis. Tomando como intenção a repercussão e intervenção no espaço escolar – no meu ambiente profissional, todos os cuidados éticos que devem ser preservados.

6- PASSOS NUM CAMINHO EM BUSCA DE RESPOSTAS: A MATERIALIZAÇÃO DA PESQUISA

Essa proposta de pesquisa, assentada nos objetivos do Mestrado Profissional, se dedicou a gerar intervenções no chão da escola, uma vez que reconhecemos que a pesquisa (auto)biográfica incide sobre os conhecimentos geridos (e gerados) na escola, através do reconhecimento das trajetórias como parte importante da formação. A (auto)biografia movimenta-se pelos conhecimentos produzidos na intersecção comunidade-indivíduo-escola retirando do privado as questões referentes à etnia, gênero, regionalidade, etc., que precisam ser vistas como parte da formação escolar. Deste modo, a pesquisa gerou produtos que, somados, deram origem a este produto final, de acordo com a normatização de produtos do Mestrado Profissional. Nomeamos assim os produtos: 1) a Ciranda; 2) as Cartas; 3) o Relatório de Pesquisa; 4) o Material Didático Instrucional em forma de Cartas Curtas. Estes dois últimos registrados junto ao mestrado e Cartas Curtas constituirão o material de publicação em meu nome, Anaci de Jesus Alves Venegerolis Silva e do Projeto Mukanda (veja se é assim mesmo).

6.1 Vídeos e textos explorados

A utilização dos vídeos foi uma estratégia pensada para aproximar o diálogo de forma lúdica com adolescentes e jovens e, por caracterizar melhor a Ciranda no que diz respeito à musicalidade, às performances dançantes e narrativas representativas. Cada vídeo foi pensado e analisado com muito cuidado e carinho, vídeos, sobretudo, pautados pela representatividade do feminismo negro, que têm uma duração média de 4 a 10 minutos. Essa estratégia surtiu bons efeitos, as estudantes demonstraram interesse e

receptividade. Os vídeos constituem uma ponte ficcional entre a reflexão e narrativas de si e muitos desses vídeos foram explorados nas nossas atividades durante o Componente Curricular Estudos Feministas ministrado por minha orientadora Kiki.

Os textos, pensados a partir das nossas referências, não foram tão receptivos. As estudantes não se interessavam por ler, demonstravam fadiga e total ausência de comentários e debates. Portanto, a partir do encontro (03) os textos foram retirados, diluídos em trechos anexados a formulários e socializados pelo whatsapp. A ideia era que os textos de fundamentação teórica fossem ministrados nos primeiros momentos da Ciranda, enquanto os textos das literaturas mencionadas encaminhariam os trabalhos para a escrita das cartas. Salientamos que a flexibilidade metodológica fora se desenhando a cada Ciranda, e escrita de carta que possibilitou novas adaptações com o decorrer da pesquisa.

6.2 Questionário

A aplicação dos questionários foi pautada sob as discussões de Antônio Carlos Gil (1996), como forma de diálogo assimétrico e flexível no trato das informações, também referenciado por Marli André e Menga Ludke (1986), que compreende esse diálogo como um poderoso instrumento, quando tomado o devido cuidado com as perguntas e sua formulação, de modo que, não inflijamos direitos e/ou a dignidade das estudantes. Procuramos estabelecer critérios como perguntas iniciais que não causassem recusa, por entendermos os questionários como instrumento que norteariam diálogos que poderiam perfeitamente extrapolar às perguntas estruturadas. Por exemplo: “Nos fale um pouco da sua relação com a roça. Você gosta de morar nessa localidade? Já estudou em outras escolas da zona rural? Você gostaria de continuar estudando na zona rural se houvesse escolas dos Anos Finais e Ensino Fundamental? Quando você veio estudar nessa escola? Você gosta de estudar na zona urbana? Como é sua convivência com professores/as? Quando você se sente sozinha?”

O questionário é uma forma de diálogo, nesse caso, pautado pelo viés da oralidade e escrita, da assimetria que possibilita a interação histórico/social entre pesquisado/a e pesquisador/a, oferece flexibilidade para que a entrevistada possa esclarecer o significado de uma resposta e adaptarmos as circunstâncias das questões pré-estabelecidas. Dentre tantos outros mecanismos que legitimam esse tipo de investigação, o questionário possibilitou a obtenção de respostas que consideramos

fundamentais para a condução dos momentos que estamos chamando de letramentos mediante as Cirandas e entendimentos sobre o nosso objeto de investigação, a solidão da estudante negra, campesina. Ficamos atentas para ouvi-las e, ao mesmo tempo, estimulá-las a evidenciar melhor suas respostas sem serem constrangidas, pois entendemos as narrativas orais expressas a partir do questionário como uma extensão qualitativa do mesmo (ANDRÉ, LUDKE, 1986, p. 34-35).

A primeira fase da pesquisa aconteceu com a aplicação dos questionários nos dias 30/05/2023, 01 e 13/06/2023, nas turmas do 8º e 9º Ano Matutino durante as aulas de Religião. Apresentei-me na classe e, em seguida, as recepcionei com um vídeo enquanto entregava o questionário censitário apenas para as estudantes do campo, antecipadamente identificadas: 25 estudantes das duas turmas responderam ao questionário, sendo que 03 se negaram a prosseguir na pesquisa. Após o recenseamento obtivemos os seguintes dados: dez (10) estudantes se auto declararam negras, onze (11) pardas, uma (01) branca. Após aplicação do segundo questionário (17) estudantes responderam e devolveram o segundo questionário aplicado em 13 de junho de 2023.

QUADRO 01

Vídeos e textos que nortearam as discussões dos Questionários

Questionário/Entrevista

2º Questionário

Vídeo: Siki Jo-An – 'The Click Song'
Texto: Lélia Gonzalez (2020, p. 75) Racismo e Sexismo – Cumé que a gente fica?
Vídeo: Mulher do Fim do Mundo/Elza Soares

1º Questionário

Vídeo: Cynthia Erivo/Stand Up;
Vídeo: Francisco, el Hombre - Triste, Louca ou Má
Vídeo: Cynthia Erivo - "Stand Up" - Oscars 2020 Performance

Primeiros Achados:

8º Ano – (07), meninas entre 13 e 17 anos, sendo (02), negras e (05) pardas, (01) se recusou.
9º Ano – (11), meninas entre 13 e 17 anos, sendo (05), negras e (05) pardas, (01) branca, (02), se recusou.

6.3 Ciranda

A Ciranda, originalmente, faz parte da cultura e das manifestações populares brasileiras, muito difundida no Nordeste, principalmente nos estados da Paraíba e

Pernambuco, este último, conhecido como berço da ciranda. Na década de 1970, a ciranda ganha as grandes cidades do país, presente na Educação Infantil, nos movimentos sociais, do campo, indígenas e das periferias. Constitui organizações em formas de círculos onde os/as participantes dão as mãos para entoar canções e danças, principalmente, voltadas para as práticas laborais no campo, na construção civil, no mar, nas atividades infantis. Lia de Itamaracá é a dançarina, cantora e compositora, que a partir dos anos 2000 difundiu a ciranda internacionalmente, uma cirandeira que recebeu o título de patrimônio vivo de Pernambuco (FERNANDES, 2021).

A Ciranda constitui um movimento circular e, com os auxílios das canções em vídeos, poderemos cantar e dançar, mas também contar histórias, ‘causos’, inscrever impressões, sonhos, angústias, através da narrativa oral. Também podemos confessar solidões em diálogos, trocas de experiências coletivas em epístola, em vídeos, para minimamente construirmos ferramentas de combate, de dismantelo aos mecanismos opressores, das narrativas hegemônicas.

No início dos anos 90, com a consolidação da democracia, há um afloramento e divulgação das narrativas (auto)biográficas. A facilidade de inserções e divulgações nas mídias digitais possibilitou visibilidades de biografias, performances que estavam adormecidas, esquecidas, possibilitou também, criações diversificadas e ressignificações de narrativas já consolidadas. Nessa perspectiva, entendemos as narrativas biográficas produzidas em Ciranda, como ligas entre tradição e inovação (ARFUCH, 2020, p. 19-20).

A ciranda, culturalmente, foi (é) elemento fundamental para as reuniões campesinas, como assembleias, que em meio a cantos e danças, acolhiam casos isolados pela geografia, em mãos e ouvidos calorosos. É também, nessa perspectiva, que compreendemos nossa metodologia pautada pela Ciranda, sua circularidade e dinamismo podem ser acessadas pelos movimentos campesinos, pela proposta de escuta da coletividade, pelo lazer e pela construção de um coletivo político para as comunidades campesinas.

A partir da segunda parte do questionário todos os encontros foram estruturados em forma de Ciranda, o que nos possibilitou construirmos momentos de letramentos para estudantes negras, assim como, o empoderamento sobre a situacionalidade de mulheres negras campesinas no Brasil, sobretudo, na Escola Municipal Monsenhor. Um movimento dialético pautado por discussões em vídeos e literaturas que nos fizeram

refletir sobre o ser mulher negra e camponesa na nossa sociedade. Para tanto, as Cirandas foram iniciadas sempre com questionamentos do tipo: Como nos identificaremos num contexto tão adverso e opressor? Como seremos vistas? Como e quando falaremos e seremos ouvidas sobre nossos medos e solidões? Como lutaremos por políticas de acesso e permanência numa escola? Como fortaleceremos uma identidade camponesa na escola urbana? Essas são algumas das muitas perguntas que nutriram nossas discussões durante a pesquisa.

Para amadurecer esse processo formativo realizamos oito (8) encontros presenciais, com duração de aproximadamente de 50 minutos cada. Idealizamos a ciranda em (02) partes, onde os (04) primeiros encontros foram para preenchimento do questionário e apreciação dos vídeos e a 2ª parte da Ciranda para a escrita das cartas, os registros e impressões e a sistematização da escrita e socialização das mesmas. Não foi bem o que aconteceu. O comportamento da turma exigiu mais investidas metodológicas, seguindo a proposta de pesquisa e a escolha epistemológica, obviamente. Elaboramos outros questionários via Google Forms podendo conferir no anexo 03 – Diário de bordo. As Cirandas foram iniciadas sempre com a exibição de um vídeo que interseccionava as questões raciais, de gênero e classe, seguidos de debates, registros e escutas acerca da temática, finalizamos cada encontro com outro vídeo e a construção da pauta para o próximo encontro.

QUADRO 02

Ciranda 1º momento

<p>02 Feminismo Negro</p> <p>Vídeo:Sem Filtro/Iza Texto: Sueli Carneiro (2011, p. 63-65, 127-130) Racismos Contemporâneos - A dor da cor Vídeo: Não sou teu negro/Caio Prado</p> <p>04 Democracia Racial</p> <p>Vídeo:Ludmilla - Meu Desapego Texto: Lia Vainer Schucman (2018, p. 125-131)/Mito da Democracia Racial – Da Consciência do Mito Vídeo: IZA - Ginga (Participação especial Rincon Sapiência)</p>	<p>01 Representatividade Negra Solidão e racismo</p> <p>Vídeo:Lua ciranda/Lia de Itamaracá Texto: Grada Kilomba (2019, p. 71-79) Dizendo o Indizível: definindo o racismo Vídeo: Respeita/Ana Cañas</p> <p>03 Sexismo e Solidão</p> <p>Vídeo:Retinta/Nara Couto Texto: Lélia Gonzalez (2020, p. 207-210) Sexismo - Taí Clementina, Eterna Menina Vídeo:Linn da Quebrada - Oração (Clipe Oficial)</p>
--	--

Vídeos e textos que nortearam as discussões da Ciranda (1ª parte)

QUADRO 03

Vídeos e textos que nortearam as discussões da Ciranda (2ª parte)

Ciranda 2º momento	
02 Escrevivências e Políticas públicas Vídeo: Cota não é esmola/Bia Ferreira Texto: Conceição Evaristo (2022, p. 15-21) - Olhos D'água Vídeo: A Solidão da mulher negra/Papo de Preta;	Memórias e Escrevivências 01 Vídeo: Oceano/ Mc Tha, Eu Sou/WD Texto: Carta à minha filha; Carta à minha mãe Vídeo: Conceição Evaristo, Travessia;
04 Preterimento negro Vídeo: Jurema Ôh Jurema - Josii Yakecan Texto: Beatriz Nascimento (2021, 231-236) Movimento negro e cultura /A mulher negra e o amor Vídeo: Eu não sou uma mulher? – Sojourner Truth - Interpretação Dedê Fatuma	Escrevivências e Solidão 03 Vídeo: Raízes/Negra Li Fit. Rael Texto: Eliana Alves Cruz (2016), Água de Barrela; Ana Maria Gonçalves (2022) , Um Defeito de Cor Vídeo: A solidão das mulheres negras Saia Justa

6.4 Escrita em Cartas

De acordo com Verónica Sierra Blas (2017), para falar de narrativas epistolares precisamos dialogar com as diversas ciências e literaturas que convalidam e escrituram essas narrativas. Pesquisar solidões é uma tarefa que exige sensibilidade para lidar com inscrições pessoais, para isso nos apoiamos em quem já vem fazendo isso. Portanto, nessa pesquisa, de tempo limitado pelo Mestrado Profissional, me apoiei nas referências principalmente, de Ana Cristina Nascimento Givigi (2020), Coordenadora do Projeto MUKANDA, o qual faço parte, Gloria Anzaldúa (2000), Conceição Evaristo (2018), Neusa Santos Souza (2021), Dijamila Ribeiro (2021), além das literaturas de Eliana Alves Cruz (2018), com o título Água de Barrela e Ana Maria Gonçalves (2022), com o título, Um Defeito de Cor e Conceição Evaristo (2014), com o título Olhos D'água.

De acordo com Blas (2017), há uma urgência da historiografia em ampliar suas investigações para além do pragmatismo científico hegemônico da cultura escrita, pois precisamos saber de onde viemos, onde estamos e para onde vamos. Historiografar performances de cunho biográfico tem apontado caminhos cada vez mais acessados, através das narrativas de memórias antes esquecidas, ou marginalizadas. As cartas possibilitam as insurgências, as denúncias em anonimatos ou não, desnuda opressões e solidões, extrapola a subjetividade e coaduna experiência coletivas, nesse caso, as Cirandas. Cartas possibilitam a leitura da alma e a união de perspectivas plurais de visibilidade e enfrentamento, mediante as narrativas (auto)biográficas. Durante a entrevista com Verónica Sierra Blas lhe foi perguntado:

Durante as últimas décadas, as pesquisas, sob o ponto de vista historiográfico, têm sido submetidas a uma significativa mudança de paradigma. Como essas mudanças se refletiram em teus caminhos e investigação? Si algo nos enseñó el “giro historiográfico” de los años 60 y 70, en cuyo seno nació, entre otras muchas líneas y corrientes historiográficas más que consolidadas en nuestros días, la Historia Social de la Cultura Escrita, es que los especialistas en las Ciencias Sociales y Humanas no podemos dejar de buscar nuevos caminos, porque ésa es la única manera de cumplir con nuestra misión: seguir aportando luz y conocimiento al mundo para saber de dónde venimos, entender dónde estamos y prever hacia dónde nos dirigimos (BLAS, 2017. p. 12).

Blas entende que a história também precisava girar em direção a documentos e fontes que estavam ligadas às trajetórias. Também a partir das discussões apresentadas no projeto MUKANDA e durante nossas reuniões no mesmo, pude perceber que a coordenadora do projeto, Ana Cristina Nascimento Givigi, ou Kiki Givigi, produz ciências sob pensamentos convergentes dos aqui já citados e, num movimento sankofa⁶ se volta para nossas origens. Fazemos juntas um exercício contrário à história da literatura colonial, cunhada pela branquitude. Ela reconhece seus lugares de privilégios enquanto pesquisadora branca, constrói um arcabouço teórico para justificar sua intenção em escrever sobre conversas com as pretas, debate amplamente a questão da branquitude e do inquestionável privilégio do branco- dentro do projeto MUKANDA e nas suas narrativas interpessoais e/ou orais quando ministrando suas aulas na Academia.

Kiki (2022) inscreve as narrativas biográficas das suas estudantes negras, orientandas, filhas de santo “a partir da terra e da ancestralidade, mulher negra, campesinato negro, educação do campo, branquitude”. Compreende a importância do exercício do MUKANDA em instituir a literatura (auto)biográfica como instrumento de legitimação e reconhecimento político e social da memória das mais velhas e das mais novas, mediante a escrita epistolar, sobretudo, de mulheres negras e da sua relação com o campo, dentro da Educação do Campo. Chama-nos a atenção no que diz respeito as nuances das narrativas que podem destoar, por ocasião das características do gênero em questão, no entanto, continuarão sendo confissões biográficas que desmantelam a branquitude (GIVIGI, 2020, p. 52). E afirma:

⁶Sankofa é um símbolo de lembrança da história afro-americana e afro-brasileira, que recorda os erros do passado para que eles não sejam cometidos novamente no futuro. Isto é, representa o retorno ao passado para que seja possível adquirir conhecimento e sabedoria. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sankofa>

Mukanda pretende, assim, causar uma fissura na língua e na linguagem acadêmica apontando possibilidades de outras epistêmes na educação do campo. A questão que se avizinha é demarcar os processos de eliminação destas linguagens múltiplas e sua coincidência – não ocasional – com a (des) configuração da mulher negra como sujeito do campo, por força da branquitude como marca epistêmica (GIVIGI 2020. p. 53).

Perseguir história é acionar a memória naquilo que ela significa presente, desdobrar as temporalidades numa só: a presente e sua significância. Quem conta mistura-se à sua língua. Os velhos falam e nos lançam aos tempos passados, que não é mais deles, mas são os tempos nossos, por nós vividos, em nossas diferenças. Acionar memórias negras no Campotambém tem a virtude de ‘honrar aos velhos’, buscando a unidade contínua entre tempos históricos, permitindo a horizontalidade entre memórias desiguais (GIVIGI 2020. p. 54).

Desse modo, as Cartas são parte de nossa produção. Estabelecemos discussões na segunda parte da Ciranda, compostas por Cirandas e encontros virtuais. As discussões a partir das exhibições dos vídeos e problematização dos textos constituíram estratégias fundamentais para o momento da escrita. Das 19 colaboradoras recebi duas cartas via whatsapp e uma em resposta de um formulário. Por compreender as condições objetivas das estudantes como dificuldades na produção escrita, timidez e quase que total ausência de debates ou posicionamentos durante as Cirandas, decidi utilizar o formulário eletrônico e o grupo de whatsapp para dinamizar nossa comunicação. Houve uma enorme resistência por parte da maioria das colaboradoras sobre a escrita e mais ainda para gravação destas em vídeos. Com o adiantamento dos nossos encontros em Cirandas observei que o coletivo estava mais interessado em não assistir as aulas de Religião. Tanto o 8º ano quanto o 9º recebia o chamado para a Ciranda com certa resistência, saíam da classe, mas se perdiam, escondiam pelo caminho para não chegar no nosso local marcado para o acontecimento da Ciranda.

Era comum durante as cirandas, aparecer uma ou outra estudante que não havia respondido aos questionários. No grupo do 8º ano havia três estudantes da zona urbana e no grupo do 9º ano, uma colaboradora havia se autodeclarada branca. Elas não foram excluídas, pois, as mesmas foram frequentes em todos os encontros, um dos nossos objetivos era proporcionar momentos de letramento racial e de gênero, portanto, todas foram muito bem vindas. A adesão para escrita foi espontânea e voluntária, como já mencionei, as estudantes esboçaram bastante resistência para escrever e se expressar oralmente.

A pesquisa abriu espaço para diversas aproximações como a condução da Ciranda, a reação das participantes mediante a contemplação dos vídeos, o posicionamento e falas durante os debates e considerações nos vídeos, o comportamento das participantes ao iniciar e terminar a Ciranda. Converging com BAUER (2008), não pretendemos deixar nenhuma circunstância da pesquisa para trás ou atribuir-lhe menor valor. Entendemos o roteiro da entrevista, as performances durante as cirandas, as conversações encadeadas em cada debate e discussões, os locais escolhidos para gravação das cartas em vídeos como circunstâncias de interação para análise cuidadosa dos resultados. Segundo o autor, a análise cuidadosa de cada etapa que circunscreve e caracteriza a pesquisa sob o viés da fala, a partir da interação social, do posicionamento e encaminhamentos das autoras participantes e pesquisadora, pode nos indicar caminhos e novos direcionamentos (BAUER, 2008, p. 271-291).

Essa pesquisa constituir-se-á Cartas-Vivências, das circunstâncias inscritas em diário de Campo mediante as conversas, pelas confissões, portanto pelas inscrições epistolares. As conversas construídas depois da resposta do questionário foram costuradas e ganharam forma à cada interação social entre os encontros, a cada fala, a cada ausência, ou até mesmo desistência. De acordo com Bauer (2008) a análise de conversação da fala já foi elemento de contestação, entretanto, muitos/as pesquisadores/as já demonstram inclinação e adesão para esse tipo de análise, e esse é o nosso caso, a nossa preferência.

As narrativas a partir das vivências, experiências tem se constituído caminhos epistemológicos para as ciências, sobretudo, no Campo da educação, que visam valorizar e dar visibilidade as fontes históricas que por muito tempo foram marginalizadas, negligenciadas e/ou silenciadas, as narrativas orais, o senso comum, os saberes tradicionais, canções, orações, cartas, diários etc, são elementos de investigação que foram em um dado momento preteridos em detrimento da ciência eurocentrada.

6.5 Produções e Exibições das Cartas Curtas

Os momentos de produção das cartas foram acontecendo mesmo antes de concluirmos a 1ª parte das Cirandas, no 4º encontro, solicitei que as estudantes escrevessem uma carta para o seu “eu criança”. Entendemos que as metodologias utilizadas durante a pesquisa podem gerar relações de vizinhança entre as escritas das

mulheres negras e a vida das estudantes, afetando-as de modo que tenham produzido escritas pessoais sobre as relações entre a negritude, a escola o afeto e solidões.

Tanto as *Cartas Curtas* quanto a *Ciranda* configuram instrumentos de afirmação identitária, representatividade, protagonismo intelectual, pessoal e coletivo. Uma projeção literária das vozes que foram silenciadas, abafadas, usurpadas. Os momentos formativos de letramento feminista racial possibilitaram a escuta da outra, a solidariedade e a possibilidade de enfrentamentos. Um resgate do passado, se necessário, confluído com o presente e perspectivas futuras. As Cartas nos permitem informar, formar e nos autorreconhecemos para enfrentar e/ou transformar a colonialidade de gênero, o patriarcado, o sexismo, o preterimento, as solidões e as fraturas do campo.

As Cartas constituem, para nós, a confluência entre ludicidade e representatividade. A partir do protagonismo estudantil durante as Cirandas onde causos, e inscrições (auto)biográficas se encontraram para formar um corpo coletivo, híbrido de singularidades. As estudantes foram retiradas da classe para que pudessem dizer de suas experiências. A partir de cada encontro e discussões foram elencados tópicos com questionamentos que subsidiaram a escrita. Elaboramos 4 formulários, via GoogleForms, com questionamentos em forma de perguntas para facilitar o desenvolvimento da escrita, e os socializamos. Durante os encontros presenciais eram distribuídos papéis para que as colaboradoras pudessem escrever individualmente, entretanto, nenhuma escrevia. Os formulários estão descritos no diário de bordo anexados a este relatório.

QUADRO 04

Resumo das etapas

MAIORES DESAFIOS	RESUMO DAS ETAPAS
O convencimento das estudantes para a escrita das cartas	Utilizamos vídeos que despertavam gatilhos para que elas pudessem escrever suas vivências; Ofereci uma premiação para quem conseguisse produzir o material dentro do tempo estabelecido; Criamos formulários com perguntas abertas para apreender mais informações.
Gestar o tempo de maneira a garantir os momentos de Ciranda e Produções das cartas	A escola não dispunha de um local fixo para a execução das cirandas; Os recursos audiovisuais quase sempre demorava muito para funcionar; algumas colaboradoras demoravam muito a chegar no local
A rotatividade das estudantes ao migrarem de uma escola para outra; O curto espaço de tempo por se tratar de 8º e 9º anos, nesse espaço/tempo teremos apenas 1 ano letivo para o encontro com os sujeitos da pesquisa	Foi muito complicado, as estudantes saíram do grupo de whatsapp e as colaboradoras do 9º ano já não estão na escola.
Por se tratar de estudantes de diversas comunidades rural, não foi possível ampliar os encontros	As cirandas ficaram comprometidas pela logística da escola e falta de estrutura para um funcionamento mais efetivo.
A dificuldade de edição das Cartas Curtas em Vídeo	A premissa o nosso objetivo era que as cartas fossem editadas em vídeos, mas as colaboradoras se recusaram gravá-las

ETAPAS

1. Questionários/Entrevistas
2. Ciranda de conversas/ exibição de vídeos e discussões teóricas
3. Produções das cartas
4. Produção das Cartas Curtas
- 5- Exibição das Cartas Curtas
5. Avaliação do Produto
6. Análise dos Resultados da Aplicação
7. Revisão do Produto
8. Replicabilidade

7- A LINGUAGEM: NARRATIVAS E ESCREVIVÊNCIAS FEMINISTAS A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE

De acordo com Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, no início do século XXI o termo “Interseccionalidade” foi amplamente divulgado e acionado pelas diversas categorias sociais, transitando desde a educação até as redes sociais, assim como os debates voltados para sua compreensão e categorização, chegando a um entendimento mais comum e que melhor se aplica a proposta dessa pesquisa: a interseccionalidade como uma categoria analítica que investiga as relações de poder que interferem nas

relações sociais marcadas e interseccionadas pela diversidade (COLLINS, BILGE, 2021. p.17-39).

As questões sociais eram analisadas separadamente, privilegiando uma categoria em detrimento de outra, gerando lentes monofocais no que diz respeito, por exemplo, à desigualdade social. Cada categoria dava enfoque para uma questão: O movimento dos direitos civis – Raça; No feminismo – Gênero; nos sindicatos – Classe. Essa estrutura passou a ser questionada pelas ativistas estadunidenses negras, nas décadas de 1960 e 1970, quando o termo interseccionalidade foi utilizado como categoria analítica em resposta a ao entendimento das questões sociais isoladamente (COLLINS, BILGE, 2021).

A Copa do Mundo é um evento global, a qual Collins em consonância com Cho, Crenshaw e Mc Call apontam para uma estrutura que molda padrões de oportunidades e que claramente pode ser utilizada a interseccionalidade para entender o movimento de seleção, exclusão, vantagens e desvantagens no esporte. A Federação Mundial de Futebol-FIFA, como uma estrutura que intersecciona as relações de poder, sustentam a desigualdade a partir de recortes entre raça, gênero, nacionalidade e capacidade. Promove uma pequena parcela de países e de atletas a alcançarem o alto escalão do esporte, mesmo quando estatísticas apontam para milhões de pessoas envolvidas com esse esporte (COLLINS, BILGE, 2021. p.20).

Categorias como raça, gênero, idade, dentre outros posicionam as pessoas de maneiras diferentes no mundo. Alguns grupos são especialmente vulnerabilizados, enquanto outros se beneficiam, desproporcionalmente. Em 1975, foi apresentado o Manifesto das Mulheres Negras no Congresso das Mulheres Brasileiras, promovido pela ONU. O período foi marcado pelo enfrentamento de ativistas negras como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez. Houve o crescimento do Movimento Negro Brasileiro, buscando opor-se ao mito da democracia racial criado e sustentado pelo estado desde a década de 30, momento em que o estado negava a existência de raça de forma sistêmica. Houve uma onda de apagamento da raça, que negava a existência das pessoas de ascendência africana, ao mesmo tempo em que houve um crescimento de políticas discriminatórias na escola, no trabalho, no esporte, na sociedade (COLLINS, BILGE, 2021).

O estado brasileiro criou e sustentou a imagem da identidade nacional, fortalecida pelos poderes constituídos, a partir da “mestiçagem”. No entanto, as mulheres negras continuaram suas movimentações e criaram uma rede intergeracional, que culminou no maior Festival de Mulheres Negras na América Latina, O Latinidades, sediado em Brasília no ano de 2014. O evento incluía as mulheres mais jovens para que pudessem interseccionar os eixos: gênero, raça e classe. Essa rede estava engajada com a política, a cultura, a ciência e a arte. As mulheres conseguiram se unir em um movimento que valorizava e dava visibilidade às questões sobre a mulher afro-latina e caribenha, contrapondo ao apagamento da identidade negra e da negação do racismo no Brasil (COLLINS, BILGE, 2021).

Além das mulheres mais jovens, o Festival Latinidades conseguiu apresentar potencialidades do ativismo negro, como a escritora Conceição Evaristo. O Festival foi estruturado a partir da luta das afro-brasileiras, de modo a interseccionar cultura, raça, classe, gênero, idade, nacionalidade, sexualidade e capacidade, tendo como principal bandeira o combate ao racismo e sexismo de uma sociedade adoecida por uma série de questões interseccionais pelo poder como, a escravidão, o colonialismo e a ditadura (Collins, BILGE, 2021. p.41- 42).

A sociedade brasileira, construída a partir de relações majoritariamente violentas entre africanos, europeus e indígenas deram origem as mais diversas características fenotípicas humanas - cor de olhos, da pele, texturas de cabelos, formato dos rostos, etc. que moldaram pessoas que a sociedade tratou de subdividi-las, de um lado pessoas com traços europeus que passam a desfrutar de muitos privilégios e, do outro, pessoas com traços afro-brasileiros, que são levadas a se encaixar sob os parâmetros do mito da democracia racial, sem privilégio algum, ainda com as questões levantadas pelas relações inter-raciais, que preterem pessoas negras retintas em relação às menos retintas. É justamente nesse segundo grupo que as feministas afro-brasileiras se encaixam e passam a reivindicar espaço para construção de uma identidade negra e de enfrentamento ao racismo antinegro (COLLINS, BILGE, 2021. p.42-43).

Como já foi explanado, a tônica desse trabalho é a escrevivência, a partir das narrativas em Cartas que tendem a se espalhar como rastilho de pólvora para incomodar, denunciar, acalantar, alavancar, impulsionar e descortinar, ideias, ideais, ideologias de

*mulheres de cor*⁷ *entre fronteiras*⁸, que tiveram, por tantas vezes suas vozes silenciadas, abafadas e/ou desfocadas, usurpadas. Essas mulheres não são apenas as estudantes que constituem sujeitos dessa pesquisa, tampouco, as minhas, mãe e filha somente, somos nós, da nação *Amefricanizada*,⁹ *interseccionada pela encruzilhada*¹⁰. *O Lixo vai falar em pretoguês brasileiro!*¹¹ *Ou eu não sou uma mulher!*¹² Reunir nesse único parágrafo marcas lingüísticas de um legado literário e político, legado pensado intelectualmente por pessoas que sabem o que é viver e se mover às margens do estado, marcadas pela racialidade, pelo gênero, sexo, classe, e etnia.

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que produz o racismo. Igualmente, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2019. p. 19).

Mulher de cor é uma expressão utilizada também pela poeta Tatiana Nascimento, (2017) como forma de reivindicar uma linguagem decolonial, ao exemplificar um episódio publicado numa revista onde o texto da teórica negra feminista Kia Lilly Caldwell intitulado “Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil” foi traduzido para o português brasileiro e assinado “Mulheres não brancas”. Uma forma de renúncia à linguagem hegemônica e que se faz desafiadora, agressiva, uma arma que incomoda. A tradução permitiu a extrapolação de ideias nas encruzilhadas e a transmissão dos ensinamentos, que antes ficavam segregados em um país, comunidade, em especial à literatura negra. Entretanto, Tatiana nos alerta para o termo assinado, sendo ele uma marca colonizadora, uma vez que sua tradução não traz sentido identitário para comunidade negra que identifica a mulher não branca como a mulher negra e mulata, ou seja, “mulher de cor” (NASCIMENTO, 2017. p. 139-141).

⁷ *Mulher de cor* é uma expressão cunhada pela poeta Tatiana Nascimento (2017, p. 139).

⁸ Fronteiras termo cunhado por Glória Anzaldúa para denominar não somente as fronteiras geográficas, mas, também as fronteiras do corpo ou “o não-lugar”. Portanto, fronteiras para as feministas chicanas podem ser entendida também como gênero (PALMEIRA, 2020).

⁹ Adjetivo do termo Amefricanidade criado pela ativista brasileira Lélia Gonzalez

¹⁰ Encruzilhada, termo bastante utilizado por Akotirene, ao qual atribui valor religioso a um sistema de cruzamentos que inter cruzam e disseminam valores e experiências ancestrais entre raça, classe e gênero (AKOTIRENE, 2019)

¹¹ O pretoguês resulta da interação entre a língua do colonizador e resistência lingüística dos africanos. Como as mulheres brancas não maternaram seus filhos, impuseram a educação dos pequenos às mulheres negras, estas últimas transmitiram por gerações os signos lingüísticos de África para o sistema lingüístico colonial, segundo Lélia Gonzalez, autora do termo. (AKOTIRENE, 2019. p. 119).

¹² Parte do discurso proferido por Sojourner Truth na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851.

Nascimento, (2017) utiliza do termo “mulher de cor” também como uma reivindicação literária para identificar a literatura pós-colonial ou terceiromundista de escritoras negras que estão na luta ferrenha para terem suas produções visibilizadas. A linguagem das escritoras afrodiaspóricas precisa firmar-se e ganhar as fronteiras no mundo da literatura e, para isso, se faz necessário reivindicar para si marcas linguísticas decoloniais, importantíssimas para o reconhecimento do legado acadêmico, assim como para a representatividade identitária interseccionada por raça, gênero, sexo, classe e tantas outras categorias. A literatura contragemônica enfrenta barreiras estruturadas para abafar as linguagens que interseccionam diferenças.

Gostaria de discorrer um pouco mais a frente sobre o conceito de *fronteira* utilizado por Anzaldúa (Palmeira, 2020). Acredito que seja bastante pertinente para compreendermos o lugar de luta de ressignificação e/ou construção de novos signos que melhor nos representa e nos darão suporte linguístico para acomodar minimamente nossas lutas e diferenças contra a contaminação colonizadora. A intelectual *queer, chicana*, utiliza desses títulos para repudiar adjetivações coloniais e, ao mesmo tempo, para se autoafirmar, os adjetivos que mais servem para conter são, ao mesmo tempo, os que utiliza para representar diferenças que são historicamente contidas.

Dessa forma, a autora se posiciona mais uma vez nessa fronteira do entre-ser, pois reconhece o paradoxo que reside entre o ter que se conter ao se nomear e recusar esses mesmos títulos por acreditar que sejamos maiores que eles. Nesse sentido, a *chicana* é construída: como uma maneira específica – potente, forte e carregada de sentido, atravessada por memórias e espíritos ancestrais – que permite ir além de fronteiras físicas e rótulos nacionalistas, que permite ir além de categorias cristalizadas, que vai além do que nossa intelectualidade permite definir. É na sua porosidade e nas suas linhas incertas que reside o poder de sua complexidade. É desse prisma que esse conceito pode servir de instrumento teórico para refletir sobre identidades contemporâneas sempre a partir de complexos lugares de fala (PALMEIRA, 2018. p. 195).

De acordo com Palmeira (2018), como mulher lésbica, Anzaldúa compactua dos marcadores do feminismo revolucionário, que marca pelo menos as três últimas gerações de escritoras *chicanas* sob parâmetros como: subverter e/ou recusar o sistema patriarcal, “...reformulações das figuras míticas para forjar uma nova memória coletiva e veicular modelos femininos emancipatórios...”, cooperação feminina através da linguagem. A autora é uma potência em voz da intelectualidade e tanto nos diz sobre o ser mulher sob fronteiras, sejam elas de nacionalidade, regionalidade, de comunidades ou de personalidade, identidade, especificidades que se coadunam para compor um

coletivo de diferenças marcadas por silenciamentos e opressões (PALMEIRA, 2018. p. 196).

A linguagem até aqui discutida é de uma importância sem igual, ela é arma, é sonho, é desejo, denúncia, discórdia, difamação, opressão e luta persistente.

A linguagem mata e a linguagem salva, sobretudo, quando esta é empregada no lugar do racismo ou do antirracismo. Iniciamos esse texto com um parágrafo carregado de signos, metáforas, conceitos cunhados por intelectuais que compartilham ideias que somam e fortalecem identidades antirracistas. É um exercício de letramento racial e fortalecimento linguístico para sobreviver a um cenário que nunca foi confortável para as mulheres de cor, estas que tem ocupado as fraturas possíveis de combate pujante ao patriarcado, ao racismo e ao sexismo.

Palmeira (2018), ao citar Anzaldúa nos fala sobre o encontro com o “meu eu”, numa perspectiva da mulher sociocultural e do feminismo da diferença. Suas narrativas nos remete à compreensão de que não precisamos caber em conceitos desajustados que engessam experiências incoerentes com as nossas necessidades. A linguagem é uma arma de renúncia aos rótulos e ditames que nos são postos intencionalmente para nos diminuirmos e para nos enquadrarmos numa sociedade que oprime, reprime, silencia, amordaça e nos mata. Seja através da classe, do racismo, do sexismo, do nacionalismo, ou do regionalismo. A escrita de Cartas como linguagem de emancipação e resistência é também nossa perspectiva de enfrentamento ao *mito da democracia racial* e aos privilégios marcados pela *cisheteronormatividades* (AKOTIRENE, 2019. p. 22-23) ¹³.

De acordo com Carla Akotirene, Anzaldúa ao escrever uma carta às mulheres de cor do terceiro mundo encoraja e socializa experiências intelectuais que extrapolam fronteiras, sejam elas de nacionalidade ou de personalidade, numa conexão interseccional ancestral, que contagia e propõe novas possibilidades de linguagem. Como a carta é carregada de características preeminentes da subjetividade, esse recurso muito nos interessa, pois, essa linguagem se configura nesse contexto como a personificação da armadura para mulheres de cor que se veem a solidão estruturada principalmente para seus corpos.

... Visto isto, não podemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas

¹³ De acordo com Carla Akotirene, as cisheteronormatividades são estruturas de opressões que estão postas na modernidade colonialista que vulnerabiliza, sobretudo as mulheres de cor.

heterogeneamente nestes grupos, vítimas de colisões múltiplas do capitalismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo. Tais mulheres depositam confiança na oferta analítica da interseccionalidade preparada por suas intelectuais além de, sucessivamente, oferecerem no espaço público o alimento político para os outros, proporcionando o fluxo entre teoria, metodologia e prática aos acidentados durante a colisão, amparando-os intelectualmente na própria avenida do acidente (AKOTIRENE, 2019. p. 23).

As escrituras produzidas em cartas têm uma linguagem original para o fortalecimento e/ou resignificação de identidades das mulheres de cor que não cabem mais nos conceitos dualistas, homem/mulher, branca/não branca, intelectual/não intelectual. As feministas da diferença, por exemplo, já sabem que definir um ser a partir do determinismo biológico é humanamente impossível. Voltando ao parágrafo onde apresento vários termos bastante difundidos e empregados, sobretudo, nas literaturas contragemônicas, cunhados pelo enfrentamento ao patriarcado, à intelectualidade hegemônica e eurocêntrica que não se compromete em discutir as questões que oprimem uma parcela desfavorecida da sociedade a partir de uma estrutura paramentada pelo recorte racial e de gênero.

O estado tem sua estrutura operacionalizada para oprimir uma parcela da sociedade, e segundo Achille Mbembe (2019) ela tem cor (é preta). Antes legitimada pelo processo escravocrata, a posteriori, por um conjunto de leis, preconceitos, ausência de políticas públicas, ditadura militar, privilégios da branquitude, a lentidão da reforma agrária, a exclusão e negligências para com os indígenas, dentre outros mecanismos sistêmicos, como por exemplo, a *necropolítica*, Mbembe, (2019), e demais formas de opressões às diferenças.

A linguagem até aqui empregada é antirracista e decolonial, suas marcas são formas de denúncias e renúncia a uma única episteme das narrativas. É nesse sentido, que utilizamos cartas como uma linguagem sensível à algumas questões que oprimem as mulheres que se encontram, sobretudo, nas avenidas identitárias interseccionadas pela diferença. Projetar essas formas de escritas em lentes polifocais é também um movimento de enfrentamento a esse sistema social doentio que encarcera, mata, silencia, exclui e negligencia a partir da racialização e do patriarcado.

7.1 Letramento racial: interseccionando gênero e classe

Em Mulheres negras e feminismo, de acordo com Bell Hooks (1981), até mesmo quando o movimento das mulheres liberacionistas reclamavam da legitimação patriarcal

e da opressão de gênero, as mulheres negras estavam silenciosas e silenciadas por não se encontrarem nem na pauta dos homens negros e muito menos das mulheres brancas. O sexismo racista aprisionou nós mulheres negras, limitando-nos à condição de só existir através do outro. Ao cursar a especialização em História da África, da Cultura Afro-brasileira e Africana pela UFRB/CFP pude entender como o ambiente acadêmico como lugar de disputa de ideias, mesmo quando discutimos sobre um problema social terrível, que é o racismo, ainda pode dissociar racismo do sexismo. Um curso que discutia excepcionalmente raça, em nenhum momento mencionou a importância do feminino no âmbito das questões racial (HOOKS, 1981, p. 114-139).

A hegemonia patriarcal se manteve presente nos intramuros do curso que debateria questões tão intrínsecas às vidas de mulheres, que vivenciaram e lutaram profundamente contra o julgo racial. Ser mulher negra campesina em nossa sociedade sempre foi um agravante que forja seu apagamento e silenciamento. Nossas questões, enquanto estudantes racializadas, de origem campesina sempre foram subsumidas à lógica do patriarcado. Durante o curso jamais questionamos a ausência das vozes femininas no cenário da literatura, ou das questões debatidas sobre racialização. Segundo bell hooks (1981) fomos condicionadas pelo sexismo patriarcal a sermos obedientes e silenciosas.

O letramento racial não pode ser reflexivo, insurgente o suficiente se não entendermos o lugar da branquitude. De acordo com Lia Vainer Schucman (2012), o racismo é a hierarquia das raças, onde só racializa o preto, pois o branco não se percebe como raça e sim como indivíduo, como o padrão da sociedade. Segundo ela, o dispositivo entre raça e racismo no Brasil é um sistema de aprendizagem, inclusive uma aprendizagem racista que estrutura a sociedade entre quem tem privilégios e quem não tem, o branco/pobre. A branquitude e os brancos ao serem questionados durante sua pesquisa, demonstram ciência dos seus privilégios, ao mesmo tempo em que não abrem mão deles. Sendo assim uma resposta à essa estrutura perpassa também pelo letramento racial, uma resposta individual, um conjunto de práticas que conhece o valor simbólico e material da branquitude, uma aprendizagem (SCHUCMAN, 2012. p. 75-82).

Nessa perspectiva, realizamos as cirandas operando objetivamente na construção e reconhecimento da identidade negra, do enfrentamento ao racismo e cisheteropatriarcado. Ouvir e discutir solidões é um posicionamento antirracista, uma metodologia de aprendizagem. Kiki Givigi (2020, p. 16-19), em um dos seus textos fez

algumas perguntas que se responderam automaticamente no nosso cotidiano, ao questionar quem compõe as estruturas hierárquicas de tomadas de decisões, das produções de memórias do conhecimento, quem está autorizado a invadir, transgredir, expropriar, senão a branquitude que constitui o ápice da pirâmide, que toma o outro como seu objeto. Para tanto, a autora nos convida a decolonizar, pois, segundo ela, o decolonial não pode ser esconderijo de branco, mas, um exercício de deslocamentos, desobediências, de desconstrução da pirâmide e visibilidade para os subsumidos que enfrentam e resistem às formas opressoras, como diz Lélia Gonzalez (2020), a denegação que se instaurou no Brasil desde os primórdios da invasão europeia disfarçando o racismo, criando mitos como o mito da democracia racial.

De acordo Kabengele Munanga (2022), tanto o tráfico de pessoas vindas do Continente Africano, validado pelo processo escravocrata, quanto a onda migratória a partir do pós-guerras, validada pelo processo da globalização, tem produzido nações diversas. Essas pessoas já povoam ou migram para antigas potências colonizadoras da Europa e Norte Americana como Canadá e Estados Unidos. Segundo o autor, as nações diaspóricas deveriam criar políticas afirmativas, que ele denomina de pedagogia multicultural, que permitissem a convivência entre a diversidade e as diferenças, transformando-as em riqueza coletiva da humanidade, ao invés de opor igualdade e diferenças, cunhada por práticas racistas e xenofóbicas, um exercício provocador de desigualdades.

A sociedade brasileira nos anos 2000 foi “marcada pela organização da 3ª Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as formas da Intolerância Correlata” (MUNANGA, 2022, p. 127). O Brasil descansava em berço esplêndido, de consciência tranquila, sustentada pelo mito da democracia racial, que colocava o país no lugar de nação isenta de preconceitos, um lugar harmônico e de negociações raciais possíveis concretizadas na suposta mestiçagem. Era um passaporte para ausência de leis para pessoas não brancas. Após a conferência, houve uma corrida para implementação das políticas que dessem conta das desigualdades, inclusive as cotas, entretanto a sociedade brasileira continuava vivendo/convivendo com o racismo e produzia pensadores, pesquisadores, políticos etc., sob duas vertentes: a primeira que desconhece a raça e o racismo, mas sim, as diferenças baseadas na classe, a segunda, dividida em duas partes, uma essencialista, universalista que acredita na humanidade racional de identidade única, direitos iguais para todos, que sobrepõe a ideia de etnia à

raça, um ideal de democracia; a segunda, nominalista, construcionista acredita no racismo como construção do imaginário (MUNANGA, 2022, p.126-128).

Para Munanga (2022), o conteúdo da raça é social e político. O Movimento Negro já tinha esse entendimento e já vinha reivindicando políticas que contemplassem negros e mestiços desde a década de 1960, bem antes da política de cotas. Combater a discriminação racial e construir uma identidade negra é produzir letramento racial, compreender que o racismo hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação é uma obrigação antirracista. Portanto, as políticas públicas voltadas para as minorias discriminadas devem permanecer sendo pauta, considerando suas especificidades e reivindicações, seja num Estado multinacional¹⁴ ou étnico-cultural, que é o caso do Brasil. De acordo com o autor é preciso considerar e combinar a igualdade e a diferença para que possamos viver em harmonia (MUNANGA, 2022, p. 125).

A cegueira para cor é uma estratégia falha para lidar com a opressão racista, pois não permite a autodefinição dos oprimidos e institui valores do grupo dominante, e conseqüentemente ignora a realidade da discriminação cotidiana. A estratégia que, obriga a tornar as diferenças salientes em todas as circunstâncias, obriga a negar as semelhanças e impõem expectativas restritivas (MUNANGA, 2022, p. 127).

Não podemos mais conceber e legitimar o mito da democracia racial. É inquestionável que a sociedade brasileira é racista, sexista, misógina, cabendo na sua história tantas outras formas de opressão. Entender que existem essas formas de opressões que esteriotipa, hierarquiza e classifica grupos, sendo que, no topo da pirâmide temos aquele grupo privilegiado pela cor branca, munido de poder, de superioridade nacionalista, enquanto outros grupos sustentam essa pirâmide, imóveis, com muita dificuldade para se deslocarem para firmar suas identidades, reconhecer suas diferenças e reivindicar políticas reparatórias para as condições de desigualdades e continuidade de suas existências com dignidade e equidade.

Para Sueli Carneiro (2011), a incapacidade dessas pessoas em se autoclassificarem racialmente, protegidas pelo ideal da miscigenação como carta de alforria do estigma da negritude, legitima o mito da democracia racial e não causa mobilidade, nem enfrentamento ao racismo. É a partir dessas reflexões que pretendemos ouvir e falar de solidões, questionando estruturas engessadas pelo racismo.

¹⁴ Um Estado de diversas nações imprimindo o processo de construção de identidade de minorias nacionais, cuja reivindicações é preservar-se como sociedade com autonomia interna.

8- NOSSAS MEMÓRIAS, NOSSOS TERRITÓRIOS (AUTO)BIOGRÁFICOS, NOSSOS ACHADOS EM CARTAS

A pandemia fez com que estudantes campesinas migrassem de uma escola para outra, ou até mesmo, abandonassem a escola, pois não poderiam estudar numa escola integral, onde teriam todo o dia comprometido. Acredito que a pandemia produziu também mais estudantes trabalhadoras. A Escola Municipal Dinorah Lemos da Silva, escola onde aconteceram os casos de automutilação, os quais motivaram essa pesquisa, recebeu em 2019 cerca de 45 estudantes campesinas, em 2023 esse número caiu vertiginosamente para apenas 13. A escola Dinorah é de tempo integral, então, no ato das matrículas, quando os responsáveis iam solicitar transferências alegavam que suas filhas precisavam trabalhar, logo, não poderiam estudar em período integral.

QUADRO 05 - Matrícula das estudantes campesinas da Escola Dinorah



O gráfico apresenta o título "Levantamentos prévios" e "Escola Municipal Professora Dinorah Lemos da Silva". Abaixo dele, há uma tabela com três colunas: "ANO", "TOTAL DE ESTUDANTES" e "QUANTITATIVO/Zona Rural".

ANO	TOTAL DE ESTUDANTES	QUANTITATIVO/Zona Rural
2018	355	57
2019	318	45
2020	278	20
2021	297	23
2022	258	12
2023	264	13

Diante dessas circunstâncias tive que reorientar o Campo da pesquisa, pois, como nosso objetivo era entender a solidão que poderia causar adoecimentos, optamos por entender essa questão tão cara, ou até mesmo tensa a partir da colaboração de estudantes que estavam finalizando o Ensino fundamental até porque seriam estudantes que já poderiam ou não estar experienciando também a solidão, mediante o preterimento. Haja vista que na Escola Dinorah só havia (04) estudantes nos 8º e 9º anos e destas, apenas (02) eram negras, nosso objetivo poderia ficar comprometido, pois, não saberíamos se estas estudantes aceitariam serem nossas colaboradoras. Entendendo que os casos de automutilação mereciam uma atenção cuidadosa e que extrapolasse um muro e uma escola fomos em busca de mais estudantes para entender o que elas pensavam sobre isso.

Dessa forma, ao fazermos levantamentos nas escolas municipais do Ensino Fundamental encontramos (02) escolas com quantitativos expressivos de estudantes campesinas, o que nos levou a pesquisar as estudantes da Escola Monsenhor, inclusive, a escola em que esta que vos escreve cursou o Primário, da Alfabetização a 4ª Série. Memórias que guardo fresquinhas, nem sinal das minhas professoras, do pé de amêndoa, do gramado... são outros tempos, outro prédio, direção, etc. Quanto aos/as estudantes, parece que gerações se renovam e trazem para escola velhos problemas que explanaremos de forma breve, mas com intenção de continuidade. Veja abaixo quadros onde fizemos os levantamentos do quantitativo das estudantes do Campo que estudam na Sede.



Quadro 06 - Contingente do alunado

Diante desses levantamentos fizemos a pesquisa aplicando o questionário censitário com (25) estudantes, destas (19) caminham conosco, entre elas, (03) estudantes moram na Zona Urbana e (01) se autodeclarou branca.

Dialogamos com as ideias de Antônio Bispo Santos, ou Nêgo Bispo (2007) a partir do “pensamento plurista” para compreender melhor alguns questionamentos que se fizeram presentes no percurso dessa pesquisa. Entender como o processo monoteísta tem provocado apagamentos da diversidade, como o não pertencimento de território ou até mesmo de pensamento tem limitado a liberdade de criação e ressurreição de novas formas de viver consigo e com a natureza, como o preterimento negro tem provocado

ou não solidão nas estudantes campesinas que podem ou não ser determinantes para atentados físicos e psíquicos.

De antemão, salientamos nossa pretensão de não apenas ter colhido informações com as interlocutoras desse trabalho, mas sim, ter instaurado pilares reflexivos, objetivos acerca do fortalecimento do movimento feminista antirracista, interseccionado pelo sexo, idade, região e classe. Entendemos as contribuições das reflexões pautadas pela Escrivência, das narrativas (auto)biográficas como insurgências às formas de solidões, pelo respeito e visibilidade dos meios de subsistências perpetuados nas experiências de gerações, sobretudo do Campo, sendo este último, território fundamental de resistência e afetividade para continuidade humana.

8.1 Das experiências estudantis nas turmas de 8º e 9º ano: Análise dos questionários

O primeiro questionário foi estruturado de modo a apreender o endereço, autodeclaração de cor, etnia, gênero, idade, religião e organização familiar. Foi aplicado com 25 estudantes das turmas do 8º e 9º Ano. Algumas estudantes resolveram levar o questionário para responder em casa e pedir permissão para familiares, outras estudantes não os devolveram. Ao final, tive acesso a 19 questionários recebidos. O segundo questionário foi estruturado com (18) questões que se complementavam para que pudéssemos apreender, sobretudo, os sentimentos de pertença ao território onde moravam, as condições objetivas das alunas do Campo nas escolas urbanas, se já foram preferidas ou preteridas na escola e o que as faziam ou não sentirem solidão. Os nomes abaixo são fictícios acordados pelas colaboradoras.

QUADRO 07

NOME FICTÍCIO	COR/RAÇA	IDADE /ANO	ENDEREÇO	MORA COM:	DATA 2023
Lia	Preta/negra	13/8º	Feto	Mãe e irmão	30/05
Linda	Negra/negra	14/8º	Tabuleiro de Corta Mão	Mãe, tio e irmãos	30/05
Bela	Negra/preta	13/8º	Albertino Passo	Mãe e irmã	30/05
Nina	Parda/parda	14/8º	Katiara	Avô, pai e irmãos	30/05
Lara	Parda/parda	13/8º	Baitinga	Pai e mãe	30/05
Bell	Parda/parda	13/8º	Feto Beira Rio	Pai e mãe	30/05
Camila	Parda/parda	17/8º	Sete Voltas	Pais	30/05
Olga	/Negra	14/9º	Corta Mão	Pais	01/06
Mariele	Negra/negra	14/9º	Corta Mão	Mãe, pai e irmã	01/06
Conceição	Negra/negra	14/9º	Sete Voltas	Pais	01/06
Beatriz	Preta/negra	17/9º	Corta Mão	Mãe, pai e irmã	01/06
Dilma	Parda/negra	13/9º	Palmeira de Água Branca	Pais e irmãos	01/06
Sâmia	Acha-parda /parda	14/9º	Tabuleiro de Corta Mão	Avós	01/06
Suely	Parda /parda	14/9º	Tabuleiro Grande	Pais	01/06
Luiza	Parda /parda	15/9º	Alto Seco	Pais	01/06
Maria	Branca/branca	14/9º	Tabuleiro de Corta Mão	Pais e irmão	01/06
Neusa	Negra/negra	14/9º	Alto Seco	Pai e mãe	
Ângela	Parda /parda	14/9º	Mata das Covas	Mãe	
Ana	Negra/negra	17/9º	Sete Volta	Família	15/06

Caracterização das estudantes a partir do questionário censitário

8.1.1 Do endereço

Dos (19) questionários aplicados, (02) estudantes moram na Zona Urbana, (01) na Mata das Covas e demais moram no Distrito Corta-Mão ou nos seus arredores como: Tabuleiro, Tabuleiro de Corta-Mão, Feto, Alto Seco, Palmeiras, Beira do Rio, Tabuleiro de Corta-Mão, Sete Voltas. O Distrito de Corta-Mão é o maior entre os (03) Distritos do Município de Amargosa. Essas estudantes eram absorvidas, em sua maioria, na Escola Dinorah, situada numa rota mais próxima do Distrito, após essa escola ter adotado o regime integral de ensino, muitos/as estudantes optaram por escolas com regime de um (01) turno. Dessa forma, o público estudantil dessa redondeza foi absorvido pelas escolas Monsenhor e Almeida Sampaio. Veja ao lado mapas que mostram o Distrito de Corta-Mão e seu entorno, território de grande importância comercial e cultural para o município. Região onde reside a maioria das nossas colaboradoras.



Ao serem perguntadas se gostavam de morar na Zona Rural, apenas (01) colaboradora disse não gostar, pois “o local era distante e chato”, as demais, firmaram ser “bom, tranquilo para morar”. As respostas foram bem curtas, todas, sem exceção. As estudantes talvez não tenham compreendido ainda a importância do lugar onde vivem e sua relação com suas experiências para suas e nossas vidas, ou apenas não quiseram falar mais. Diante do comprometimento de um diálogo mais aprofundado verbalmente, a fim de compreendermos melhor como se dava o entendimento das nossas colaboradoras em relação à pertença do território. Elaboramos um formulário com algumas questões que facilitaria no desenvolvimento de reflexões mais aprofundadas a respeito da temática, e elas continuaram silenciosas. Compreendemos o silêncio das nossas colaboradoras, vivemos sufocadas pela política capitalista de negação da diversidade das formas mais simples e naturais de viver.

Entendemos a questão do pertencimento como fundamental para constituição de uma comunidade mais consolidada, mais politizada no sentido de divulgar a cultura do campo, conhecer seu potencial ou até mesmo, reivindicar melhorias sócio/culturais para as comunidades. Queríamos entender o processo de solidão que pode ou não afetar as vidas dessas estudantes, então, decidimos elaborar um segundo formulário eletrônico com alguns direcionamentos que ajudaria na escrita das narrativas, pois, também percebemos uma certa resistência das colaboradoras para com a escrita epistolar. Esse formulário consta no anexo (03).

8.1.2 Da família

Gostaríamos de saber sobre a composição familiar das nossas colaboradoras por entendermos que o seio familiar pode ser também, um ambiente que promove afeto, mas também, promove solidões. (14) estudantes moram com pai e mãe (02) com mãe e irmãos, (01) com avós e pai, (02) com pai e irmãos.

8.1.3 Da escola

Ao perguntar se gostaria de estudar na zona rural, se esta oferecesse ensino voltado para os Anos Finais do Ensino Fundamental, as colaboradoras foram enfáticas afirmando que não, com exceção de (02) que preferiam a calma do Campo e a comodidade em estarem próximas de casa. De acordo com o entendimento das demais, as condições objetivas da escola Monsenhor, eram boas, pois permitia a convivência

com mais pessoas, mais oportunidades e possibilidades para fazer novas amizades. As respostas das colaboradoras eram sempre curtas, com as expressões: Sim, Não, Mais ou menos ou Às vezes. Pude perceber que as estudantes apresentavam dificuldades em dissertar sobre as questões supracitadas, mas suas posturas, olhares, fugas ao banheiro diziam muito, as algazaras ou apreensões durante as exibições dos vídeos, a cabeça baixa, a lágrima no canto do olho denunciava solidões.

Uma sociedade que tenta neutralizar duramente os movimentos de insurgências, todas as formas de militância, invisibiliza as diversidades, de certo não é diferente para as pessoas que vivem do Campo e no campo, que tem suas formas de subsistência questionadas, que tende a viver com pouco ou quase nenhum fomento a cultura e economia, que por conta da sua regionalidade podem ser consideradas inferiores por morar na roça, certamente haverá questões para refletir e falar sobre isso, mas, muitas vezes são ditas apenas com seus corpos, com isolamentos, automutilações, solidões e até mesmo tentativas de suicídio. A educação precisa tomar para si a responsabilidade de lidar com as questões que oprimem nossas estudantes negras e camponesas.

Para Roseli S. Caldart (2012), o percurso que a educação fez até chegar o que temos hoje de Educação do Campo foi marcado por trajetórias de lutas e resistências protagonizadas, sobretudo, pelas pessoas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), seguidos de movimentos encampados por famílias agrícolas, indígenas, quilombolas, atingidos por barragens, dentre outros. Infelizmente, o currículo das escolas municipais não tem tido o cuidado merecido para com a escola e Educação do Campo, a exemplo disso é o fechamento massivo e progressivo dessas escolas no nosso Município. Além disso, pode-se contar nos dedos as escolas que estão voltadas ao cumprimento e implantação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (CNE/CEB, 2002).

Cada escola que se fecha no Campo é legitimada um movimento de apagamento da cultura estudantil e o comprometimento da memória de comunidades inteiras. A escola João Paulo, por exemplo, escola onde tive a experiência de lecionar por aproximadamente dois (02) anos, foi fechada, a escola era o ponto de referência de no mínimo três (03) comunidades, que reunia entre estudantes e familiares por parentescos, apadrinhamentos, vizinhança, era ponto de apoio em dias de muita chuva ou sol quente,

que aproximava e informava sobre as questões urbanas. Ao fechar uma escola urbana, junto com ela é aprisionada um patrimônio cultural, intelectual e inestimável.

Antônio Bispo Santos ou Nêgo Bispo (2015) apresenta em seu livro a narrativa de um yanomami, onde um jornalista lhe pergunta se ele acreditava que o mundo iria acabar, o “pindorâmico” lhe respondera que o mundo acaba sempre, gradativamente, por espécie, e que o último sobrevivente seria o homem branco, o maior destruidor e, conseqüentemente, responsável pela autodestruição (SANTOS, 2007). Há séculos os povos da floresta, das águas, do Campos, as mulheres pretas e indígenas e tantos outros grupos tem resistido, nos dando um fio de esperança para uma humanidade que respeita as diferenças. Num movimento ancestral confluyente, uma transferência cósmica de DNA, heranças conferidas pelas tradições e narrativas orais e pelos traços raciais, sobretudo, afrodescendente, pelas sobrevivências, escrevivências e memórias.

Dessa forma, entendemos a resposta do yanomami, citado por Nêgo Bispo (2015), que as coisas não surgem e nem desaparecem de formas estanques. Existe um processo que estrutura as relações que produzem o desenvolvimento objetivo, no caso das estudantes negras e camponesas, quase sempre, é um desenvolvimento que não supre minimamente suas necessidades e que não inclui suas diferenças, quase sempre é uma estrutura violenta que segrega, silencia e exclui, que fecha as escolas do Campo. Estas violências nos obrigam a nos valermos da nossa humanidade para resistir com sabedoria, perspicácia, empatia, e lutar pela educação de qualidade e justa que enfrenta e/ou subverte as formas de violência. As colaboradoras afirmam, que mesmo diante do mundo tecnológico que estamos vivendo, mesmo com as experiências do traslado entre as suas comunidades e vindas para as escolas da sede, ainda assim, estudar e morar no Campo seria uma preferência.

8.1.4 Da solidão: Sentir ou não solidão

No segundo questionário estruturamos questões abertas para conhecermos melhor nossas colaboradoras a partir dos seus sentimentos interpessoais. A questão principal era: “Você se sente desejada?” e “Você sente solidão na escola?” Algumas colaboradoras levaram o questionário para responder em casa, outras responderam de imediato, (02) negaram-se a participar da pesquisa. Recebemos (16) questionários devidamente respondidos. Ao perguntarmos *Você se sente desejada na escola ou em outros espaços?* (08) estudantes afirmaram não se sentirem desejadas, a resposta curta e

objetiva com um “não”, “ninguém gosta de mim”, “me veem como amiga” afirmaram, sem mais justificativas. As demais responderam apenas com um “sim”.

A segunda questão: *Você já sentiu solidão na escola?* As respostas vieram em consonância como a primeira, quem afirmou não sentir-se desejada também afirmou sentir solidão, quem se sentia desejada, disseram ser felizes e não sentirem solidão. Percebemos que a maioria das colaboradoras relacionava a solidão à ausência de pessoas em um dado momento. Por exemplo: “sim, todos saíam e eu ficava sozinha na sala”, “quando minha amiga não vem”, algumas respostas foram com um “sim ou um não”.

As colaboradoras falaram da solidão, mesmo quando na ausência de respostas mais elaboradas ou posicionamentos verbais, falaram com os corpos retintos durante as exposições audiovisuais, quando duas ou três amontoadas em uma mesma cadeira, apoiava pescoços em ombros, olhinhos vidrados e lacrimejados, quando àquela ficou em evidência, a qual chamamos de Dilma, sendo entreolhada pelas demais no vídeo “Tenho Pressa” de Ana Paula Xongani por ser a mais retinta. As afirmações curtas podem ser entendidas como fugas ou dificuldade, é difícil falar sobre nossas dores. Presumimos que essas estudantes que responderam apenas com um “sim” estiveram silenciadas pelas estruturas de uma sociedade altamente sexista e racista.

A partir das perguntas supracitadas, (04) colaboradoras que afirmaram sentir solidão, são negras, camponesas e se dispuseram a escrever suas narrativas em cartas. Para isso daremos nomes fictícios a estas. São elas:

QUADRO 08

As colaboradoras da pesquisa

Colaboradoras			
NOME/SÉRIE	IDADE	ENDEREÇO	FAMÍLIA
Dilma/9º ano	13	Palmeira	Mãe, pai, irmãos
Ana/9º ano	17	Sete Voltas	Família
Bel/8º ano	13	Feto Beira Rio	Mãe e pai
Lia/8º ano	13	Feto	Mãe e irmão

Percebemos que as estudantes expressavam-se um pouco mais quando havia um direcionamento escrito, dessa forma, elaboramos alguns tópicos em formulários virtuais e presenciais. Como a dinâmica da ciranda era construir entendimentos sobre o racismo e sexismo, a partir de vídeos e, como não utilizamos da entrevista, sentimos a necessidade em elaborarmos formulários adicionais na tentativa de distendermos mais o tempo pesquisa, os questionários formulários compuseram uma extensão das cirandas onde as colaboradoras entregavam mais narrativas (auto)biográficas, também pujantes.

Tomarei como ponto de partida ou de chegada trechos das cartas que narram um pouco da trajetória de *solidão* vivida por minha mãe e minha filha, que pode ser muito comum às tantas outras estudantes que são forçadas a viver no lugar do “outro”. Um doloroso papel de invisibilidade empregado duramente pelo racismo, processo velado e sutil que pode delinear a *solidão*. Ao relatar as invasões fóbicas que sua colaboradora Alícia é submetida através da sua amiga branca, Grada Kilomba (2019) faz um debate que deve ser constantemente atualizado. Segundo a autora, pessoas brancas costumam invadir a vida de pessoas negras dizendo que “você não é negra”, essa atitude coloca a pessoa negra no lugar de não existir ou existir apenas num dado contexto (KILOMBA, 2019, p.145-166).

Creio que, por diversas vezes, invisibilizamos a *solidão* da minha mãe, anulamos a negritude da minha filha, assim como das estudantes do Campo que são colaboradoras deste trabalho, talvez porque ainda não tínhamos construído um letramento racial que pudesse consolidar uma identidade política de enfrentamento. Infelizmente vivemos fragilizadas e invadidas pelo racismo estrutural que banaliza o sofrimento, minimiza as *solidões* e mata nós mulheres. Pesquisar um tema tão caro como a *solidão*, para nós mulheres que lutamos diariamente contra as mais perversas formas de opressão e com a afetividade dilacerada pelo racismo e sexismo, leva-nos a pensar em como contribuir para a produção literária a partir da compreensão das fraturas e possibilidades de insurgências à *solidão*; como fomentar as leituras e reflexões acerca da criação e/ou manifestações feministas pautada pela luta dos movimentos e empoderamento de estudantes negras, campesinas.

Assim, poderíamos nos percebermos a partir das nossas trajetórias e narrativas, como sujeitos em potencial de enfrentamento ao mito da democracia racial por exemplo. Lançamos mão de uma referência que consideramos importantíssima para a

compreensão do conceito de solidão. Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) fez uma pesquisa sobre a solidão de mulheres negras na capital baiana. A autora, também negra, finaliza seu livro [...] quem sabe talvez, “solitária” (PACHECO, 2013, p. 362).

Ao adentrarmos a temática *A Escolha de um “objeto” afetivo: As Mulheres negras solitárias* de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), a autora menciona uma reportagem da revista *Veja* sobre as *Capitais da Solidão*, que destacou algumas cidades baianas liderando o ranque de mulheres que se enquadravam no critério da solidão. Entretanto, a revista não mencionou raça ou classe, mas na capa, logo abaixo, aparece uma baiana negra, solitária. Segundo a autora, ocultar a raça é uma política estrutural de conformidade para que os órgãos mantenedores do estado se isentem de pensar ou

teiras, separadas e viúvas costumam ser, em relação à média das brasileiras, as que têm mais empregos, melhores salários e um nível de escolaridade maior (veja quadro na pág. 127).

A exigência feminina, afirmam especialistas, aumenta na mesma proporção em que cresce a autonomia das mulheres. O princípio se aplica tanto às que estão em busca de um parceiro quanto às que optaram pela separação. “Entre as mulheres de classes mais altas, com bom nível educacional e carreira bem estruturada, as possibilidades de encerrar uma união que consideram insatisfatória são maiores”, observa a socióloga Célia Belém, que estuda o assunto há duas décadas. Pesquisa da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, feita com 800 mulheres sozinhas no ano passado, mostrou que, embora a quase totalidade das entrevistadas tenha declarado estar em busca de um companheiro, apenas 20% admitiram a ideia de casar-se com um homem que não julgassem “plenamente satisfatório”.

Salvador: na capital da Bahia, mais de 50% das mulheres vivem só

A solidão da baiana

Entre os dez municípios brasileiros com a maior taxa de mulheres sozinhas, oito estão na Bahia

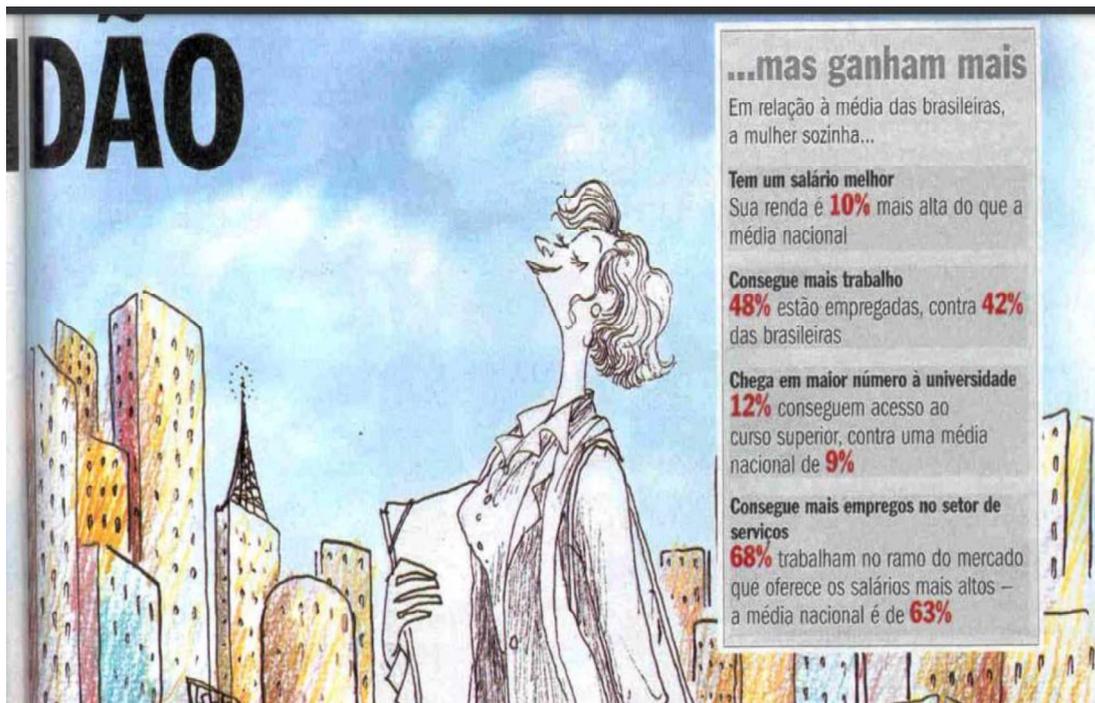
Município	Estado	Porcentual de mulheres sozinhas
1 Jussiape	BA	55%
2 Teodoro Sampaio	BA	54%
3 Anguera	BA	51%
4 Salvador	BA	51%
5 Recife	PE	51%
6 Conceição da Feira	BA	50%
7 Cachoeira da Prata	MG	50%
8 Terra Nova	BA	50%
9 Santo Amaro	BA	49%
10 Lamarão	BA	49%

Fonte: Fundação Getúlio Vargas

tor que contribui para as altas taxas de solidão feminina na Bahia. Entre os oito municípios do estado com as maiores taxas de mulheres sozinhas, sete estão no interior. São cidades pobres, que apresentam elevado índice de evasão populacional, notadamente masculina. Tradicional-

(VEJA. 27 de abril. 2005 p. -128)

atender reivindicações de políticas que atendam às necessidades, sobretudo, específicas de uma parcela da população historicamente preterida. A sociedade brasileira paira sobre um ideal que hegemoniza as diferenças e negligencia a raça e as condições objetivas que colocam a mulher negra no lugar de preterimento, da exploração, da solidão, fora do “mercado afetivo” (PACHECO, 2023, p. 24).



(VEJA, 27 de abril, 2005 p.127-128)

De acordo com Pacheco, o movimento “black feminism” da década de 1980 foi um diferencial para que o feminismo negro começasse a formular teorias (Standpoint theory) sobre as especificidades das mulheres negras. A autora faz uma grande explanação sobre as adjetivações atribuídas às mulheres negras, dialogando com Gonzalez e outras autoras para falar da condição da mulher negra e mestiça colocada no cenário da doméstica ou da erotização, e no lugar da solidão com mais possibilidades de viver no celibato. E afirma que é sobre o ato de amar e ser amada que se alojam as hierarquias sociais e as representações sobre o corpo da mulher negra/mestiça estabelecendo suas escolhas e afetividade (PACHECO, 2023).

Pacheco dialoga com diversos autores que se debruçaram a escrever sobre a solidão das mulheres, entre eles, Michel Bazon, que discorre sobre a revolução sexual ocorrida na Europa e Norte-américa nas décadas de 1960 e 1970, conferindo emancipação às mulheres que reivindicavam, inclusive o direito ao celibato, e liberdade sexual, questionando a institucionalização do casamento. Já Jeanne Cressanges, com dados sobre as solteirices e intelecto de mulheres francesas nos anos de 1991 e 1992, relata ter cerca de 5 milhões de solteiras entre 40 e 50 anos, que desempenhavam papéis entre artistas e profissionais liberais, enquanto os homens, eram agricultores ou operários. Nessa última referência, de acordo com Pacheco, o desnível sócio intelectual pode ter contribuído para a solidão das francesas, característica da individualidade do

mundo moderno, levando à secundarização da afetividade em detrimento da relação profissional, estatística que também aparece na reportagem da revista VEJA (PACHECO, 2013. p. 35-36).

A pesquisa de Pacheco (2013, p. 40), a qual originou o livro supracitado, entrevista 25 mulheres negras e solteiras da cidade de Salvador, BA. Foram divididas em (02) grupos: ativistas e não ativistas que ocupavam os diversos campos profissionais, a fim de entender o que essas mulheres pensavam da solidão. Dentre as entrevistadas, Clementina, uma ativista do movimento negro e do sindicato das domésticas, remeteu-me as vivências da minha mãe. Clementina nasceu na roça, perdeu seu pai com 7 anos de idade e sua mãe ficara perturbada psicologicamente. Ainda na sua infância teve que realizar atividades na lida da roça, como se fosse uma adulta. Educada severamente por sua tia, sentia-se reprimida. Migrou para a Capital para trabalhar como empregada doméstica.

8.2 Solidões e afetos em cartas: a indumentária das estudantes negras campesinas

As discussões de Pacheco nos fazem refletir como a racialização e o sexismo interferem nas relações afetivas. Introduzimos suas reflexões para compreendermos outros tipos de solidões que despontam nas cartas das estudantes pesquisadas neste trabalho. Como nossas colaboradoras tem entre 13 e 17 anos, evitamos o recorte da solidão pela ausência de um parceiro (o) amoroso (a), pois, suponhamos que elas ainda não tenham consolidado experiências amorosas. A questão posta nos questionários, que mais se aproximavam do afeto entre casal era:

“Você já se relacionou ou relaciona amorosamente com alguém na sua escola? oito colaboradoras afirmaram que *sim* e oito que não. Ao perguntar: “Você se sente desejada” duas disseram que não sabem e uma delas disse: “isso não faz sentido”. Cinco colaboradoras afirmaram que *sim*, oito estudantes afirmaram que *não*. Um fato nos chamou a atenção, três colaboradoras que nunca se relacionaram com alguém da escola, porém sentem-se desejadas são de Religião protestante (evangélica). O que suponhamos que ou as colaboradoras interpretaram a pergunta como um desejo divino, ou, a religião lhes conferiram uma conformidade positiva da autoestima.

A terceira pergunta: Você já sentiu solidão na escola? Justifique: “Sim, por conta que todo mundo saía da sala e eu ficava só”, “Sim, prefiro não comentar”; “sim, vários

pensamentos tristes”; sim, quando àquela pessoa que conversamos não vem para escola, o dia fica chato”; “acho que sim”; sim, no ano passado eu era excluída todos os dias”; “sim, as vezes me sinto sozinha”.

Em uma das dinâmicas empregadas durante as cirandas foi solicitado que as colaboradoras escrevessem uma carta para o “**Eu criança**”, (01) colaboradora escreveu:

Oi pequena, se você não sabe quem sou eu, eu sou você do futuro mais velha, atualmente com 13 anos. Não, não vai ser possível contar tudo aqui, mas quero dizer algumas coisas importantes. Atualmente, o mundo se tornou mais tecnológico em um ponto de vista é bom, mas no outro nem tanto, as pessoas se tornaram egoístas, desprezíveis, cuidado, para que não se apegue muito não, não será fácil, mas coragem pequena. Olha você vai se auto julgar por ser gorda, vai se achar feia, até os dias de hoje faço isso infelizmente. Uma última coisa, ao completar 12 anos, depois desse ano, em 2022, você conhecerá três garotos que você acha que vai gostar, não acredite nenhum deles sabe que isso aí é mal e você (DILMA, 2023).

Dilma era uma das colaboradoras mais retintas, foi ela também que ficou em evidência durante uma Ciranda, após a exibição de um vídeo que falava do racismo contra criança. Todas a olhavam, esperando o que realmente aconteceu. Dilma ficou cabisbaixa com os olhos flamejantes, quando não pudemos por um momento encontrar a cor preta dos seus olhos. Naquele momento ela era uma das personagens dos contos de Conceição Evaristo. Refletimos sobre o vídeo, poucas palavras interrompidas pelo sinal que anunciava o fim da Ciranda, saíam desesperadamente sem qualquer combinado ou despedidas. Fiquei por um momento a imaginar as solidões que atravessavam àquelas jovens adolescentes, pensei novamente na minha filha, na minha mãe e nas tantas meninas que se automutilavam. A carta de Dilma foi a primeira a ser recebida. Pelo whatsapp pedi que ela me falasse um pouco mais dos desencontros, mas não obtive resposta.

Sua carta curta nos fala muito, no questionário Dilma dizia não se sentir desejada, pois todos a viam como uma amiga, também nunca havia se relacionado amorosamente com alguém da escola. Ela confessou vários tipos de solidões, que revisitam os signos que regulam o afeto na nossa sociedade. O padrão de beleza hegemônico, a gordofobia, o racismo, sua regionalidade e sexo tem lhe colocado num

lugar muito árido, ainda tão jovem, carregando marcas dolorosas que regulam seu corpo e seu afeto. As experiências de Dilma carregam muitas semelhanças com as narrativas de Clementina, segundo Pacheco (2013), se inscrevem na encruzilhada entre raça, classe, gênero, sexo, idade e educação. A afetividade e a solidão de Clementina estão reguladas por essas intersecções: por ela ser negra, doméstica, gorda, desapossada da casa própria, questionadora do machismo e do sexo sem segurança, marcadores que podem estruturar o celibato (PACHECO, 2013, p. 101-115).

Diante das discussões apresentadas por Pacheco, com relação à entrevista de Clementina, podemos entender que a regulação do seu corpo passa por diferentes inscrições, primeiro, uma mulher reprimida, que não sentava-se no bar, nem ia à praia por conta de dogmas e parâmetros que a colocava no não lugar, depois uma mulher politicamente engajada com os movimentos sociais, uma mulher que transgrediu os padrões antes impostos ao seu corpo. Priorizou seus estudos à um relacionamento abusivo, questionou o relacionamento sem cuidado e sem segurança e reconhecia um relacionamento tóxico.

A partir da leitura sobre Clementina e discussões anteriores da autora sobre referências que tem discutido a solidão, entendemos que diversos fatores podem contribuir para solidão e/ou celibato, entretanto, quando conhecemos os relatos dessas mulheres, percebemos que ficar solitária não é uma escolha simplesmente, é uma decisão construída a partir de vários mecanismos de opressão que não são mais toleráveis tão facilmente (PACHECO, 2013, p. 101-115).

Foi a partir desse entendimento e dos muitos outros já citados acima que, ao ter uma conversa com a psicóloga a respeito das estudantes que se auto mutilavam e cujas características fenotípicas as colocavam no lugar de negras, sendo a maioria campesina; ao resgatar vivências da minha família como a minha mãe e minha filha; ao lembrar dos inúmeros episódios que colocava minha filha em condições subalternas, principalmente por conta da sua negritude, que despertei-me sensível, interseccionada pelas discussões acerca da raça, do gênero e da classe e, como mestranda, decidi contribuir com a literatura e formação interpessoal a respeito das solidões que atravessam especialmente, estudantes negras campesinas.

Sofremos violentos ataques vindos das Fake News, veículos de informações de massa, do desmonte e/ou ausência das políticas públicas, ações legitimadas amplamente

pelo bolsonarismo, convalidado pelo Ex Presidente da República Jair Bolsonaro, sobretudo nos anos de 2019 a 2022. Estes ataques, principalmente, de cunho misóginos e racistas, nos adoeceram, acredito que de forma mais acelerada. Pudemos notar como culturas, comunidades e grupos sociais como a cultura negra, feminina, nordestina, baiana e campesina puderam estar ainda mais em evidências no que diz respeito à ausência de direitos e ataques violentos à diferença.

Em um trecho da sua carta Lía escreveu:

O QUE EU VEJO ATRAVÉS DA MINHA JANELA?

Espero que você/eu tenha parado com essas manias de viver para os outros, e percebido que tudo passa e que não adianta se desesperar.

E aí, como você está?

Tem os mesmos traumas?

Já se assumiu bi?

Seu ciclo de amizade continua?

E aí, os gatilhos foram embora?

Militar...



MILITAR

Lia

Amargosa, BA. 311/07/2023

Lia denuncia seus medos e inseguranças com muita coragem, essa colaboradora, embora muito jovem ainda, demonstrou nas suas respostas às perguntas anteriores assim como suas participações durante as cirandas ser uma estudante mais crítica e que já está se posicionando num lugar de reivindicações e afirmação do seu eu. Talvez ainda não reconheça o racismo e sexismo na sua existência, nas suas falas afirma não sentir solidão e ter muitos amigos, se declara feliz, se reconhece preta, mesmo não sendo tão retinta e esse reconhecimento é muito importante na construção de uma identidade negra mais fortalecida. Lia nos dar esperança de que a juventude pode atentar-se para as formas de opressão subvertendo-a e ocupando um lugar menos solitário.

Ao analisar outra carta, da colaboradora Ana pudemos perceber um pouco da sua projeção para o futuro e assim enfrentar as diversas violências que, aparentemente, atravessam sua existência. Jovem negra retinta, campesina, com uma estatura corpórea

bem abaixo da média para sua faixa etária, com bastante dificuldade na escrita e com distorção idade série. Ana interagiu muito com os vídeos e disse ser compositora. Infelizmente, não nos mostrou suas composições. Em uma das suas falas Ana afirmou já ter tentado suicídio e “querer morrer”. Foi muito difícil analisar as narrativas dessa autora. Fiquei sem saber o que fazer diante de confissões tão sérias e dolorosas. Ana demonstrou experimentar todas as formas de opressões.

Veja um trecho da sua carta:

Vida difícil

Para eu minha vida não tá fácil no mundo, mais eu vou superar a vida [...]para eu poder ajudar minha família lá no futuro pra elas não passar fome [...] (sou) a mais certa (quieta) da sala ei (em) 2024 eu vou pra o primeiro ano peço (penso) ei (em) cocui (concluir) tchau bjs (beijos) obrigada professora.

Ana

Amargosa, 21/09/2021

Ao ser perguntada se sentia-se desejada? Ana respondeu: “não, ninguém gosta de mim”. As contribuições importantíssimas de Lélia Gonzalez (2020), a partir do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” sobre o que ela chama de “neurose cultural”, nos leva a compreender como esse processo define fortemente o racismo estrutural. A “neurose cultural” define a cultura brasileira, sustentada por pilares que fortalecem as investidas e reinvenções das formas de racialização, especialmente quando se trata da mulher negra (GONZALEZ, 2020, p. 88-84). O preterimento da mulher negra e o celibato, segundo o feminismo negro, também podem ser vistos como questões socioculturais do racismo estrutural.

De acordo com a autora, o racismo no Brasil constrói os classificadores coloniais sobre a mulher negra como mulata, doméstica, mucama e mãe preta e, se reinventa, pois a doméstica dos dias atuais muito se assemelha com a mucama, mãe preta do período escravocrata. As mulatas, que tem seus dias de glória nos extraordinários desfiles das escolas de sambas, são facilmente invisibilizadas nas suas atividades cotidianas, após o período carnavalesco, ou seja, a mulher negra é amplamente desejada e extremamente necessária para abrilhantar os desfiles carnavalescos, “não existe o espetáculo do carnaval sem a mulher preta”, no entanto, essas mulheres tem seus dias de glória contados logo, suas famas são apagadas e silenciadas (GONZALEZ, 2020. p. 88-93).

No período escravocrata, a negra desempenhava papel amoroso fundamental para aristocracia, mas, no entanto, não poderia servir para esposa e, nas muitas vezes que isso acontecia, esse enlace era apagado, silenciado e escondido. No meu entendimento, a neurose social está intrinsecamente ligada ao racismo estrutural e ao mito da democracia racial, marcado pela consciência e memória e pela relação patriarcal que legitima a estrutura social e política, que coíbe a declaração amorosa do homem branco para a mulher negra. Trata-se de uma sociedade que nega o que está às suas vistas, mas que nem sempre é possível ser negado, em virtude do ato falho que as memórias podem fazer vir à tona (GONZALEZ, 2020).

O homem sempre foi a figura de poder, logo, o mesmo homem que desejava sua mucama, sua ama de leite, era o homem que vendia seus filhos, que torturava e estuprava as mulheres pretas. O desejo pela mulher negra sempre foi interdito pela sociedade racista. Em lugar disso, a dominação masculina construiu a violência sobre esse corpo, à luz da psicanálise, diz que o desejo do homem branco é pela negra que o cuidou, que, de fato, era sua mãe e/ou a primeira mulher com a qual a criança tinha contato na época colonial, um desejo sucumbido pelo racismo. Ao casar com uma mulher branca, o homem branco nega toda sua experiência com a formação do desejo. Lélia narra um episódio sobre o homem branco que ao casar-se com sua esposa branca, durante as núpcias ele precisava acionar mecanismos, pertences da escravizada para sentir o cheiro das suas partes íntimas e assim conseguir confirmar sua virilidade nas núpcias com a branca (GONZALEZ, 2020).

O racismo na dinâmica das relações é estrutural e cultural, mulheres pretas fazem sucessivos relatos nos veículos de comunicação, sobretudo cibernéticos, de que não foram escolhidas para casar ou namorar, que não puderam escolher seus pares amorosos, que muitas vezes as condicionam ao celibato. Esses relatos e vivências nos provocam a buscarmos alternativas para subverter os pilares do mito da democracia racial sustentado até hoje no Brasil, e pensar estratégias que possam colocar o desejo pela mulher negra fora dos marcadores violentos da opressão racista, sexista e misógino. *A consciência e a memória* tem papéis importantíssimos para perpetuação do racismo no Brasil ou subversão dele (GONZALEZ, 2020, p. 78).

A consciência, pelo seu caráter elaborado e racionalizado, pode ser o lugar do apagamento, encobrimento dessas questões, mas a memória é mecanismo de subversão

às opressões, é território que rememora vivências e experiências de lutas antepassadas e/ou contemporâneas de sobrevivências e insurgências às estruturas de dominação. A memória será também nosso lugar de ciência para a construção das narrativas, das vivências, “O lixo vai falar” (Gonzalez, 2020).

Nossa sociedade vem sendo desmascarada pelos movimentos antirracista e feminista por ser vestida de todas as formas de opressões veladas ou não, e inclusive legitimada pela política da extrema direita representada e divulgada amplamente pelo ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro, liderando uma legião de adeptos aos seus princípios que negam toda e qualquer luta a favor de grupos que tem dificuldades em acessar direitos, como por exemplo as comunidades indígenas, feministas, o movimento negro, LGBTQIA+, sem-terra, etc., espalhando e consolidando formas violentas, excludentes, misóginas, homofóbicas e racistas, sobretudo, com as mulheres, além do desmantelo das universidades públicas, da negação da ciência, da ingerência total das políticas sociais.

Lançamos mão dos contos escritos da nossa grande e renomada escritora contemporânea Conceição Evaristo (2015), em *Olhos D'Água*, para entendermos melhor outras narrativas das nossas colaboradoras. Os contos onde personagens femininas vivenciam a política da desigualdade contemporânea que lhes arrancam suas dignidades, sonhos, esperanças, brinquedos, amores, casas, filhos, “a cor dos olhos”, provocando um lacrimejar incessante em nossas vidas. Em nossas escrevivências, os contos desvelam formas de solidões que nos fazem rememorar nossas histórias, das nossas ancestrais e compreender as solidões das nossas colaboradoras, como é o caso de Ana, mesmo quando estas não foram inventariadas em escrituras. Veremos a seguir trechos da carta da colaboradora Bell:

Uma carta à minha avó

Vó eu sei que por um tempo a senhora teve preconceito comigo [...] você me tratou com desprezo e com preconceito por cor porque minha prima era mais clara [...] agora você diz que me ama, que gosta de mim, mas o trauma que eu tenho [...] só Deus sabe as vezes que eu choro ao lembrar só eu sei as vezes que eu tento me matar quando brigam comigo.

Bell

Amargosa, BA. 03/10/2023

A fala da Bell me reportou a algumas experiências, como ter uma filha preta e outra bem menos retinta. O amor nunca faltou, assim como provavelmente aconteceu com Bell, ela amava a avó e sentia esse amor retribuído. Mesmo Bell se autodeclarando parda, bem menos retinta que minha Gabrielle, ela sofre com o preconceito. É necessário que pensemos nas insurgências para subverter os territórios que oprimem, que estereotipam, que segregam.

A minha pequena Gabrille foi crescendo numa sociedade tóxica. De muitas “invasões fóbicas” por diversas vezes, “retrocedi”! Ela estava tão encaixada no poema de Victoria Santa Cruz, musicalizado por Nina Simone, intitulado “*Gritaram-me negra*”. E gritaram diversas vezes, mas não soube ensiná-la a reagir, a identificar-se como negra, fui omissa e silenciosa, ensinei ser “obediente”. Elogios do tipo: *que morena bonita!* Era muito comum e acalentador. Eu ainda não tinha suporte teórico/reflexivo sobre a política preconceituosa e velada nas falas que soavam “menos agressivas”. O termo “morena” sempre foi utilizado por mim, como se fosse uma tentativa de deixá-la menos preta. Hoje entendo que a negação ou omissão do auto reconhecimento como preta só fortalece o opressor, o racista.

Grada Kilomba (2019) discute a epistemologia da palavra negra, a qual consideramos importante trazê-la nesse texto, pois, nossa escrita se estrutura na perspectiva de letramento, conhecer, entender para enfrentar. *Negerin* foi designada para dizer “negra linda”, mas a palavra romantizada não anula o tom de racismo, pois a palavra *Neger* é um conceito que demarca “(...) uma experiência coletiva de opressão racial, brutalidade e dor”, e complementa:

Nesse sentido, quando a palavra N. é proferida, a pessoa que o faz não se refere só entre à cor da pele *negra*, mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade – animalidade – ignorância – preguiça – sujeira – caos, etc. essa cadeia de equivalências define o racismo. Nós nos tornamos a corporificação de cada um desses termos, não porque eles estão inscritos fisicamente na superfície de nossas peles e não porque eles são reais, mas por causa do racismo (KILOMBA, 2019. p.156).

A palavra negra aqui no Brasil não tem a mesma conotação pejorativa que a palavra em inglês *Neger*, e durante as investidas de uma autoimagem positiva trocamos o negro pelo *moreno* parece menos pior e se assemelha à palavra alemã *Mischling*. De acordo com Grada Kilomba, tanto *neger* quanto *mischling* são classificações coloniais que colocam o negro na condição de subalternidade, de mestiço, híbrido de sujeito

estranho. A estrutura do racismo é tão bem paramentada que fica difícil entender que o processo de discriminação é pervertido e bagunça de tal maneira a ordem da tolerância, do respeito e do direito de existir em suas especificidades (KILOMBA, 2011, p. 148).

“Bom, para mim você não é negra” – Fobia racial e recompensa. Grada Kilomba narra um episódio de racismo, onde uma jovem negra, Alicia, amiga de uma mulher branca, que tem sua identidade negra negada pelas invasões fóbicas, o que, segundo a autora, é muito comum neste tipo de relacionamento, uma vez, que não se pode negar a convivência e a amizade. Sua amiga branca simplesmente nega a negritude da amiga, e que, diante desse ocorrido a pessoa branca entende que está agradando a outra pessoa romantizando um termo *“bom para mim você não é negra”* (KILOMBA, 2011, p. 145-147). Assim como Kilomba, Schuman (2018), explica essa dinâmica muito bem, segundo ela, a pessoa racista que tem afeto por pessoa negra, no caso da sua pesquisa são familiares, pai, mãe, filhos e filhas, desloca essa pessoa do grupo racializado, a coloca no lugar do amor, afeto e continua sendo racista, e não abre mão dos seus privilégios de branco, tampouco, interessa-se em mudar a estrutura racista.

8.2.1 A solidão que destrói o amor e o direito de amar

Ao serem questionadas a respeito das reflexões durante as Cirandas, como por exemplo: O que te fez recordar diante das narrativas tratadas durante as cirandas? O que a faz se sentir solitária? Obtivemos:

“Me faz lembrar a minha infância e eu aprendi que o que o meus pais sentiam é o que eu estou sentindo agora. Muitas vezes eu tentei me matar por causa da raiva e da ansiedade [...] me sinto solitária quando chego em casa, na escola me sinto bem [...] o apoio que tenho na escola não tenho em casa”, (NINA, 2023).

“Ter sofrido Bullying”, (OLGA, 2023).

“Às vezes, mesmo com meus amigos me sinto sozinha. Tinha vez que minha irmã falava que meus pais brigavam por causa de dinheiro e que a culpa era minha por ter nascido, isso já fez eu pensar em fugir de casa”, (BELA, 2023).

“Me lembrar do meu passado que era muito triste, mas não me sinto confortável em falar. [...]quando sinto ansiedade, bate um desespero, muitas coisas que eu não consigo falar”, (MARIELLE, 2023).

“Me faz lembrar sobre o meu passado, por ter passado por tanta coisa, ter sido humilhada pela minha avó por causa da minha

cor. Me machucou muito e hoje ela tem mais carinho comigo e por isso eu me corto, me machuco, sinto muita solidão”, (BELL, 2023).

“Me lembro de coisas que aconteceram próxima a mim e não pude fazer nada. Sinto solidão quando estou só ou quando eu sinto um vazio dentro de mim”, (LIA, 2023).

Ao serem questionadas: *Você sente que está vivendo de acordo com o que acredita? Justifique:*

“Não, creio que tudo vai ficar bem, mas no momento não está”, (MARIA, 2023).

“Não, porque sou humilhada demais na minha casa”, (ANA, 2023).

“Mais ou menos, eu gostaria de viver outras coisas”, (DILMA, 2023).

“Não, pois quando criança achamos que a vida é mais fácil e quando crescemos se torna diferente”, SÔNIA (2023).

Diante do exposto reflexões de Bell Hooks (2010), onde ela brilhantemente dedicou-se a escrever sobre o amor, os sentimentos pessoais e internalizados. Para a autora, o ato de amar é uma intenção e uma ação onde se une sentimentos, e amar nunca foi fácil para as mulheres negras. A herança escravocrata ressignificou a forma dos negros amar. Sentimento inconcebível para um período onde as mulheres negras viam seus filhos e seus parceiros sendo espancados, vendidos, mortos, sem espaço para sentir a dor do amor perdido. No pós-abolição gerações negras experimentaram a ira do patriarcado, uma vez que muitos homens espancavam suas mulheres e filhos e exigiam postura rígida perante a dor, onde era quase proibido reclamar ou chorar. Dessa forma, num cenário desse que espaço teria para o amor? Esse sentimento híbrido de afago, carinho, doçura, acalento, cumplicidade, doação, (BELL HOOKS, 2010).

O amor carregado de sentimento foi encapsulado e não endereçado à maioria das nossas ancestrais afro-brasileiras. Nós, negros e negras sempre tivemos preocupações mais urgentes como moradia, comida e saúde. Amar e o cuidado com o sentimento interior eram sempre adiados, adormecidos, unilaterais, solitários Bell Hooks, (2010). Desvelar tal sentimento pode nos deixar vulneráveis, descobertas, suscetíveis a outros sofrimentos. Quando nossas colaboradoras afirmam ao serem questionadas: *Você sente que está vivendo de acordo com o que acredita? Justifique:*

“Não, creio que tudo vai ficar bem, mas no momento não está” (MARIA, 2023).

“Não, porque sou humilhada demais na minha casa”, (ANA, 2023).

“Mais ou menos, eu gostaria de viver outras coisas” (DILMA, 2023).

“Não, pois quando criança achamos que a vida é mais fácil e quando crescemos se torna diferente” (SÔNIA, 2023).

Essa pergunta poderia ter sido feita da seguinte maneira: Você acredita que é amada como deveria? E talvez obtivéssemos respostas parecidas. De acordo com Bell Hooks foram criadas barreiras para conter certas emoções. O amor era tido como um luxo experimentado no plano religioso ou do romance, o ato de amar era exercido pelos nossos mais velhos, padrinhos e madrinhas e afirma:

A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver (BELL HOOKS, 2010).

Precisamos ir além da sobrevivência, viver plenamente e para que isso aconteça a sociedade precisa criar condições para que as mulheres negras experimentem o amor. É preciso que nós mulheres negras creditemos valor em nossas necessidades emocionais tanto quanto empenho para confrontar o racismo. Bell Hooks (2010), cita um episódio do livro, *O Hábito da Sobrevivência: Estratégias de Vida das Mulheres Negras*, vivido por Keshno Scott. Esta menina sofreu um ataque racista e não teve o colo da sua mãe. Bell diz que se sua mãe estivesse demonstrado empatia naquele momento estaria assumindo que se identificava com a dor da sua filha e sentiria pena de si, se descobriria da indumentária cimentada, onde sua emoção enclausurada a deixaria desnuda e frágil para enfrentar uma sociedade perversa estruturada para legitimar o sofrimento e o sentimento reprimido da pessoa negra (BELL HOOKS, 2010). E a autora ainda afirma:

“A arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar”

“A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior”.

“A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas” (BELL HOOKS, 2010).

Bell Hooks (2010), ao citar um poema escrito em 1968 explica como a inferioridade internalizada na mulher negra é um processo de autodestruição da condição de amar e sentir-se amada. Segundo a autora o amar significa uma ação que

eleva nossa espiritualidade, onde passamos a entender e reivindicar melhores condições para nossas necessidades materiais e emocionais.

9- À GUIA DE CONCLUSÃO

Carta às mulheres que não receberam ou deram o amor que merecem

Queridas, vocês estão em lugares diversos. A negritude meteu o pé na porta e mesmo diante de tantas dificuldades vamos adrentando espaços, sobretudo na vida educacional e profissional. Diante de tudo que já foi dito sobre as vivências de estudantes negras camponesas, das minhas experiências e sobre a intenção de concluir esse trabalho, posso afirmar sem sombra de dúvidas que sou uma mulher antirracista, feminista interseccional e solitária, talvez por escolha e/ou por falta da mesma. Embora, seja uma negra de pele menos retinta jamais colocarei em questão minha negritude, pois, é nesse lugar que me encontro, me realizo e me construo como pesquisadora.

Minha convivência no mundo acadêmico fundamentou ainda mais meus objetivos para com a luta antirracista. Através das cartas, pude conhecer e recobrar memórias adormecidas tanto através de vocês, estudantes, adolescentes e jovens, quanto minhas e das minhas. Algumas memórias muito dolorosas, mas fundamentais para a conexão comigo mesma e com o compromisso de construir informação a partir das inter-relações e subjetividades de mulheres negras e suas emoções internas.

A minha existência é composta também de vocês. Parte da construção do meu eu pesquisadora foi feito através das autobiografias de vocês. Fui inserida num lugar sagrado de formação, de conquista de si, pois as cartas alcançaram minhas memórias e certamente as memórias de vocês, minhas colaboradoras, estudantes da Escola Monsenhor disseram-me que existe amor e dor em cada uma que continua lutando para existir.

A partir desses entendimentos decidi ouvir e compreender a solidão, com um olhar muito mais amadurecido, porém sensível, vocês são mulheres que fazem parte do meu âmbito laboral, ouvir e discutir questões que atravessam nossa construção de mulher, de mãe, de filha, de professora e de estudante a partir do letramento racial interseccional. É na intenção de dizer para vocês que tudo que foi dito verbalmente, ou capturado nas entrelinhas dos olhos, dos corpos, da emoção durante a exibição de vídeos importa para nós. Materializamos anseios, confissões, pautas de denúncias,

resistências e representatividade interseccionada pela classe, raça, gênero, idade e região autobiografadas nas cartas.

Vocês disseram muitas coisas, vivenciamos momentos de descontração, dores, tristezas, choros, ausências, anulações. Mas, não desistimos, algumas de vocês quebraram o silêncio e denunciaram a solidão incutida no racismo, preconceito, na pobreza, no bullying, no analfabetismo. Não foi fácil ler cada linha escrita por pessoas tão jovens, mas que carregam histórias de vida dolorosas e solitárias. Todas as denúncias mostraram que precisamos empunhar novas bandeiras, precisamos cuidar da nossa saúde emocional e essa reivindicação vem da pior forma. As autolesões que aconteceram em outrora na Escola Dinorah, ou na escola Monsenhor, ansiedade, desejos de fugir de casa, choros que brotam em circunstâncias diversas são confissões caríssimas, como por exemplo, o “desejo” de tirar a própria vida: somam denúncias urgentes.

As escrevivências em escrita epistolar, as confissões de si, em relatos autobiográficos mencionados nesse trabalho é uma compilação de muitas cartas, cartas que atravessam oceanos, águas diaspóricas, cercas que dividem os roçados, matas que margeiam os rios que inundam nossos olhos, nossas vidas, que banham nossas memórias. Nossas colaboradoras ainda estão descobrindo o potencial que tem em denunciar, desvelar e compartilhar suas dores e/ou seus saberes, seus amores a partir das suas vivências. Suas escritas e narrativas ainda são tímidas, embora não possamos mensurar precisamente o tamanho das suas solidões, as palavras não ditas, as linhas não traçadas são confissões icônicas impressas nas suas trajetórias, nos anos reprovados na escola, nas famílias separadas, na dificuldade extrema em codificar e decodificar a leitura e escrita, no cerceamento de bens materiais, no fechamento das escolas no Campo, na dificuldade de acesso e permanência no âmbito educacional.

Entender as solidões de estudantes negras camponesas a partir das suas narrativas em cartas não foi uma tarefa fácil. Mulheres que transitam entre adolescência e juventude, finalizando o Ciclo do Ensino Fundamental, algumas estudantes que ainda não estão totalmente alfabetizadas. Contudo, em poucos versos, frases curtas, palavras incompletas ou até mesmo indecifráveis disseram muitas coisas, nos afirmaram que elas sentem o peso da solidão e existem numa sociedade estruturada pelas demarcações do racismo e sexismo.

Essas mulheres caminham rumo a um território de denúncias, inclusive com os próprios corpos, sentem o preterimento negro mediante preconceito racial, sofrem com a homofobia, a ausência do estado no que diz respeito ao acesso e permanência da estudante do Campo no ensino urbano, assim como, a falta de compreensão, afeto e acolhimento, principalmente das pessoas do convívio familiar e educacional. Estão ainda, mais atentas as violações e se habilitam no âmbito das reivindicações como, o direito de amar e ser amada.

Temos ciência que a escravização não acabou suas células estão espalhadas nos trabalhos análogos à escravidão, na distorção idade série, na falta de reconhecimento do sem-teto, na demora da reforma agrária, na inexistência de políticas para os órfãos do tráfico, nos encarceramentos irrestritos da juventude negra, no engodo de algumas religiões, no desemprego desenfreado, na ausência de assistência e de políticas para os/as feirantes, no fechamento das escolas do campo. Para isso é preciso conhecer minimamente a história de lutas encampadas pelos movimentos sociais, seus enfrentamentos em diversas frentes pela preservação da cultura, pelo respeito, reconhecimento e reparação de injustiças históricas provocadoras de desigualdades.

Ser negra não é a mesma coisa que ser negro, ser mulher e negra impõe desafios específicos. A hegemonia patriarcal se mantém em diversas frentes, portanto, nós mulheres precisamos lutar ainda mais e resistir. O esvaziamento de discussões sobre garantias e direitos das mulheres nos espaços a que temos acesso não pode ser naturalizado, precisamos estar pertencente a uma comunidade que nos ofereça condições materiais de humanidade, respeitando o ser individual e coletivo, inclusive, nossas necessidades emocionais. Mesmo que esteja me repetindo no adiantado dessa narrativa é preciso que eu diga o quanto essa escrita significa para mim.

Minha inserção no Mestrado Profissional em Educação do Campo não facilitou minha existência, pelo contrário, os retalhos estão costurando em mim uma enorme colcha, e com espaço para tecer franjas, e muitas camadas de babados. Ousei-me a escrever um trecho dessa carta em poema que intitularei de:

O fardo de retalhos

O fardo está pesado!

Embora, alguns retalhos melindrosamente tecidos com fios leves de sedas remetendo-me a literatura de Alessandro Baricco “Seda”, onde viajo, descanso, conheço lugares e pessoas, amores e solidões...

O fardo está pesado!

Interseccionado por uma profusão de estampas de lutas, bandeiras e nuances de cores que aprisionam e libertam,

O fardo está pesado!

As estampas carregadas de paisagens da roça, da África levaram-me a refazer o caminho dos meus antepassados com a literatura “Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves (2006)

O fardo está pesado!

Tem rostos pintados em tons de preto, minha mãe, minha filha, minhas irmãs, minhas alunas, minhas afilhadas, minhas vizinhas, minhas amigas, conhecidas e desconhecidas.

O fardo está pesado!

Frases de Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Ângela Davis, Akotirene e Kiki, bordadas em tecidos de algodão cru, nos convidando a conhecer terrenos áridos e encampar a luta antirracista.

O fardo está pesado!

Tem pedaços de juta dependurados que precisam de ajustes, com memórias da feira livre e dos cafezais.

O fardo está pesado!

Ahh! Tem uma franja que está sendo emendada com retalhos leves e fluidos que retratam uma casa novinha, uma balança da justiça, um aparelho de radiografia e uma estrada longa de pedras e plumas que resvalam numa encruzilhada feita por retalhos com figuras de crianças, pets, fogueiras e comidas típicas, tem a ciranda de Lia, tem o samba de Dona Santa, tem mainha embalando meu sono, tem uma estrela vermelha e dentro tem o desenho de uma mão feminina, preta em punho,

O fardo está pesado!

Tem as estudantes que aprenderam a amar e serem amadas dentro da escola, e tem a escola dentro da UFRB, tem escolas na roça e tem Mukanda tudo em retalhos de cor amarelada compondo minha indumentária carregada de lembranças dos(as) meus(as) que já se foram, que se perderam, ou que se distanciaram, e os que estão por vir.

O fardo é suportável!

“Aprender a amar é uma forma de encontrar a cura” (BELL HOOKS, 2010).

Minhas queridas, tentei resumir nesta carta a trajetória de 2 anos, anos de estudos, aprendizagens, descobertas, frustrações, desilusões e amores. Vocês me

ensinaram a pesquisar melhor, a UFRB, novamente ampliou meus conhecimentos através de literaturas fundamentais para minha vida, assim como, avançar em metodologias que buscava ouvir e tomar o outro como capaz de dizer sobre si. Vocês me pausaram quando acelerei, me frearam quando tive pressa, me disseram não quando tinha a certeza do sim.

Por várias vezes me vi em vocês, refiz o caminho da minha infância e juventude, caminho de muitas angústias, abusos, frustrações, privações, e tantos outros caminhos de descontrações, brincadeiras e amizades e no caminho de volta encontrei novamente comigo, agora, no tempo presente do eu pesquisadora em construção para compreender que o que vivi nos meus momentos de solidões foram muito maiores do que eu imaginava, atravessou gerações como flechas certeiras de quem sabe quais são seus alvos, como se fosse genes predeterminados para nós mulheres pretas.

As vivências, causos, relatos, experiências de vocês sejam aos gritos, denunciados, confissionados ou simplesmente quando estão silenciadas ou silenciosas demonstraram que a solidão é sem dúvida parte das experiências emocionais historicamente perpetuadas em nossas vidas negras femininas. Más também gritaram que tens o direito de amar e ser amada e que estão despertando para denunciar as opressões.

Cada dia que traçava o meu planejamento e chegava na escola Monsenhor levando vídeos, dinâmicas, textos e certezas, era sofrido, doloroso, pois antecipava meus preconceitos para adivinhar quais fraturas seriam acionadas, acredito que vocês tenham hoje mais argumentos, aporte teórico e cultural que lhes colocam possivelmente num lugar de estudantes com letramento racial. Temos mais armas para debatermos e combatermos o racismo e patriarcado, assim como estão construindo conhecimentos sobre pertencimento e respeito pelo amor próprio, portanto, até mesmo quando não haver ouvidos para nos ouvirmos, leis para nos ampararmos, abraços para nos acolhermos, sabemos que temos a nós mesmas e que cada uma que é citada nesse relatório é importantíssima para a continuidade do “ser” feminino.

Foi nesse cenário de idas e vindas que construímos esse trabalho que fala do que é mais íntimo, mais sagrado, mais doloroso, mais saboroso, o sentimento de solidão e amor, de descobertas, denúncias e aprendizados em reconhecer que merecemos muito mais do que temos, entender que historicamente somos preteridas pelo recorte da cor, do sexo, do lugar, da idade, da religião e da classe, que somos adoecidas pela estrutura

do patriarcado. Queria dizer para vocês muito obrigada! Obrigada pela parceria e pela confiança, tudo que foi dito, foi visto e será perpetuado como instrumento de letramento de denúncia e enfrentamento às formas de preconceito.

Não foi fácil nosso diálogo. Foi necessário lançar mão de outras estratégias para que fosse dito o que é tão difícil dizer. Vocês se escondiam, escapavam e eu saía catando vocês nos corredores, nos banheiros, porque não queria deixar ninguém para trás, tinha apenas uma certeza, a de que precisava me juntar a vocês, tinha um questionário, textos e vídeos achando que era suficiente para entender o que fazia estudantes negras se machucarem fisicamente e de que forma poderia ajudá-las. Não foi suficiente, foi preciso bem mais do que estava posto, redefinir encontros, fazer questionários, criar grupo de Whatsapp, socializar mensagens fora do horário educacional, criar premiações, disparar formulários e tivemos encontros maravilhosos. Assim como as cartas de vocês estou me despindo de toda e qualquer vaidade para dizer que vocês me ensinaram na prática que para chegar aonde eu queria precisava ser de mãos dadas com vocês. Horas em passos largos, horas sem sairmos do lugar.

A você minha mãe, acho que te devo desculpas. Rememorar nossas histórias pode não te deixar tão confortável, tocar em nossas feridas dói um pouco, mas o saldo da sua maternidade é positivo e bonito, obrigada por ter feito parte da minha vida, por ter sido benevolente nas minhas decisões, por todos seus sorrisos, pelos poucos abraços e pelos “eu te amo” dito com os olhos ou um elogio, obrigada por acreditar em mim, e por me oferecer o anel pela minha formação em pedagoga, mesmo quando estava se despedindo desse mundo que não te acolheu tão bem, não deu tempo minha mãe, mas te prometo que colocarei um anel em sua homenagem. A educação me colocou em um lugar muito melhor, a UFRB mudou minha vida e permitiu que eu colecionasse mais um título. Você minha querida imprimiu em mim um tanto de você que carregarei até quando fechar meus olhos em pela última vez. Ando um pouco cansada, pois tenho que lidar com nossa vida siamesa. Obrigada meu amor de mainha, sinto sua falta, das suas mãos sempre frias e molhadas me afagando. Amo-te infinitamente.

As minhas filhas que durante anos tem me dado motivos para eu caminhar em frente. Obrigada pela parceria, compreensão, carinho e apoio irrestrito me incentivando em decisões tão difíceis para nós. Ana Isabel não é sujeito de investigação dessa pesquisa, mas não poderia deixar de citá-la, a mulher mais emotiva que conheço, mais coerente e comprometida, que tem me mostrado todos os dias que se importa consigo mesma, que se ama para amar sem silenciar e sem ser silenciada, que se respeita para

respeitar e por ter me dito infinita vezes o quanto me ama, o quanto sou importante e o quanto se orgulhava das minhas conquistas. Você desperta em mim sentimentos que não consigo dizer em palavras, pois, quando sinto pulsar meu sangue sinto você aquecendo-o e percorrendo cada milímetro do meu corpo. Queria dizer que sem vocês eu não existiria na pessoa que sou.

A você Gabi, que tem me motivado a entender cada dia mais que a cada crise, a cada explosão, a cada queda há vida pujante, quase sempre desordenada, mas há vida, que grita da maneira mais dolorosa cortando literalmente na própria carne, que existe vida. Me perdoa minha filha pelas vezes que não te pedi perdão, pelas vezes que não te levantei do chão, pelas vezes que não quis ouvir seus gritos, me perdoa pelas ausências de elogios e por negligenciar sua forma de vida. Queria te dizer meu amor que você está em mim, é uma o pedaço da outra em solidão e estou aprendendo a viver nossa vida respeitando nossos sentimentos.

Por fim, não menos importante, gostaria de citar nesta carta a minha orientadora kiki Givigi, que em 2019 quando eu era aluna especial, ministrou o Componente Curricular, onde sabiamente, manipulou todos os mecanismos objetivos para nos ensinar sobre as nuances do feminismo e patriarcado, do racismo e letramento racial, a beleza e as lutas e culturas do Campo, usou seu exemplo muito bem referenciado por literaturas tão importantes para nos falar dos privilégios da branquitude. Minha querida, acho que você não dimensiona o quanto tem formado pensamentos menos racistas e menos preconceituosos, você tem construído reflexões que ganham as cartas, os vídeos, as redes sociais, as comunidades rurais. Você contribuiu para que eu seja uma professora mais competente e responsável, uma mãe mais atenta e próxima das minhas filhas e uma filha que pode se reencontrar com a mãe que já não está nesse plano terrestre, depois de mais de uma década de distanciamento.

As cartas epistolares me permitiram visitar meus traumas reconstruir pontes, restaurar sonhos e desejos. Conhecer outras pessoas e outras vivências que precisam serem mais acessadas e visibilizadas com maior aprofundamento no tocante do sentimento da solidão. As cartas para mim foram como um divã, o terapeuta que ainda não acessei, foi a confissão na sacristia, foi a benção e a assunção, foram também desafios na construção do meu eu pesquisadora. Esse gênero textual que para muitos possa parecer démodé é um inventário que toda pessoa deveria fazer, minhas colaboradoras podem até ter resistido à escrita, mas não demoraram a entenderem que a carta era uma forma de expressão que traduz nossos sentimentos e movimentos dando

vida a cada um deles. Portanto, a carta pra mim é um portal, onde quem passa por ele leva e traz experiências de vida inesquecível que ressignifica a humanização.

Finalizarei essa carta, a qual dedico aos meus irmãos, irmãs, amigas, a nós mulheres e em especial as minhas filhas, mãe e colaboradoras da Escola Monsenhor com a fala de nossa cirandeira Lia de Itamaracá publicada em um reels postado no instagram @liadeitamaracaoficial

[...] Lute para adquirir o que quer.
Se vai fazer, lute! Quer ganhar lute
para chegar aonde a gente quer.
Minha ciranda não é minha só
ela é de todos nós, é de todos nós.
A melodia principal quem tira é a segunda voz,
é a segunda vós.
Pra se dançar ciranda juntamos mãos com mãos
[...]

Portanto minhas queridas, desejo que vocês possam ser protagonistas, da primeira e/ou a segunda voz e que essa voz se multiplique ecoando em cada roçado, em cada casa de farinha, em cada escola da zona rural ou urbana, em cada universidade, em cada coração que ainda não aprendeu o que é o amor. Que vocês sejam preferidas, amadas e que se amem principalmente, que tenham força para lutar contra toda e qualquer forma de injustiça, que resistam, reajam e reivindicuem um lugar melhor para cada uma e que na morada de vocês o amor possa desposar e que vocês reconheçam sobretudo, as formas de solidões e as denunciem em todos os espaços de luta.

Com carinho, Professora Anaci

Amargosa, BA. 25 de janeiro de 2024

10- REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.
- ALVES, Eliana Cruz. **Água de barrela**. – Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- ANZALDUA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. In: Estudos Feministas, Ano 8, 2000, p. 229-23
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAUER, Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra. A entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. (Editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BISHOP, Elizabeth. **A arte de Perder**. Por Augusto Nunes Atualizado em 31 jul 2020, 15h11 - Publicado em 28 Maio 2010, 21h50. In: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/um-poema-de-elizabeth-bishop-2>
- BLAS, Verônica Sierra. In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) Brasil. Entrevista concedida a Revista História da Educação 2017.
- CABNAL, Lorena. **Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política** in: <https://medium.com/@pacsinstituto/defender-o-territorio-terra-e-nao-defender-o-territorio-corpo-das-mulheres-e-uma-incoerencia-4ec7621e790b>
- CALDART, R. S. **Campesinato; Cultura Camponesa; Educação do Campo; Indústria Cultural e Educação; Povos Indígenas; Quilombolas; Povos e Comunidades Tradicionais; Terra; Território** In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.
- Collins, Patricia Hill **Interseccionalidade/** Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.
- CNE/CEB, 2002. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_resolucao_%201_de_3_de_abril_de_2002.pdf
- CARNEIRO, Sueli. A miscigenação racial no Brasil. In: **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. p. 66-69. (Coleção Consciência em Debate).
- CARNEIRO, Sueli. **Sobrevivente, testemunha e porta voz**. Entrevista com.Revista cult in <https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/#.XRLdj1WrdgK.facebook> 2017
- CRUZ, Victoria Santa. **Gritaram-me Negra**. Poema Musicado <http://sarauxyz.blogspot.com/2015/07/gritaram-me-negra-victoria-santa-cruz.html#.XdY3fsBKjIU%20visitado%20em%2021/11/201>
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Ciranda das Mulheres Sábias: Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro. Pallas, 2022.
- EVARISTO, Conceição. **Vozes Mulheres**. Poemas da recordação e outros movimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25. In: <https://marcioadrianomoraes.com/visualizar.php?id=7351878>
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Editora UBU, Brasil, 2020
- FERNANDES, Fernanda. **Ciranda: história e origens**. 02 Julho 2021. In: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17261-ciranda-hist%C3%B3ria-e-origens>

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996
- GIVIGI, Kiki. Projeto **MUKANDA**. Salvador - UFBA (2020) p. 02-65
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. Escritas epistolares e história da cultura escrita na sua relação com a história da educação: uma entrevista com Verónica Sierra Blas: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/75872>
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 28ª ed. – Rio de Janeiro. Record. 2022
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos**. Org: Flávio Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020
- HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, Bell. Sexismo e experiência das mulheres negras escravizadas e Mulheres Negras e Feminismo Ain't I a Woman? Black women and feminism. Boston: South End Press, (1981) cap. 1 e 5, p. 13-37 p. 114-139.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. Mulher Negra: Portal Geledés. 2010. In: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>
- ITAMARACÁ, Lia. Série Cada Voz 2022 - Enciclopédia ITAÚ Cultural. Visitado In: <https://youtu.be/FjmsTIxxK70?si=G9E3IUZNfNdSsloQ>
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação. Episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó 2019.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986
- MEIRELES, Mariana Martins de; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 15, n. 39. 2018. In: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/search/results>
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **O mundo e a diversidade: questões em debate**. Estudos avançados 36(105), (2022).
- MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Estudos Avançados (50), 2004.
- NASCIMENTO, Elizeu Clementino. Pesquisa (Auto) Biográfica. Programa Diálogos/TV Universidade - UFMT – Youtube. Visitado In: <https://www.youtube.com/watch?v=XmU11cqQ-u0>
- NASCIMENTO, Tatiana. **Quem nomeou essas mulheres “de cor”?** políticas feministas de tradução que mal dão conta das sujeitas negras traduzidas. Translatio. Porto Alegre, n. 13, Junho de 2017 Tradução e Diásporas Negras. P. 127-141 In: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/71586>
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulheres negra: Afetividade e solidão**. Edufba, Salvador 2013.
- PACHECO, C. **“Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia [2008]. Disponível In: <https://cdn.revistaforum.com.br/wpcontent/uploads/2015/09/PachecoAnaClaudiaLemos.pdf>.
- PALMEIRA, Lara Virgínia Saráiva. **A força da Escrita de Glória Anzaldúa**. Revista Entrelaces • V. 1 • Nº 14 • Out.-Dez. ISSN 1980-4571 (2018) p. 189-204. In: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39803/1/2018_art_lvspalmeiras.pdf

REIS, Máira Lopes dos. **“A Universidade não é um espaço feito para gente, mas a gente está ocupando”**: mulheres camponesas na licenciatura em educação do campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB. Salvador, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo. **Quilombos, Modos e Significados**. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista**. In: A branquitude em ação – Formas de manutenção de poder e o “medo branco”. São Paulo 2012. p. 75-82 In: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012>

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: Edufba, 2018.

WEINBERG, Mônica e MIZUTA, Erin. Revista VEJA, 27 de abril, 2005 p.127-128 In: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/hc102.pdf>

SOZINHAS - **Violência contra mulheres que vivem no campo**. Reportagem de Ângela Bastos. in: <https://www.youtube.com/watch?v=XEuJ9XT2yX8>

11- ANEXOS

4- QUESTIONÁRIO

5- QUESTIONÁRIO

6- DIÁRIO DE BORDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

Mestrado Profissional em Educação do Campo

Mestranda – Anaci de Jesus Alves Venegerolis Silva

1- QUESTIONÁRIO 01

Qual o seu nome?

Você se reconhece em qual gênero?

() feminina () outros qual

Quantos anos você tem?

Qual a sua cor?

Você se declara:

() branca () negra () parda () indígena () outros

Onde você mora - endereço?

Com quem você mora?

Você tem religião? Qual?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

Mestrado Profissional em Educação do Campo

Mestranda – Anaci de Jesus Alves Venegerolis Silva

2- QUESTIONÁRIO 02

Você gosta de morar nessa localidade? Justifique:

Em qual localidade você já estudou na Zona Rural?

Você gostaria de continuar estudando na Zona Rural se tivesse escolas dos anos finais e Ensino médio? Justifique

Você gosta de estudar na Zona Urbana? Justifique:

Como é sua convivência com professoras (es) e funcionárias (os)?

Como é sua convivência com suas e seus colegas de classe?

Você se relaciona ou já se relacionou amorosamente com alguém da escola?

Você se sente desejada na sua escola ou em outros espaços? Justifique:

Você já sentiu solidão na escola? Justifique:

O que te faz não sentir-se solitária?

Quais são suas atividades favoritas?

Quais são as pessoas com quem você gosta de passar o seu tempo?

Você sente que está vivendo de acordo com o que acredita? Justifique:

O que o deixa triste?

O que o deixa feliz?

Como você gostaria que os outros a vissem?

Quais são as características físicas que você admira em alguém?

Você tende a procurar pessoas para se relacionar parecidas ou diferentes de você? Por quê?

Amargosa, BA. junho de 2023

3- DIÁRIO DE BORDO

1º Encontro/Questionário censitário – 29/06/2023

No dia 29 de junho de 2023 cheguei na turma do 8º ano matutino, abordei a turma durante a aula de Religião sob a regência da professora Sirle. A turma era numerosa e bastante agitada, pois era o primeiro dia da professora regente que estaria substituindo a professora titular. Uma sala muito ampla, retangular tornando quase impossível que as informações chegasse até o final da sala, quando a turma acalmou mais, consegui falar e explicar melhor sobre o que estava fazendo. Apresentei os vídeos Stand Up in: <https://www.youtube.com/watch?v=sn19xvfoXvk> e Triste Louca e má in: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>, após muita dificuldade para instalar os aparelhos de som e projeção. Os vídeos foram bem recebidos causando uma pequena aglomeração a frente do computador, pois não conseguimos projetar. Como já tinha informações prévias das estudantes oriundas da Zona Rural, nesse dia, 09 estudantes estavam presentes na aula, as abordei individualmente entregando-lhes o questionário e o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, 02 estudantes se negaram a responder, 07 devolveram os questionários respondidos incluindo 01 estudante da Zona Urbana.

1º Encontro/Questionário censitário – 31/06/2023

No dia 31 de junho de 2023 cheguei na turma do 9º ano matutino, abordei a turma durante a aula de Religião sob a regência do professor Leonardo. A turma muito numerosa também, a sala com o mesmo padrão estrutural um pouco menos agitada, alguns estudantes debruçados de cabeças baixas, assim permaneceram mesmo chamando a atenção para os vídeos que também tivemos dificuldades para instalar o som. Após exibição dos vídeos duas estudantes comentaram a respeito dizendo ter gostado, um estudante pediu a referência. Encontrei muito mais resistência para que recebessem o questionário. Que foi respondido por 13 estudantes, 02, negaram-se a responder.

2º Encontro/Questionário aberto – 13/06/2023

As turmas do 8º e 9º ano foram abordadas no mesmo dia, sendo o 8º ano durante a aula de religião e o 9º durante a aula de história sob a regência da professora Jamire. Apresentei a proposta do questionário aplicado nesse dia, concomitantemente apresentei os vídeos: “Eu não sou teu nego” in: <https://www.youtube.com/watch?v=qctO0rX24BU> e “The Click Song” in: <https://www.youtube.com/watch?v=W319s4Tvp9Y>. Foi uma experiência preocupante, o 8º ano estava disperso, com brincadeiras e conversas paralelas, como ainda não reconhecia todas as estudantes, elas brincavam com suas identidades negando-se e apontando outras que não correspondiam aos nomes assinados no primeiro questionário. Recorri a professora e entreguei o questionário, sendo que, 03 estudantes preferiram levar para ser respondido em casa e 04 me devolveu no final da aula. Já a turma do 9º ano demonstrou mais interesse e concentração me entregando 11 questionário respondidos.

3º Encontro/Ciranda 8º ano – 04/07/2023

Apresentei a proposta, a turma do 8º ano, que já estava sob a regência da professora titular, Eliziane. A recepção foi bastante indiferente, a turma dispersa, algumas participantes que havia levado os questionários não os devolveram alegando não ter respondido. As atividades foram conturbadas, uma dinâmica frustrada. Apresentei (02) vídeos seguidos: Respeita in: <https://www.youtube.com/watch?v=Hnan1HTbozQ> e Lua Ciranda in: <https://www.youtube.com/watch?v=Vn65ry3qWPk>, depois fomos fazer uma reflexão acerca das exposições, sem muito sucesso, uma pequena aglomeração junto a mesa, enquanto o restante da turma ia se dispersando, inclusive indo embora, evadindo da sala causando um problema para professora que conseguiu contê-los até retornarem e esperar o sinal de dispensa. A fim de apreender alguma narrativa escrita fiz a dinâmica da Árvore da tempestade e da solução. Para que a turma se expressasse a partir do que apreendeu com os vídeos e reflexões, apenas 4 estudantes escreveram “diga não ao racismo”, “luta”, “Billyng não é brincadeira” e a palavra “respeito”.

3º Encontro/Ciranda 9º ano – 06/07/2023

Cheguei disposta a mudar a dinâmica, retirando apenas as colaboradoras da pesquisa, as chamei nominalmente, já havia preparado um ambiente, testado os

aparelhos eletrônicos, o grupo me acompanhou, algumas desviou e não foram. Tive a oportunidade de explicar melhor a pesquisa, da importância mútua da pesquisa no combate ao racismo e machismo a partir das nossas narrativas. Falei da relação da carta que escrevi sobre minha filha... pedia que elas se pronunciassem queria ouvi-las, havia 07 meninas, elas sorriam, se entreolhavam e 02 cochilavam. Exibi o vídeo “Dorme Negrito” in: <https://www.youtube.com/watch?v=dR9AJwjZeIg> e “Eu tenho pressa” in: <https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4&t=243s>, este segundo tocou profundamente uma integrante que foi imediatamente visibilizada por todas, como quem enxergasse nela a única negra do grupo, a menina visibilizada era gorda e a mais retinta das colaboradoras. Ela expressava desconforto, os olhos marujados... pedi que elas escrevessem uma carta para o “eu” delas criança, o que sentia, como gostaria de ser tratada, alegrias, medos. Logo fomos interrompidas pelo sinal de dispensa e elas evacuaram imediatamente. Peguei o contato de uma delas. A adicionei em um grupo de whatsapp “estamos juntas” pedi que adicionasse as demais, assim foi feito.

4º Encontro/Ciranda 8º ano – 22/07/2023

As colaboradoras foram encaminhadas para uma sala extra classe, foram exibidos 3 vídeos enquanto o grupo respondiam algumas questões direcionadas. Percebi que as meninas resistem escrever livremente, assim como se expressarem quando questionadas. Dessa forma, estruturei as seguintes questões:

- 1- DIANTE DA NOSSA CAMINHADA ATÉ AQUI COMO ESTOU ME SENTINDO
- 2- A EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS, AS REFLEXÕES ME FIZERAM LEMBRAR DE:
- 3- EU SENTI OU SINTO SOLIDÃO QUANDO
- 4- TENHO MAIS A FALAR

As meninas, mal prestaram atenção nos vídeos. Devoravam o questionário avidamente. Estavam animadas e uma falou que adorava participar da pesquisa “tudo para não assistir a aula chata de Religião”. Ao exibir o segundo vídeo: “Sem Filtro” in: <https://www.youtube.com/watch?v=fWVTtwI4Rco>, duas das colaboradoras ficaram alvoraçadas, faziam gestos e expressões de quem contemplava a artista de forma sexualizada, ambas da Zona Urbana eram as que mais contribuíam durante nossas

discussões, quando iniciei a ciranda falei um pouco mais da minha pesquisa e das motivações para o trabalho, então essas duas alegaram já terem tentado suicídio, embora, num tom de brincadeira. Senti o grupo um pouco mais receptivo. Fiquei animada! Para encerrar exibi o vídeo: Nathalia e a Solidão da mulher negra/Soul Vaidosa https://www.youtube.com/watch?v=6b_yVGyHKX8&t=22s este último recebeu um pouco de atenção, uma das meninas falou que era importante a pesquisa, pois, muitas pessoas que sofrem e guardam para si o que sentem.

4º Encontro/Ciranda 9º ano – 24/07/2023

A turma estava apática, sem questionamentos, ou reflexões, tiveram pressa em responder ao questionário.

5º Encontro/Ciranda 8º e 9º ano – 21/09/2023 (Remoto)

Logo no início criei um grupo de whatsapp com a ajuda de uma colaboradora. Sempre tentava nutrir o grupo com mensagens e orientações para escrita das cartas. No dia 21 de setembro eu criei um formulário online a fim de melhorar nossa comunicação, uma colaboradora respondeu escrevendo uma pequena carta bastante confusa no sentido da coesão. Noto a ausência de interação, questionamentos, mandei áudios orientando-as, apenas um “bom dia” e nada mais.

5º Encontro/Ciranda 8º ano – 03/10/2023

Acolhi o grupo com o Vídeo Linn da Quebrada - Oração (Clipe Oficial) <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>, em seguida, leremos um trecho da “Cartas para minha avó”, de Djamila Ribeiro, logo após, dedicamos o momento a escrita e audições, conversei com Lia, ela mora com os pais, se automutila sofre humilhação da sua avó por conta da cor (parda). Lia demonstrava ser uma garota introspectiva, carinhosa e calada. Me confissionou vivências áridas, deixando-me desconsertada e sem saber o que fazer, por um momento tive vontade de parar a pesquisa, pois, aquelas confissões denunciava abusos que poderiam ser vivenciados em silêncio por tantas outras mulheres. Em seguida, destinamos um Tempo para a escrita da carta. Finalizamos com a música de Ludmilla - Meu Desapego <https://www.youtube.com/watch?v=hAw6QFzXjOUe> o vídeo Retinta/Nara Couto <https://www.youtube.com/watch?v=I8sVuznzdq0> também disponibilizado pelo whatsapp.

O encontro não foi muito produtivo, as colaboradoras pouco conversaram, precisava encontrar outra estratégia, só os vídeos não estava dado conta para que avançássemos em nossas narrativas, os recursos audiovisuais não funcionavam na maioria das vezes, o grupo de (07) meninas estava disperso, como quem só estivesse esperando tocar o sinal que avisa o final da aula de Religião, e foi isso que aconteceu, saíram em debandada ao soar o sino, uma estudante, veio até a mim e me abraçou, era a mesma que prestava a atenção em tudo, até mesmo no vídeo com som baixo que saía do notebook disputando com o barulho ensurdecido da sala vizinha, outra colaboradora me entregou uma carta.

Encontro Remoto – 04/10/2023

Enviei para o grupo de whatsapp os vídeos do 5º encontro e socializei novamente o formulário com algumas orientações, houve interação.

5º Encontro/Ciranda 9º ano – 05/10/2023

Percebi que esta dinâmica não está mais funcionando, (07) das (14) estudantes se esconderam no banheiro para não participar da Ciranda. Conversei com as que estavam presentes, falei da importância da pesquisa e de suas contribuições, comentei sobre as escritas mais recentes de forma genérica, sem citar nomes e disse que a ciência serve também para construir elementos de enfrentamentos, representatividades e oportunidades para um futuro mais humano. Elas pareceram compreender e uma apoiava-se na outra, se entreolhavam, após os vídeos perguntei se alguém desejaria comentar, salientei que a arte negra é pouco visualizada que precisamos acessar essas performances e fortalece-las. Adicionei quem estava faltando no grupo do whatsapp e pedi que escrevessem uma carta para sua avó.

6ª Atividade/formulário– 16/10/2023

Diante da dificuldade com as devolutivas das cartas e da ausência de reflexões sobre o lugar onde mora e sua relação de pertença, sobre a solidão ou afeto, resolvi fazer um novo formulário com foco nessas questões, apenas uma estudante respondeu, de forma muito rasa. Segue as perguntas:

1. Qual a importância da Escola no Campopara você?

1- Você acha que o Campo e os camponeses são importantes para sociedade justifique:

2- Sabemos que um grupo de meninas se automutilavam. O que você acha que essas meninas sentiam para chegar a se machucarem?

3- Se você ainda não escreveu um pouco sobre suas vivências que tal escrever agora. Sua história será muito importante para outras pessoas também!

“Obrigada por fazer parte do nosso coletivo. Cirandas em cartas”!!!

6º Encontro/Ciranda 8º ano – 30/10/2023

1º momento iria acolher a turma com o Vídeo: Raízes/Negra Li Fit. Rael. <https://www.youtube.com/watch?v=VQ2BFceN20s>. Mas, infelizmente não conseguimos um espaço e o encontro foi abortado.

6º Encontro/Ciranda 9º ano – 01/11/2023

1º momento acolhemos a turma com o Vídeo: Raízes/Negra Li Fit. Rael. <https://www.youtube.com/watch?v=VQ2BFceN20s>. As estudantes se esconderam, apenas (02) permaneceram com pouca interação, demonstrando total desinteresse. Foi um dia conturbado, demoramos a montar os equipamentos, organizar o espaço com algumas cadeiras. Havia preparado uma dinâmica para a ciranda, seria algumas perguntas onde as colaboradoras iriam responder com plaquinhas “mito” ou “verdade”. Infelizmente o tempo terminou sem que tivéssemos executado a dinâmica. As perguntas para a dinâmica seria as seguintes:

A solidão acontece só no amor

A solidão é uma opção da pessoa

A solidão é mais comum entre mulheres negras

A maior parte das mulheres solteiras são jovens brancas

Depois, iríamos debater as questões, seguida da exibição do vídeo Relações interraciais e a solidão da mulher negra | Djamila Ribeiro

<https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>

Atividade remota/Formulário eletrônico – 25/10/2023

Ao perceber que as colaboradoras resistiam um pouco para responder as questões abertas, resolvemos fazer um novo formulário com questões de múltiplas

escolhas. As colaboradoras sinalizaram pelo whatsapp que estavam atarefadas com provas. Então resolvi pausar nossas atividades. Link do formulário.

<https://forms.gle/kTJ4KZgNMTkijmWQ6>

Juntas com elas...

A carta em Questão

Nome completo*

A sua resposta

O que é a solidão para você? *

- A falta de amigos(as) para conversar
- A falta de um parceiro(a)
- A morte de pessoas queridas
- A falta de dinheiro
- Uma questão que já nasce com a pessoa

Analise as questões abaixo. De acordo com suas vivências

- Você sente solidão por viver numa família que não te apoia.
- Você se sente solitária por causa do racismo
- Você sente solidão por causa do preterimento negro
- Você sente solidão porque mora na roça distante de tudo
- Você sente solidão por saber que muitas outras estudantes sofrem com a solidão

De acordo com a narrativa carta responda:*

- A carta é uma maneira de guardar suas lembranças
- Você não consegue escrever uma carta
- Você gostaria de apresentar suas vivências em outras salas, outros lugares
- Você pensa em enfrentar a solidão sozinha
- A solidão não passa de uma invenção, ela não existe

Leia um trecho do texto "Vivendo de Amor"

O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar. Meu trecho favorito do Evangelho segundo São João é o que diz: "Aquele que não ama ainda está morto" Bell Hooks

- Você já amou ou ama alguém?
- Você se sente amada?
- Você já deixou de ser amada porque sua colega mais branca foi preferida
- A mulher preta não tem o direito de amar.
- A mulher preta tem mais vantagens e privilégios que as pretas

A ciranda perdeu seu formato, as colaboradoras estavam finalizando o ano letivo, atarefadas, o 9º ano estavam eufóricos com as atividades voltadas para formatura, foram saindo do grupo de whatsapp e elas disseram sem palavras que era hora de pausar a pesquisa. E assim aconteceu. Encerramos as atividades na escola.